



Revista do Mestrado e Doutorado em Estudos Linguísticos

Vitória, v.11, n.19 (2017)

**Revista (Con)Textos Linguísticos**  
Programa de Pós-Graduação em Linguística  
Departamento de Línguas e Letras  
Centro de Ciências Humanas e Naturais

Av. Fernando Ferrari nº 514  
Goiabeiras – Vitória - ES  
CEP: 29075910  
Telefax: (27) 4009-2524  
www.linguistica.ufes.br  
contextoslinguisticos@hotmail.com.br

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

---

Revista (Con) Textos linguísticos [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística. – v. 11, n. 19 (2017)- . – Dados eletrônicos. – Vitória: PPGE-UFES, 2007-  
Quadrimestral.

ISSN 2317-3475

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos>>

1. Linguística – Periódicos. 2. Linguística – Estudo e ensino. I. Programa de Pós-graduação em Linguística. II. Universidade Federal do Espírito Santo.

CDU: 81(05)

Ficha catalográfica elaborada por:  
Saulo de Jesus Peres  
CRB6 – Reg. 676/ES

**Universidade Federal do Espírito Santo**

Reitor: Reinaldo Centoducatte

Vice-Reitora: Ethel Leonor Noia Maciel

**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação**

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

**Centro de Ciências Humanas e Naturais**

Diretor: Renato Rodrigues Neto

Vice-Diretor: Ricardo Corrêa de Araújo

**Departamento de Línguas e Letras**

Chefe: Alexsandro Rodrigues Meireles

Subchefe: Mario Cláudio Simões

**Programa de Pós-Graduação em Linguística**

Mestrado e Doutorado em Estudos Linguísticos

Coordenador: Daniel de Mello Ferraz

Coordenadora Adjunta: Kyria Finardi

**Conselho Editorial**

Alexsandro Rodrigues Meireles (UFES), Ana Cláudia Peters Salgado (UFJF), Ana Cristina Carmelino (UNIFESP), Ana Lúcia Tinoco Cabral (Universidade Cruzeiro do Sul), Ana Zandwais (UFRGS), Antônio Simões (Kansas University, EUA), Antônio Suarez Abreu (UNESP), Carla Viana Coscarelli (UFMG), Donesca Cristina Puntel Xhafaj (UFSC), Edna Maria Fernandes dos Santos Nascimento (UNESP), Erasmo D'Almeida Magalhães (USP), Eric Guy Claude Laporte (Université Paris-Est Marne-la-Vallée, França), Fernanda Mussalim (UFU), Gregory Riordan Guy (New York University), Gustavo Ximenes Cunha (Universidade Federal de Alfenas), Hylea de Camargo Vale (IBC), Isabel Roboredo Seara (Universidade Aberta de Lisboa, Portugal), Ivo Costa Rosário (UFF), Janaína Soares Alves (UNB), Janayna Bertollo Cozer Casotti (UFES), Janice Helena Chaves Marinho (UFMG), José Olímpio de Magalhães (FALE/UFMG), José Magalhães (UFU), Júlio Araújo (UFC), Juscelino Pernambuco (UNESP/UNIFRAN), Jussara Abraçado (UFF), Leonor Werneck dos Santos (UFRJ), Lilian Coutinho Yacovenco (UFES), Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES), Luciana Lucente (UFAL), Luciane Corrêa Ferreira (UFMG), Luiz Antonio Ferreira (PUC/SP), Luiz Francisco Dias (UFMG), Lurdes de Castro Moutinho (Universidade de Aveiro, Portugal), Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva (UFRJ), Maria Flávia de Figueiredo (UNIFRAN), Maria Luiza Braga (UFRJ), Maria Sílvia Cintra Martins (UFSCAR), Marina Célia Mendonça (UNESP), Marina Terkourafi (University of Illinois at Urbana-Champaign, EUA), Micheline Mattedi Tomazi (UFES), Miguel Oliveira Jr. (UFAL), Pablo Arantes (UFSCar), Rebeka Campos-Astorkiza (Ohio State University, EUA), Renata Archanjo (UFRN), Ronice Müller de Quadros (UFSC), Sônia Benites (UEM), Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG).

**Comissão Editorial**

Alexsandro Rodrigues Meireles (Editor-gerente), Janayna Bertollo Cozer Casotti (Editora de Seção), Lúcia Helena Peyroton da Rocha (Editora de Seção), Micheline Mattedi Tomazi (Editora de Seção).

## SUMÁRIO

<u>COMO DEFINIR O FALAR DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI?</u> Cíntia da Silva Pacheco	<a href="#">PDF</a> 9-26
<u>GRAMATICALIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CONCLUSIVOS ANAFÓRICOS</u> Cristina Lopomo Defendi, Flávio Biasutti Valadares	<a href="#">PDF</a> 27-41
<u>Consequências do contato entre o vêneto e o português em Santa Maria do Engano, Alfredo Chaves/ES: o ditongo nasal tônico &lt;ão&gt;</u> Edenize Ponzo Peres, Sílvia Angela Picoli Meneghel	<a href="#">PDF</a> 42-62
<u>O PRONOME A GENTE NA FALA MACEIOENSE: UM ESTUDO SOCIOLINGÜÍSTICO</u> Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória	<a href="#">PDF</a> 63-82
<u>O USO DO PRESENTE DO SUBJUNTIVO EM VARIAÇÃO COM O PRESENTE DO INDICATIVO NO FALAR CULTO DE FORTALEZA</u> Hebe Macedo de Carvalho, Aluiza Alves de Araújo, Artur Viana do Nascimento Neto	<a href="#">PDF</a> 83-103
<u>A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NA FALA DE UMA UNIVERSITÁRIA CAPIXABA: UMA ANÁLISE BASEADA NO ESTILO</u> Lilian Coutinho Yacovenco, Carolyn Batista Massariol	<a href="#">PDF</a> 104-122
<u>A EXPANSÃO DE PERÍFRASES DE ESTAR+GERÚNDIO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO</u> Maria Marta Pereira Scherre, Jucilene Oliveira Sousa Basílio	<a href="#">PDF</a> 123-144
<u>A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA FALA DE GOIÁS</u> Shirley Eliany Rocha Mattos	<a href="#">PDF</a> 145-166

## APRESENTAÇÃO

Esta edição da Revista (Con)textos Linguísticos, cujo tema é *Modelos Baseados no Uso*, tem por objetivo reunir trabalhos que analisem fenômenos linguísticos pertinentes aos campos dos mecanismos funcionais da língua em uso, da variação e mudança linguística e do contato linguístico. Dessa forma, os artigos aqui apresentados discutem questões fonético-fonológicas e morfossintáticas com base em dados orais e escritos, levando em consideração a intrínseca relação entre língua e sociedade.

O artigo intitulado “Gramaticalização: um estudo de conclusivos anafóricos”, de Cristina L. Defendi e Flávio B. Valadares, analisa, sob a perspectiva da Gramaticalização de Christian Lehmann (1995 [1982]), conclusivos anafóricos em dissertações e teses das áreas de Direito e Medicina. Os resultados evidenciam o uso cada vez mais frequente de expressões como *dessa forma* e *desse modo*, que passam de referenciadores anafóricos a conclusivos, substituindo o elemento *portanto*.

Já sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, outros fenômenos são discutidos. Elyne G. S. L. A. Vitória, em seu trabalho “O pronome *a gente* na fala maceioense: um estudo sociolinguístico”, analisa uma amostra composta por 72 entrevistas estratificadas por sexo/gênero, faixa etária e escolaridade dos falantes. Os resultados indicam que *a gente* é a forma mais frequente (76% de *a gente* x 24% de *nós*) em Maceió/AL, sendo a variante favorecida quando a forma precedente também é *a gente*, nas funções sintáticas de objeto direto, adjunto adverbial e sujeito e entre os falantes mais jovens, fato este que aponta para uma mudança em curso. Em relação à concordância de 1ª pessoa do plural, a variante *a gente + IPP* é favorecida por sujeitos implícitos, formas verbais com maior saliência fônica e por falantes menos escolarizados e mais velhos, o que revela uma curva de aquisição de concordância na comunidade.

Outro artigo referente à alternância da 1ª pessoa do plural e concordância com *nós* é o de Shirley E. R. Mattos. Em “A primeira pessoa do plural na fala de Goiás”, Mattos, ao analisar uma amostra composta por 55 falantes, verifica o predomínio de *a gente* (78%) em algumas cidades goianas, resultado semelhante aos registrados em outras áreas urbanas brasileiras. Entretanto, a pesquisa também constata a existência de 21% de casos de não concordância verbal com *nós*, fato este que diferencia a área urbana de Goiás de outras indicadas na pesquisa. A autora postula que esse uso está relacionado a um aspecto identitário local, relativo à valorização da cultura rural pela

comunidade. Por outro lado, o predomínio de *a gente* vincula-se a um uso identitário nacional.

Ainda abordando os pronomes, Lilian C. Yacovenco e Carolyn B. Massariol, em "A expressão do sujeito pronominal na fala de uma mulher universitária capixaba: uma análise baseada no estilo de fala", analisam a variação do sujeito pronominal na fala de uma jovem universitária em quatro situações comunicativas distintas. Em conformidade com a proposta de Alan Bell (1984), verificam que a audiência influencia a variável *estilo*. Constatam, que quanto maior a proximidade – física ou psicológica – entre o falante e sua audiência, maior o uso de sujeitos pronominais explícitos. Assim, na conversa entre amigos - situação comunicativa em que há uma maior proximidade entre falante e audiência -, há maior uso de sujeitos explícitos (89,7%). Por outro lado, na assembleia de estudantes – situação em que essa proximidade é menor -, há menos uso de sujeitos explícitos (55%).

No trabalho intitulado "A expansão de perífrases de gerúndio no português brasileiro", Maria Marta P. Scherre e Jucilene O. S. Basílio discutem perífrases *estar+gerúndio* no português brasileiro. Ao analisarem gravações de fala natural em ambientes formais com falantes da cidade de Vitória, nas quais preponderavam sequências discursivas como relatos de procedimento, de opinião e de acontecimentos, sequências estas que favoreciam o surgimento do fenômeno estudado. Os resultados apontam que, na alternância com o presente frequentativo, as perífrases *estar+gerúndio* são mais frequentes no contexto *irrealis*. Na variação com o infinitivo, prevalecem com maior naturalidade em construções de subordinação (completivas nominais, subjetivas e adjetivas) e em relatos de procedimento e de opinião, apontando relação entre maior material fônico e formalidade discursiva. Na variação com *ir+infinitivo*, há o predomínio do aspecto durativo, apesar da existência da perífrase com verbos pontuais. As autoras postulam que dimensões estilísticas atuam sobre o campo da modalidade discursiva na interação social, sendo o uso da perífrase relacionado a uma dimensão mais subjetiva para atenuar relações discursivas.

No artigo "O uso do presente do subjuntivo em variação com o presente do indicativo no falar culto de Fortaleza", Hebe M. de Carvalho, Aluiza A. de Araújo e Artur V. do Nascimento Neto analisam a variação do presente do subjuntivo e presente do indicativo em orações substantivas e dubitativas com *talvez* em falantes universitários de Fortaleza. Foi observado que, em termos totais, o presente do subjuntivo apresentou 23,9% de frequência, sendo implementado em matrizes não

factuais, de baixa certeza epistêmica, com expressão de modalidade *irrealis*. Por outro lado, há o uso categórico do presente do subjuntivo quando há orações com verbos matrizes não factivos volitivos, resultado este similar aos de outros estudos com dados do Nordeste.

Ainda sob a perspectiva teórico-metodológica da Teoria da Variação e Mudança, mas também levando em consideração as contribuições teóricas do Contato Linguístico, Edenize P. Peres e Sílvia P. Meneghel, em seu trabalho “Consequências do contato entre o vêneta e o português em Santa Maria do Engano, Alfredo Chaves/ES: o ditongo nasal tônico <ão>”, discutem um fenômeno fonético-fonológico – a realização variável do ditongo tônico nasal na fala de 44 descendentes de imigrantes italianos de uma comunidade rural espírito-santense. Os resultados evidenciam que a pronúncia do ditongo nasal com influência vêneta acontece em 28,7% dos casos, sendo favorecida por falantes de menor escolarização, do sexo masculino e da faixa etária mais velha, apontando, portanto, para perda desse traço da língua minoritária.

No campo específico do Contato Linguístico, temos o artigo intitulado “Como definir o falar da fronteira Brasil-Uruguai?”, de Cíntia Pacheco, que analisa diversas nomenclaturas utilizadas para caracterizar variedades usadas em fronteiras linguísticas geograficamente marcadas, como entre o Brasil e o Uruguai. A autora discute não apenas a nomenclatura para a língua utilizada, mas, também, os valores que estão subjacentes a cada uma delas. Por fim, Pacheco ratifica proposta de A.M. Carvalho sobre a denominação da língua falada nessa fronteira e também a intitula *português uruguaio*.

Boa leitura!

Lilian Coutinho Yacovenco  
Edenize Ponso Peres  
Lúcia Helena Peyroton da Rocha



## COMO DEFINIR O FALAR DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI?

Cíntia da Silva Pacheco<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo desse artigo é discutir as várias nomenclaturas destinadas à fronteira Brasil-Uruguai desde a década de 60 quando o falar uruguaio foi identificado e registrado. Desde então houve as denominações de dialeto misto, fronteiriço, interlíngua, dialetos portugueses do Uruguai, pré-pidgin, pidgin, portunhol e, a partir da década de 2000, a expressão português uruguaio.

**Palavras-chave:** Portunhol. Português Uruguaio. Interlíngua.

**Abstract:** This article aims to discuss the many terminologies used to designate the Brazil-Uruguay's border since the 60's when the Uruguayan speech was identified and recorded. Since then, different terminologies have been used, such as mixed dialect, borderline dialect, interlanguage, Portuguese dialects from Uruguay, pre-pidgin, pidgin, Portunhol (a mixture of Portuguese and Spanish, similar to what is called Spanglish) and, since the second decade of 2000, the term Uruguayan Portuguese.

**Keywords:** Portunhol. Uruguayan Portuguese. Interlanguage.

### Introdução

“Entretanto, a menos que os uruguaiois adquiram o português *standard*, a interferência do *fronterizo* poderia ser institucionalizada como Português Uruguaio” (Tradução nossa) (Hensey, 1972, p. 78)<sup>2</sup>. A partir da citação de Hensey (1972, p. 78) sobre a língua da fronteira, já é possível identificar um traço de que se tratava de uma variedade linguística do português, conforme evidencia Carvalho (2003). A própria terminologia “português uruguaio” já é mencionada por Hensey, mas apenas para o português falado pelos bilíngues, enquanto o *fronterizo* é reservado para os monolíngues.

Estudando o contato de línguas, percebemos a nomenclatura diversificada que cada autor atribui para o falar da fronteira Brasil-Uruguai. Para cada definição, obviamente, existem as crenças ideológicas, as posições linguísticas e as linhas teóricas assumidas pelos estudiosos. Por isso, com relação à denominação da variedade fronteiriça, é importante deixar claro o que faz parte do senso comum e o que de fato é comprovado e estudado pela

---

<sup>1</sup> Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES; Centro Universitário de Brasília – UniCEUB; Brasília-DF; Brasil; cintialetras@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> “However, unless Uruguayans acquire standard (i.e., Brazilian) Portuguese, interference of the *fronterizo* type may become institutionalized and yield a specifically Uruguayan Portuguese” (HENSEY, 1972, p. 78).

Linguística. Como o objeto deste estudo é bastante complexo e singular, descrevemos nesta seção algumas características e classificações dadas pelos estudiosos da área.

Para classificar a situação do contato entre o português e o espanhol na fronteira Brasil-Uruguai, os principais termos ou expressões são listados abaixo:

- Dialeto misto, *fronterizo* (RONA, 1963; HENSEY, 1972).
- Interlecto (HENSEY, 1969)
- DPU (Dialectos portugueses del Uruguay) e pré-pidgin (ELIZAINCÍN, BEHARES e BARRIOS, 1987).
- Portunhol (MOTA, 2012; STURZA, 2005; FAULSTICH, 1997).
- PU (Português uruguaio) (CARVALHO, 2003).

Essas nomenclaturas serão detalhadas adiante, especialmente para que se tenha uma visão de conjunto de como o português da fronteira foi sendo classificado ao longo dos anos, desde sua descoberta pelos linguistas.

### **Dialeto misto, *fronterizo* e pidgin**

Na década de 60, Rona (1963, p. 5) confirma a existência do *dialecto mixto* que denomina *fronterizo*, ou seja, um dialeto de base portuguesa que misturava o português falado na parte meridional do Rio Grande do Sul e o espanhol falado no Uruguai.

Posteriormente, Rona (1963) propõe dois dialetos fronterizos diferentes: o de base portuguesa e o de base espanhola. Segundo Behares (2010), foi graças a Rona que Celso Cunha, em 1979, incluiu em sua gramática o Dialeto Fronteiriço entre as variedades do português faladas no mundo. Sobre a constituição linguística dos *fronterizos*, Rona (1963, p. 7) afirma que

consiste éste en una mezcla de portugués y español, pero que no es ni portugués ni español y resulta con frecuencia ininteligible tanto para los brasileños como para los uruguayos. Esto es, que en la cadena hablada hay trozos enteros que resultan incomprensibles para los luso-hablantes e hispano-hablantes que no conocen el “fronterizo”.

Pela explicação de Rona (1963, p. 7), esse falar fronteiriço poderia ser equiparado a um *pidgin*, pois seria um sistema de emergência surgido da necessidade de comunicação entre

pessoas adultas de diferentes línguas e culturas, sem sistematização, altamente variável e simplificado em relação às línguas que lhe deram origem.

Segundo Couto (1996), a forma **pidginizada** pode levar à **crioulização**, como ocorreu com o francês no Haiti e na Ilha Maurício e com o português na Guiné-Bissau, entre outras situações. A principal hipótese da crioulização é de que o crioulo é um pidgin, nascido a partir do contato entre povos que não conhecem a língua do outro, que se tornou língua materna (**nativização**). A outra é de que haverá o crioulo se o pidgin passa a ser língua principal de uma comunidade (**comunitarização**). Para Couto (1993, p. 91-92), só podemos afirmar que há um crioulo quando este é um pidgin nativizado, isto é, estabilizado em uma comunidade.

Segundo Philip Baker (*apud* Couto, 1996), o crioulo surge da necessidade de comunicação, portanto através de uma evolução lenta e gradual, e não de uma aprendizagem imperfeita da língua do povo dominante. Essa teoria é chamada de “criativista”. Portanto, os crioulos têm diferença social por conta de sua formação sócio-histórica específica, mas do ponto de vista linguístico é uma língua, dialeto ou falar como qualquer outro (COUTO, 1996, p. 17).

Para Couto (1996), os crioulos são, com efeito, línguas mistas, constituídas de léxico das línguas europeias – superestrato – e de gramática das línguas africanas<sup>3</sup> – substrato. Ainda segundo Couto (2002, p. 227), o processo de formação das línguas crioulas e pidgins não pode ser considerado inteiramente como aleatório e caótico, visto que a hipótese da relexificação “prevê que os formadores dessas línguas, em situação de multilinguismo, pegam o significante (ou parte dele) da língua dominante e o associam a significados e possibilidade combinatórias de suas próprias línguas”.

No entanto, pela pesquisa de campo em Aceguá, é perceptível que o falar fronteiriço não é ininteligível, nem é tão indefinido que não se possa claramente notar que se trata de uma variedade do português. Para os falantes da fronteira, talvez, a distinção não esteja tão clara entre o português que eles realmente falam e outros tipos de denominações que não refletem bem a realidade, por conta da insegurança linguística e da estigmatização do falar local, mas, quando se conversa com eles, nota-se que há um bilinguismo pleno e que o português uruguaio tem grande proximidade com outras variedades do português brasileiro.

Dessa forma, os indivíduos sempre se comunicaram e se entenderam bem na fronteira e pertencem à mesma comunidade de fala (baseada na concepção de Labov (1972a) e Scherre (2006)), ainda que dividida politicamente ao meio, pois compartilham normas linguísticas

---

<sup>3</sup> Sabe-se que os crioulos não são formados apenas a partir da língua africana, mas também da língua chinesa como o crioulo macaense.

(em grande parte no caso do português) e sociais. Posto isso, a língua em comum dos dois lados da fronteira é o português, falado como língua materna por ambos os povos. A nosso ver, nunca houve uma terceira língua na região e não há indícios também de que houve na fronteira alguma espécie de *pidgin* ou crioulo como cogitou Rona (1963). As evidências são a existência histórica do português na região, o bilinguismo dos uruguaios, a convivência pacífica dos povos e das línguas etc.

### **Interlecto**

Hensey (1969) associou o português da fronteira às denominações *interlíngua* e *interlecto*. Nesse mesmo ano, Selinker (1969) também aborda sobre *interlíngua*, mas relacionada à aquisição de segunda língua, e não ao bilinguismo social do contato de línguas. Com isso, o autor traz o conceito de transferência linguística para o âmbito da *interlíngua* no sentido de que a língua materna é uma fonte linguística para o desenvolvimento da *interlíngua* durante o processo de aquisição de uma segunda língua, mas não só em matéria de interferência negativa, como também de transferência positiva por representar um sistema seguro que o aprendiz possui como base para elaborar hipóteses acerca do funcionamento da língua-alvo. Assim, Selinker (1969) desmistifica a ideia de que a língua materna é apenas fonte de erros na aquisição de uma L2, e, por isso, o termo interferência linguística cede lugar para a transferência negativa ou positiva.

Nesse mesmo sentido, o Diccionario de lingüística aplicada y enseñanza de lenguas (RICHARDS, PLATT Y PLATT, 1997, p. 419) estabelece que transferência linguística é o efeito de uma língua na aprendizagem de outra. Esclarece que poderia haver transferência negativa, que é o uso de uma construção ou regra de uma língua materna que conduz a um erro ou forma inapropriada na língua-alvo. A transferência positiva é a que facilita a aprendizagem.

O conceito de interferência/transferência está vinculado à versão forte da análise contrastiva (AC), segundo a qual a língua materna seria a primeira e única causa das dificuldades de aprendizagem de uma língua estrangeira e dos erros produzidos pelos aprendizes nesse processo. Daí a convicção de que todos os erros podiam ser prognosticados, identificando as diferenças entre a língua materna e a língua objeto de aprendizagem. Todavia, as pesquisas empíricas mostraram que a interferência da língua materna não explica a maioria dos erros dos aprendizes.

Para essa discussão, é pertinente salientar a observação de Fernandez (1997, p. 16) contra a equação contrastiva de que quanto “maior diferença entre as línguas, maior dificuldade e, portanto, maior número de erros por interferência”. É importante lembrar que o conceito de diferença é linguístico e o de dificuldade é cognitivo. Assim, essa autora aponta que a sua pesquisa “mostrou reiteradamente que a interferência se verifica preferentemente quando os paradigmas da língua-alvo permitem uma estrutura semelhante à da LM [...]” (p. 16). Em outras palavras, a interferência acontece mais frequentemente entre aquelas línguas e estruturas linguísticas percebidas pelo aprendiz como sendo mais próximas, e não o contrário. Seria o caso do par espanhol/português brasileiro.

De forma geral, a caracterização de uma língua materna como tal só se dá se combinarmos vários fatores e todos eles forem levados em consideração: a língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros familiares, a língua da comunidade, a primeira língua adquirida, a língua com a qual se estabelece uma relação afetiva, a língua do dia a dia, a língua predominante na sociedade, a língua de melhor *status* para o indivíduo, a língua que ele tem mais fluência, a língua com a qual ele se sente mais à vontade. Todos esses aspectos são decisivos para definir uma L1 como tal (SPINASSÉ, 2006, p.5).

A aquisição de uma primeira língua ou da língua materna faz parte da formação do cidadão, pois à competência linguística se somam valores subjetivos e sociais, tais como a língua materna, a origem do falante e o uso diário.

De acordo com o *Diccionario de lingüística aplicada y enseñanza de lenguas* (RICHARDS, PLATT & PLATT, 1997), língua estrangeira é a língua não nativa de um país que é estudada para a comunicação com estrangeiros ou para a leitura nessa língua. Os autores fazem uma distinção entre língua estrangeira e segunda língua no sentido de que a primeira “é ensinada na escola, mas não é usada como língua veicular ou como língua de comunicação no país [...]” [enquanto a segunda] “é uma língua nativa num país que é aprendida nele por pessoas que têm outra primeira língua” (1997, p. 241). Eles definem primeira língua como sendo “a língua materna de uma pessoa, a primeira que se adquire [...]” (1997, p. 330). Para Leffa (1998, p. 212):

Uma distinção que também precisa ser feita refere-se aos termos segunda língua e língua estrangeira. Temos o estudo de uma segunda língua no caso em que a língua estudada é usada fora da sala de aula da comunidade em que vive o aluno (exemplo: situação do aluno brasileiro que foi estudar francês na França). Temos língua estrangeira quando a comunidade não usa a língua estudada na sala de aula (exemplo: situação do aluno que estuda inglês no Brasil). Para os dois casos usa-se aqui, como termo abrangente, a sigla L2.

Com relação à língua estrangeira, o conceito de interlíngua coloca o aprendiz como construtor de seu próprio sistema gramatical e postula que seu progresso se dá através de diferentes estratégias, algumas baseadas em sua L1, umas no seu desejo de comunicar-se e outras que podem apoiar-se na Gramática Universal.

A estrutura psicológica latente é um termo para descrever uma estrutura que permaneceria disponível no cérebro do indivíduo para desenvolver a L2, ou seja, seria um dispositivo biológico, parecido com a gramática universal de Chomsky, que ficaria ali apenas para a aquisição de língua estrangeira ou de uma gramática particular. Segundo Selinker (1972, *apud* Liceras, 1992, p. 79), apenas 5% dos adultos chegam a dominar uma L2 como um nativo. A grande maioria jamais chegará a esse estágio, ou seja, percorrerá o *continuum* da interlíngua e apenas esses 95% ativam a estrutura psicológica latente.

Para Selinker (1972, p. 86), o aprendiz constrói sua interlíngua por meio de cinco processos psicológicos principais e inconscientes:

- i. A transferência linguística – resultado de transferências da língua materna;
- ii. A transferência de instrução – resultado de processos de instrução tais como: metodologia, material didático, quantidade e qualidade das amostras de língua-alvo etc;
- iii. As estratégias de aprendizagem da língua alvo – resultado da relação entre aluno e materiais didáticos;
- iv. As estratégias de comunicação na língua alvo – presentes nas tentativas do aluno para comunicar-se com nativos;
- v. A generalização das regras da língua alvo – produto de hipergeneralizações das regras e traços semânticos do material linguístico da língua alvo, ou seja, aplicação de regras em contextos que um falante nativo não as usaria.

Nesse sentido, “uma situación interlingüística se define como uma combinación específica de LM, LO e IL<sup>4</sup>” (SELINKER, 1972, p. 99), o que não significa que devemos conceber a interlíngua como uma mistura aleatória dos sistemas em contato. Assim, as identificações interlingüísticas que unem psicologicamente os três sistemas se ativam em uma

---

<sup>4</sup> LM – Língua Materna; LO – Língua Objeto ou Alvo; IL – Interlíngua.

estrutura psicológica latente quando o indivíduo produz orações da língua alvo (SELINKER, 1972, p. 90).

Nessa perspectiva, o portunhol não deveria ser considerado como interlíngua ou sistema transacional (SELINKER, 1972), mesmo se tratando de um fenômeno linguístico individual. Portanto, o portunhol não é uma língua específica no sentido social da palavra, mesmo porque pode apresentar certas idiossincrasias para um dado falante e não apresentar para outro, ou seja, seria muito mais idioletal do que dialetal. A interlíngua já é sistêmica, com ordenação linguística e social, tem regras linguísticas próprias, ainda que mude constantemente, seja individual e específica de cada aprendiz também.

Uma das características da interlíngua é a construção de um sistema com regras morfológicas, sintáticas e fonéticas próprias, criada pelo aprendiz no processo de aquisição de uma língua estrangeira ou de uma segunda língua. Nemser (1971) denomina interlíngua como um sistema aproximado e o descreve como sistema linguístico desviante empregado pelo aluno que tenta usar a língua meta. Corder (1971) o chama de dialeto (isto é, sistema) idiossincrático ou transicional (dada a sua instabilidade) e esclarece que o dialeto pode ou não refletir o comportamento de um grupo social. Selinker (1972) deixa claro que se trata de um "sistema linguístico independente", regular, sistêmico e também instável presente nas produções (orais e escritas) dos alunos. O caráter sistêmico da interlíngua também é reconhecido e reforçado por Tarone (1983) no seu estudo sobre a variabilidade desse sistema.

Segundo Corder (1971), o aprendiz de L2 não começa a desenvolver sua interlíngua com sua L1, mas com uma versão altamente simplificada daquela, algo como uma memória dos primeiros estágios de aprendizagem da L1. Este sistema básico daria ao aprendiz suas primeiras hipóteses (consideradas por alguns linguistas como as regras universais que estão nas bases de todas as línguas).

Assim, para Corder (1971, p. 63), o dialeto idiossincrático seria a interlíngua ou o dialeto transacional, que se refere a sistemas cujas gramáticas compartilham regras com outras gramáticas, mas também tem suas regras próprias que não são de uma, nem de outra língua, mantendo certa regularidade e sistematicidade.

O termo interlíngua, portanto, insere-se melhor no âmbito da aquisição de segunda língua para explicar o período intermediário de aquisição de outro idioma como uma prática individual.

## **Portunhol**

Muitas áreas de pesquisa como a antropologia social entendem ou aplicam o termo “portunhol” de maneira equivocada. No texto de Hartmann (2003, p. 291), o “portunhol” é visto como a linguagem das classes menos favorecidas ou do meio rural, enquanto o monolinguismo é visto como pertencente a classes mais favorecidas, de maior grau de instrução, como se pode observar na citação a seguir:

Ao contrário de Dona Araceli, no entanto, que passou a vida em Moirones, localidade bastante próxima da fronteira com o Brasil, Tomazito morou durante vários anos na capital do país, onde completou seus estudos, daí a diferença nas formas de expressão dos dois: D. Araceli utiliza o “portunhol” (onde novamente a metáfora “entreverado” aparece, referindo a mistura de idiomas), enquanto Tomazito privilegia o espanhol. Percebe-se com esses dois exemplos que as diferentes regras de fala utilizadas podem ser relativas à origem social do narrador (Tomazito é estancieiro, D. Araceli é lavadeira) mas sobretudo ao grau de instrução e à moradia no campo ou na cidade (a frequência de uso e de aceitação do “portunhol” é muito maior no meio rural). (HARTMANN, 2003, p.291).

Percebe-se, portanto, que o diálogo da Sociolinguística com outras áreas sociais e vice-versa é de fundamental importância para o entendimento mais completo das questões linguísticas. Nesse caso, sabe-se que o portunhol pode ser utilizado para fins comerciais, no caso de situações fronteiriças, independe da classe social do falante, visto que, inclusive, é um fenômeno idioletal, e nem sempre pode ser associado à instrução ou moradia do falante.

Entendemos como portunhol, portanto, a tentativa comunicativa de parte de falantes monolíngues em espanhol ou português na base perceptiva de que a semelhança entre ambas as línguas permite um alto grau de intercompreensão. Pode ser episódico e esporádico, ou seja, só acontece em determinadas situações. Segundo Fernández e Roth (2007, p. 77), “la denominación *portuñol* se aplica más propiamente a la mezcla de las lenguas española y portuguesa producida por desconocimiento de alguna de ellas o como consecuencia de un aprendizaje deficiente”.

Já o português uruguaio é uma variedade linguística falada como língua materna pelos uruguaio há séculos, o que pressupõe também um processo de construção linguística em que intervêm fatores históricos e identitários.

Mota (2012, p. 130) afirma que “o português do Uruguai (que neste trabalho tratamos como portunhol) é, então, uma das línguas constitutivas dos sujeitos que compõem a sociedade que habita a fronteira uruguaio-brasileira [...]”. Faulstich (1997, p. 3, 6 e 9) também admite que o português ou o fronteiriço do sul do Brasil pode ser denominado portunhol ou



variedade mista. Adiante a autora afirma que o contato linguístico na fronteira Brasil-Uruguai resulta numa nova língua.

Todavia, em nosso trabalho, não concordamos com a associação do portunhol, da interlíngua ou do *pidgin* ao que se fala, em geral, na fronteira por algumas razões:

- i. O portunhol não é língua, pois não é uma variedade falada como língua materna, mas apenas uma tentativa de comunicação temporária entre monolíngues.
- ii. Estamos fazendo a diferenciação social e linguística entre portunhol e português uruguaio, uma vez que o primeiro seria uma comunicação momentânea, e o segundo a variedade linguística realmente falada como língua materna pelos uruguaios da fronteira;
- iii. Quando há bilinguismo social, ou seja, quando há a convivência partilhada na comunidade de línguas maternas adquiridas, já não se pode falar de interlíngua nem de portunhol, como é o caso dos uruguaios que falam português e espanhol como língua materna na fronteira;
- iv. O português e o espanhol na fronteira são adquiridos pelos uruguaios, diferentemente do portunhol, que é um código apenas para uma comunicação rápida, e da interlíngua, que é aprendida como L2 ou língua estrangeira dentro de um bilinguismo individual;
- v. Contrariamente à realidade da fronteira, a ideia da interlíngua se baseia na crença de que um aprendiz de L2, em qualquer momento particular de sua sequência de aprendizagem, usa um sistema linguístico que não é nem a L1 nem a L2, ou seja, é simplesmente um sistema intermediário entre L1 e L2, que vai avançando segundo o nível da competência em L2 aumenta.
- vi. Portunhol e *pidgin* não são sinônimos, porque *pidgin* é um meio de comunicação que surge quando há contato de línguas mutuamente ininteligíveis durante muito tempo (COUTO, 2009, p. 99). Além disso, pode tornar-se um crioulo e, portanto, língua materna. No caso do portunhol, ambas as línguas são inteligíveis, o contato não precisa ser duradouro e jamais será língua materna de alguma comunidade.

Ainda há outras nomenclaturas sobre o “falar” da fronteira, caracterizadas por alguns estudiosos precursores dos estudos fronteiriços, como é o caso do *fronterizo*, DPU (dialetos portugueses do Uruguai) e PU (português uruguaio), que serão vistos adiante.

## **Fronteiriço**

Na próxima obra de Hensey (1972), ele parte do conceito de *interlecto* para o de *fronterizo*. Uma passagem importante na sua obra (1972, p. 77) é quando há o reconhecimento de que a fonologia do dialeto do português pode ser descrita diferentemente do português e do espanhol padrão. Nesse sentido, comparando os três sistemas, o autor afirma que *fronterizo* pode ser derivado do português padrão remodelado, em contato com o espanhol.

Em vários outros trechos do livro, o autor nos deixa confusos sobre o que seria de fato o *fronterizo*. Hensey (1972, p. 78) iguala fronteiriço ao português menos padrão e diz que o *fronterizo*, de base portuguesa ou espanhola, seria a língua de alguns uruguaios que não são bilíngues. Depois afirma que é difícil distinguir *fronterizo* do português imperfeito.

A dicotomia feita pelo autor é que o português de bilingue seria falado pela classe média, e o *fronterizo* seria falado primeiro pela classe trabalhadora, supostamente monolíngue. Essa realidade descrita na época de Hensey é muito distinta da que presenciamos em Aceguá, uma vez que grande parte da comunidade uruguaia da fronteira é bilíngue, independentemente de classe social.

Outra observação importante que fazemos é sobre o cuidado com termos pejorativos que não traduzem a realidade linguística da fronteira, como as adjetivações de “português remodelado” (HENSEY, 1972, p. 77), “português imperfeito” (HENSEY, 1972, p. 78), “problema de linguagem” (ELIZAINCÍN, 1992, p. 90). Essas terminologias possuem um juízo de valor que deve ser evitado em estudos científicos sobre a língua.

Com relação à nomenclatura do falar da fronteira, Elizaincín, Behares, Barrios (1987, p. 12-13) retomam o conceito de *fronterizo*, proposto por Rona (1963) e Hensey (1972), e distinguem-no do *portunhol*:

“Portuñol” es la designación más neutra que puede oírse de miembros cultos de la comunidad urbana. Ha sido construída en base a otros términos similares tales como “franglais” o “spanglish”. “Fronterizo” designa a las hablas en base a la geografía dialectal; ha sido usado en publicaciones científicas, por ejemplo por José P. Rona y también (sin traducir) por F. Hensey en sus múltiples aportes al tema. Sin embargo, ha tomado también connotaciones peyorativas, motivo por el cual (aparte el hecho de que la

designación es demasiado amplia: en realidad cualquier lenguaje que surja y se use en una frontera es un “fronterizo”) no lo hemos usado en general en nuestros trabajos sobre el tema.

Entretanto, a distinção entre *portunhol* e *fronterizo* não parece ser tipológica, ou seja, parece que estes termos se referem a mesma coisa, mas com nomes diferentes dados por grupos diferentes. Como o *fronterizo* de Rona e Hensey também era associado a dialeto misto e, portanto, à pidginização, o que houve foi apenas uma mudança de nomenclatura sem alteração de seu significado, ou seja, sem mudar a concepção do que se entendia por esse falar na fronteira.

### **DPU (Dialectos Portugueses do Uruguai) e pré-pidgin**

Nessa mesma obra de 1987, por considerarem esses termos pejorativos, Elizaincín, Behares, Barrios modificam a denominação *fronterizo* para *Dialectos Portugueses do Uruguai (DPUs)*, caracterizados assim por terem a base morfossintática portuguesa.

Ao denominar os DPUs, Elizaincín, Behares e Barrios (1987, p. 25) novamente inserem-nos em um *continuum* pré-pidgin, o que não se sustenta, pois os próprios autores afirmam que os pré-pidgins são efêmeros. Se os DPUs têm séculos de existência, é, no mínimo, inconsistente que os autores classifiquem os DPUs como pré-pidgin, já que seriam efêmeros. A condição de repressão social pode explicar a lenta evolução (transformação) dos DPUs.

Novamente, o que se observa é uma mudança apenas na terminologia, mas a concepção de um pré-pidgin ou de uma mistura de línguas permanece igual. Se um pidgin por si só não é língua materna de ninguém, muito menos o pré-pidgin o será.

Em Aceguá, se escuta bastante a nomenclatura de DPU dentro das escolas uruguaias, na tentativa de não mais se usar a denominação *portunhol*, por conta do seu caráter estigmatizado e popular. Entretanto, o termo *portunhol* ainda é reproduzido por muitos membros da comunidade local, e não somente por membros cultos da comunidade urbana como afirmavam Elizaincín, Behares e Barrios (1987, p. 12).

Sturza (2005) também questiona a classificação linguística e discute a criação de uma terceira língua como uma das práticas linguísticas da população fronteiriça, que incluem o *portunhol* e os DPUs.

Nessa fronteira, do Rio Grande do Sul com os países da bacia do rio da Prata, sobretudo na zona fronteira do Brasil com o Uruguai, há ainda uma terceira "língua", que não é nativa, não é a do imigrante, não é a do Estado. É a que funciona como mais uma nas práticas linguísticas de grande parte da população fronteira e que resulta do cruzamento das línguas portuguesa e espanhola, da extensão ou do influxo de uma língua em território lingüístico da outra.

Essas práticas foram designadas de dois modos: o portunhol – que abrange uma maior extensão de contato, ainda que com caracterizações discutíveis e pouco definido enquanto fenômeno de contato linguístico, e os DPUs – Dialetos Portugueses do Uruguai –, que gozam de um reconhecimento maior, de pesquisas e estudos regulares da linguística internacional. (STURZA, 2005, p. 48).

Como já argumentamos, a realidade da fronteira é do português e do espanhol como línguas maternas, e não de uma terceira língua diferentemente do português e do espanhol. Além disso, o português uruguaio já é reconhecido pelo Uruguai, ainda que seja o espanhol a língua nacional e utilizada pelo Estado. A constituição uruguaia não indica o espanhol como língua oficial, mas se refere ao espanhol como a língua nacional (CARVALHO, 2008, p. 65).

Na segunda parte da citação de Sturza (2005, p. 48), não fica claro se o portunhol e os DPUs fazem parte dessa terceira língua e qual a diferença de fato entre os dois termos. Essas definições de língua vêm-na apenas como sistema, ora de regras interacionais, ora de regras sistêmicas.

Na fronteira Brasil-Uruguai, especialmente em Aceguá, a maioria dos falantes uruguaio são bilíngues. Por isso, do ponto de vista linguístico e científico, não se pode confundir o portunhol com o português da fronteira, porque o português falado no Uruguai, especificamente em Aceguá, é língua materna e existe há mais de três séculos, pois se trata de comunidades bilíngues que falam o português e o espanhol, uma vez que o contato linguístico é estável. No caso do portunhol, seria uma tentativa de monolíngues de se comunicarem, especialmente em situações comerciais na fronteira.

Assim sendo, existe um senso comum associado à existência do portunhol que sempre esteve vigente, e os próprios moradores da fronteira se identificam com esses discursos veiculados pela população em geral e também pela mídia. Com relação aos meios midiáticos, Carvalho (2008, p. 66-67) já havia estudado a influência da televisão sobre a urbanização do português uruguaio a partir da “atitude dos falantes em relação às culturas ao seu redor que permite que a televisão se torne uma fonte útil de modelo linguístico”.

Elizaincín, Behares e Barrios (1987, p. 12) já registravam algumas maneiras pelas quais os falantes se referiam à variedade local deles como *Brasileiro* (em toda a zona fronteira entre Brasil e Uruguai), *Bayano* e *Carimbão* (especificamente no departamento de

Tacuarembó). As nomenclaturas *portunhol*, *entreverado*, *mistura* são bem recorrentes na fala dos aceguaenses também, como a de um jovem uruguaio, filho de pai brasileiro e mãe uruguaia, que, ao ser questionado se a mãe falava o português, responde:

1. *Fala, fala pouco, entreverado, um portunhol mais entreverado, porque em realidade não falemo português, português... é um portunhol.*

O próximo exemplo é de um senhor uruguaio que fala sobre a dificuldade que tem nas duas línguas, português e espanhol, tanto na fala como na escrita, diferentemente de seus filhos brasileiros.

2. *Isso aqui, a cultura é mais ou menos a mesma, de toda a gente se confunde. Pra nós, não temos... vocês que vêm de longe podem notar a diferença, mas pra nós, a gente criou um dialeto pra falar, a gente fala portunhol, não fala nem espanhol nem português. Eu, por exemplo, hoje, não consigo escrever nenhuma das duas línguas de forma correta. Eu não escrevo nem português correto, nem espanhol. Eu faço uma mistura, eu troco o C pelo Z, eu troco... nós no espanhol não temos Ç. Eu estou reaprendendo com eles, eles que estão me ensinando, porque eles estão indo, eles são uruguaios, mas estudam em escola brasileira, então a [...] que já está na oitava série, que eu pergunto: como escreve tal coisa? Como é que escreve tal outra? Porque pra mim [...]*

Ainda que boa parte dos falantes tenha domínio do português, percebe-se que há certa insegurança linguística entre os uruguaios falantes de português na fronteira. Assim, para não se comprometerem em dizer que falam português, porque são conscientes de que em vários casos não é um português padrão, eles preferem chamá-lo de portunhol. Esses depoimentos nos dão indícios de ser uma fala desprestigiada pela comunidade, porque há constantemente uma conotação inferior da fala local, que não é nem o espanhol nem o português, como eles gostariam que fosse, mas sim uma “mistura” das duas línguas, como eles mesmos se referem à variedade linguística da fronteira.

## **PU – Português Uruguaio**

Diante de todas essas tentativas de designar o falar da fronteira, torna-se crucial a denominação *português uruguaio* proposta por Carvalho (2003), que afirma que a percepção da mistura é mais ideológica do que real ou científica. Segundo a autora, do lado brasileiro, fala-se o português do Rio Grande do Sul e do lado uruguaio fala-se o espanhol e o português,

sendo o português uruguaio um contínuo que oscila num *continuum* entre o português culto urbano e o português não culto rural. Portanto, o português uruguaio não é uma língua diferente, tendo em vista que os dialetos falados na fronteira são variedades de português e de espanhol. A respeito da urbanização do PU, Carvalho (2008, p. 65-66) confirma que

a urbanização que sofreram as comunidades fronteiriças na última metade do século XX tem permitido uma maior receptividade e sensibilidade ao português brasileiro urbano (PB), a variedade falada no país vizinho, o que tem causado o PU local a mover-se na direção do dialeto mais prestigiado. Esta tendência pode ser vista através da incorporação de novas variantes fonológicas na fala de certos grupos, que, ao emprestar formas do PB urbano, iniciam uma mudança linguística desde variantes extremamente estigmatizadas do PU a variantes urbanas brasileiras, as quais se assemelham mais ao padrão ideal. A urbanização do PU, desta maneira, força um movimento na direção contrária de sua origem híbrida e rural, caminhando em direção à assimilação de características linguísticas que são estereotipicamente brasileiras, como resultado do desejo de emular aos falantes das comunidades urbanas monolíngües do Brasil, cujo dialeto é mostrado diariamente na televisão.

Posto isso, o português uruguaio falado pelos bilíngües uruguaio, nas zonas mais urbanas, é parecido com o português brasileiro, porque foi urbanizado. O português uruguaio rural é um dialeto falado nas zonas rurais, que corresponderia, portanto, ao "fronterizo" de base portuguesa de Rona (1963) (CARVALHO, 2003).

Assim, acreditamos que os estudos sobre a variedade do português no Uruguai podem ser divididos em antes e depois da designação de haver no Uruguai uma variedade linguística legítima do português, como existe em todas as regiões brasileiras e em outros países de língua portuguesa. Essa classificação proposta por Carvalho (2003) foi fundamental para analisar os estudos fronteiriços e legitimar de fato a realidade linguística existente na fronteira entre Brasil e Uruguai.

A partir do trabalho de linguistas nas fronteiras entre Brasil-Uruguai, com Carvalho (2003b e 2008), Meirelles (2006, 2009 e 2011) e Waltermire (2006) em Rivera, Douglas (2004) em Artigas, Amaral (2008) em Chuí e Pacheco (2013) em Aceguá, o português uruguaio, falado por comunidades bilíngües, é caracterizado por (1) fenômenos linguísticos do português rural e não padrão brasileiro, porque mesmo o português uruguaio mais urbanizado ainda tem elementos do português rural e (2) empréstimos e *code-switching* do espanhol.

Como não foram encontradas diferenças sistemáticas que justificassem diferentes dialetos, pode-se dizer que há continuidade (ou *continuum*) dialetal entre as duas variedades

linguísticas (português uruguaio e português brasileiro) ao longo da fronteira Brasil-Uruguai, conforme previsto por Carvalho (2003b e 2008). Meirelles (2006, 2009 e 2011) mostra que há um só inventário fonológico nos dois lados da fronteira, e Pacheco (2013) confirma a continuidade ao detectar o pronome *a gente* no português uruguaio.

Assim, português uruguaio é o português falado como língua materna por uruguaios bilíngues na zona fronteira. O português brasileiro da fronteira seria o português falado pelos brasileiros do lado do Brasil em Aceguá, que faz parte do português gaúcho, do extremo sul.

Em termos políticos, faz toda a diferença designar um falar como língua ou uma variedade linguística, porque permite colocar as línguas em pé de igualdade e importância (CARVALHO, 2006). Por isso, a designação de português uruguaio proposta por Carvalho (2003) foi uma ruptura importante no contexto atual. Como já dizia Max Weinreich, pai de Uriel Weinreich, “língua é um dialeto com exército e marinha”, o que corrobora a discussão sobre a influência política e ideológica da noção de língua.

### **Considerações finais**

Em suma, vimos que o português falado em ambos os lados da fronteira apresenta fenômenos prototípicos de situações de bilinguismo, como empréstimo lexical, *code-switching* e escolha de línguas. Há fenômenos linguísticos variáveis comuns ao português brasileiro como um todo e ao português uruguaio da fronteira de Aceguá, tais como a alternância *nós* e *a gente* em contexto de primeira pessoa do plural.

Todos esses processos são típicos e produtivos quando há duas ou mais línguas em contato. Como a amostra é oriunda de uma região fronteira, é imprescindível ter uma visão de conjunto do que pode acontecer linguística e socialmente em uma variedade linguística que está em contato com outra.

O reconhecimento científico e linguístico do português uruguaio como língua materna do Uruguai também foi consequência da luta constante e da participação recente de linguistas em comissões de educação no Uruguai voltadas para a inserção do ensino bilíngue nas escolas uruguaias, em período integral. Portanto, a década de 2000 é marcada por um verdadeiro reconhecimento educacional da variedade do português brasileiro falada no Uruguai (CARVALHO, 2006).

## Referências

- AMARAL, Tatiana Ribeiro do. *Una comunidad de habla, dos comunidades de lengua: la alternancia de códigos como signo de identidad en la frontera brasileño-uruguayo*. 2008. Tese (Doutorado em Lengua Española y Lingüística General) – Universidad Autónoma de Madrid, Madrid.
- BARRIOS, Graciela; BEHARES, Luis, ELIZAINCÍN, Adolfo. *Nos falemo brasileiro: Dialectos portugueses em Uruguay*. Montevideo: Amesur, 1987.
- BEHARES, Luis E. *Breves noticias sobre el Portugués de Uruguay*. (inédito), 2010.
- CARVALHO, Ana Maria. I speak like the guys on TV: Palatalization and the urbanization of Uruguayan Portuguese. *Language Variation and Change*, n. 16, p. 127-151. 2004. [Tradução brasileira: “Eu gosto do jeito da Globo falar português’: Palatalização e urbanização do português uruguaio”] In: ESPIGA, Jorge; ELIZAINCÍN, Adolfo (eds.). *Español y portugués: um (velho) Novo Mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas-RS: Educat, 2008.
- \_\_\_\_\_. Políticas lingüísticas de séculos passados nos dias de hoje: O dilema sobre a educação bilingüe no norte do Uruguai. *Language Problems & Language Planning* 30 (2), 2006. p. 149-171.
- \_\_\_\_\_. Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista internacional de linguística iberoamericana*, n. 2, p. 125-149, 2003.
- \_\_\_\_\_. Spanish (s) aspiration as a prestige marker on the Uruguayan-Brazilian border. Amsterdam: Spanish in Context, John Benjamins Publishing Company, 2006. p. 85-114.
- \_\_\_\_\_. The Sociolinguistic Distribution of (lh) in Uruguayan Portuguese: A case of dialect diffusion. In: MONTRUL, S.; ORDÓÑEZ, F (Eds.). *Linguistic Theory and Language Development in Hispanic Languages*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2003. p. 30-44.
- CORDER, S. P. Dialectos idiosincrásicos y análisis de errores. In: LICERAS, Juana Muñoz. *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid: Visor Lingüística y Conocimiento, 1992. p. 63-77.
- COUTO, Hildo Honório. *Contato português-espanhol na fronteira Brasil-Uruguaio*. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Hipótese da relexificação na gênese dos crioulos e pidgins*. *Revista da ABRALIN*, v. 1, n. 1, p. 221-250, jul. 2002.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora da UnB, 1996.
- \_\_\_\_\_. Sobre o conceito de comunidade surda. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 193-219, jul./dez. 2005.
- DOUGLAS, Kendra Lynne. *Uruguayan portuguese in Artigas: tri-dimensionality of transitional local varieties in contact with Spanish and Portuguese standards*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Wisconsin-Madison.



ELIZAINCÍN, Adolfo. *Dialectos en contacto: Español y portugués en España y América*. Montevideo: Arca, 1992.

ELIZAINCÍN, A., L. BEHARES y G. BARRIOS. *Nós falemo brasileiro*. Dialectos portugueses en el Uruguay. Montevideo, Amesur, 1987.

FAULSTICH, Enilde. *Oportunhol é uma interlíngua?* Seminário apresentado no Institut Universitari de Lingüística Aplicada (IULA), Universitat Pompeu Fabra (UPF), Barcelona, em 21 de abril de 1997.

FERNANDEZ, Sonsoles. *Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa, 1997.

HARTMANN, Luciana. A circulação de narrativas orais na fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. In: COSTA, Edgar Aparecido da; COSTA, Gustavo Villela Lima da; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de (Orgs.). *Estudos fronteiriços*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010.

HENSEY, Frederik Gerald. O sociolinguismo da fronteira sul. *Letras de hoje*, n. 3, p. 107-116. 1969.

\_\_\_\_\_. *The sociolinguistics of the Brazilian Uruguayan border*. La Haya: Mouton, 1972.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEFFA, V. J. Metodologia no ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em Lingüística Aplicada: O Ensino de Línguas Estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

MEIRELLES, Virginia. *Aspectos fonológicos do contato entre o português e o espanhol na cidade de Sant'ana do Livramento-Rivera*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.

\_\_\_\_\_. *Elementos de fonética do português falado no Rio Grande do Sul*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília.

\_\_\_\_\_. O português da fronteira Brasil-Uruguai. In: CARVALHO, Ana Maria. *O português em contato*. V. 2. Madrid/Frankfurt: Editora Vervuert/Iberoamericana, 2009. (Série Linguística Luso-Brasileira). p. 257-275.

MOTA, Sara dos Santos. Portuñol, sujeito e sentido: efeitos de uma política educacional em Noite no Norte. *Abehache*, São Paulo, ano 2, n. 3. jul./dez. 2012. Disponível em: <[http://www.hispanistas.org.br/abh/images/stories/revista/Abehache\\_n3/127-144.pdf](http://www.hispanistas.org.br/abh/images/stories/revista/Abehache_n3/127-144.pdf)>. Acesso em: 2 jun. 2014.

NEMSER, W. Approximative systems of foreign language learners. *Iral*, v. IX, n. 2, p. 115-123, 1971.

PACHECO, Cíntia da Silva. Primeiras reflexões sobre o português fronteiriço de Aceguá. In: CARDOSO, Caroline Rodrigues; SCHERRE, Maria Marta Pereira; SALLES, Heloísa; PACHECO, Cíntia da S. (orgs). *Variação, mudança linguística e educação: Contribuições do III Encontro do Grupo de Estudos Avançados em Sociolinguística da Universidade de Brasília*. Brasília: Pontes Editores, 2013. (Linguagem e Sociedade).

RICHARDS, J. C.; PLAT, J; PLAT, H. *Diccionario de linguística aplicada y enseñanza de lenguas*. (Versión española de Carmen Muñoz Lahoz y Carmen Pérez Vidal). Barcelona: Ariel, 1997.

RONA, José Pedro. La frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte del Uruguay. *Veritas*, v. 8, n. 2, p. 201-221, 1963.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Speech Community. In: BROWN, Keith (Ed.). *Encyclopedia of Language & Linguistics*. v. 11. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2006. p. 716-722.

SELINKER, L. La interlengua. In: LICERAS, Juana Muñoz. *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Visor Lingüística y Conocimiento. Madrid: Editora, 1992. p. 79-101. Traducción de "Interlanguage". *Intrernational Review of Applied Linguistics*, 10, 1972. p. 209-23.

\_\_\_\_\_. Language Transfer. *General linguistics*, v. 9, 1969. p. 67-92.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil. In: *Revista contingentia*, v. 1, n. 1, 2006. p 01-10.

STURZA, Eliana Rosa. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. *Ciência e cultura*, São Paulo, vol. 57, n. 2, São Paulo, 2005.

TARONE, E. *On the variability of interlanguage systems*. *Applied Linguistics*, vol. 4, n. 2, 1983. p. 142-164.

WALTERMIRE, Mark. *Social and Linguistic Correlates of Spanish-Portuguese Bilingualism on the Uruguayan-Brazilian Border*. The University of New México, Albuquerque, New Mexico, 2006.

\_\_\_\_\_. *The differential use of Spanish and Portuguese along the Uruguayan–Brazilian border*. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 15, n.5, 2012. p. 509-531.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact*. Haia: Mounton, 1953.

Artigo recebido em: 03/04/2017.

Artigo aceito em: 12/07/2017.

Artigo publicado em: 20/17/2017.

## GRAMATICALIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CONCLUSIVOS ANAFÓRICOS<sup>1</sup>

Cristina Lopomo Defendi \*

Flavio Biasutti Valadares \*\*

**Resumo:** O artigo analisa um caso de gramaticalização do Português do Brasil, sob a perspectiva sintático-pragmática, e objetiva mostrar que alguns casos de anafóricos vêm se constituindo como base para a explicação de diversos fatos linguísticos. Fundamenta-se nos conceitos de gramaticalização indicados por Meillet (1912), Kuryłowicz (1975[1965]), Hopper (1991) e Lehmann (2002). Adota, como procedimento metodológico, alguns parâmetros mensuradores do grau de autonomia de um item, propostos por Lehmann (1995 [1982]), a fim de avaliar processos de gramaticalização de conclusivos no Português do Brasil, a partir de um *corpus* de textos acadêmicos (dissertações e teses) de duas áreas do conhecimento, Direito e Medicina, com metade representada por pós-graduandos do sexo feminino e a outra metade do sexo masculino. Conclui que há uma gramaticalização latente das construções analisadas.

**Palavras-chave:** Mudança Linguística. Gramaticalização. Português do Brasil.

**Abstract:** The article analyzes a case of grammaticalization Brazilian Portuguese, underneath the syntactic-pragmatic perspective and it objectives to show that some cases of anaphoric have been being constituted the basis for the explanation of various linguistic facts. It is based in the grammaticalization concepts indicated by researchers of the area Meillet (1912), Kuryłowicz (1975 [1965]), Hopper (1991) e Lehmann (2002). This article also adopts as methodological procedure, some measuring parameters of the autonomy degree of an item, proposed by Lehmann (1995 [1982]), in order to evaluate the grammaticalization processes of conclusive items in Brazilian Portuguese, from a corpus of academic texts (dissertations and theses) in two areas of knowledge, Law and Medicine, half represented by post undergraduate female students and half male ones. It is concluded that there is a latent grammaticalization on the analyzed constructions.

**Keywords:** Linguistic Change. Grammaticalization. Brazilian Portuguese.

---

<sup>1</sup> O artigo compõe os trabalhos do Grupo de Pesquisa/CNPq (certificado pelo IFSP) – Descrição do Português do Brasil.

\* Departamento de Humanidades, Códigos e Linguagens, *Campus* São Paulo, IFSP, São Paulo/SP-Brasil. E-mail: crislopomo@ifsp.edu.

\*\* Departamento de Humanidades, Códigos e Linguagens, *Campus* São Paulo, IFSP, São Paulo/SP-Brasil. E-mail: flaviovaladares2@gmail.com.

## Introdução

Neste artigo, objetivamos analisar como vem ocorrendo a gramaticalização no Português do Brasil, sob a perspectiva sintático-semântica, com anafóricos conclusivos – *dessa/desta maneira, dessa/desta forma e desse/deste modo* –, a fim de constatar, a partir de um *corpus* de textos acadêmicos (dissertações e teses) de duas áreas do conhecimento, Direito e Medicina, como tal processo vem ocorrendo.

Posto isso, a fim de uma breve contextualização, ressaltamos que o conceito de gramaticalização, a partir dos anos 70 (século XX), de acordo com Campbell e Janda (2001), é retomado considerando a conceituação de Meillet, que propôs se tratar da transformação de uma palavra autônoma em um elemento gramatical, ou seja, da “atribuição de um caráter gramatical a um termo anteriormente autônomo” (MEILLET, 1912, p. 131). Na perspectiva de Kuryłowicz (1975[1965], p. 52), “configura-se como gramaticalização a elevação de um morfema a um estatuto mais gramatical a partir de um item lexical menos gramatical”.

Citamos, aqui, Gonçalves *et al* (2007, p. 27), que colocam sobre os estudos de gramaticalização três aspectos, considerada uma escala evolutiva: “a) [a concepção] de Meillet, que concebe a gramaticalização como a passagem do [lexical] > [gramatical]; b) [a perspectiva] oferecida por Kurilowicz, que adiciona ao cline de Meillet a passagem do [-gramatical] > [+gramatical]; c) as versões dos estudos atuais: [qualquer material linguístico] > [+gramatical]”<sup>3</sup>.

Nesse sentido, para aferir os efeitos da gramaticalização, com base nos eixos paradigmático e sintagmático, Lehmann (2002, p. 4) propõe seis parâmetros mensuradores do grau de autonomia de um item, com base nos quais analisamos conclusivos em processo de gramaticalização no Português do Brasil.

O critério de autonomia diz respeito à gramaticalização, uma vez que quanto mais autônomo um item, menos gramaticalizado é, e quanto mais dependente, mais gramaticalizado. A proposta do autor é destinada a avaliar o grau de gramaticalização de itens ou construções em processo já avançado de mudança gramatical, aplicando os seguintes critérios:

---

<sup>3</sup> Salientamos os estudos de HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007; de TRAUOGOTT, E. C. Grammaticalization and construction grammar. In.: CASTILHO, Ataliba T. *História do português paulista*. Campinas: IEL/ Unicamp, 2009, p. 93-101; e de TRAUOGOTT, E. C. Grammaticalization and mechanisms of change. In.: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford Handbook of Grammatization*. New York: Oxford University Press, 2011, que têm tratado dos processos de gramaticalização nos últimos anos.

Para ser autônomo, um signo deve, em primeiro lugar, ser dotado de um certo peso, de uma propriedade que o torne distinto dos demais membros de sua classe e que conceda proeminência no sintagma. Em segundo lugar, a autonomia decresce à medida que um signo estabelece, sistematicamente, determinadas relações com outros signos. O fator inerente a tais relações de diminuição da autonomia é a coesão. Em terceiro lugar, quanto mais autônomo é um signo, maior é a sua variabilidade; isso resulta na mobilidade momentânea ou na capacidade de transferência com respeito a outros signos. Essas noções relativamente abstratas podem se tornar mais concretas quando relacionadas aos dois aspectos fundamentais em qualquer operação de signos linguísticos, ou seja, sua seleção e combinação (cf. JAKOBSON, 1956, p. 243), que denomino, respectivamente, aspectos paradigmáticos e sintagmáticos. O peso de um signo visto paradigmaticamente é a sua integridade, a sua dimensão substancial, tanto no aspecto semântico quanto no fonológico. Visto sintagmaticamente, seu escopo seria a extensão da construção na qual adentra ou ajuda a formar. A coesão de um signo num paradigma é chamada paradigmaticidade, isto é, o grau em que adentra um paradigma, tornando-se a ele integrado e dependente. A coesão de um signo com outros signos em um sintagma é chamada ligação; que seria o grau de sua dependência ou ligação a outros signos. A variabilidade paradigmática de um signo é a possibilidade de utilizar outros signos em vez de omiti-lo completamente. A variabilidade sintagmática de um signo é a possibilidade de transferi-lo em torno de sua construção. (LEHMANN, 2002, p. 4<sup>4</sup>) [Tradução nossa]

Apresentamos, também, os cinco princípios para a caracterização de um processo inicial de gramaticalização, propostos por Hopper (1991), a fim de já localizarmos por quais princípios prévios nos guiamos em nossa pesquisa para a eleição de alguns dos parâmetros mensuradores do grau de autonomia de um item, propostos por Lehmann (2002)<sup>5</sup>:

---

<sup>4</sup> *First, in order to be autonomous, a sign must have a certain weight, a property which renders it distinct from the members of its class and endows it with prominence in the syntagm. Second, autonomy decreases to the extent that a sign systematically contracts certain relations with other signs; the factor inherent in such relations which detracts from autonomy will be called cohesion. Third, a sign is the more autonomous the more variability it enjoys; this means a momentary mobility or shiftability with respect to other signs. These rather abstract notions can be made more concrete by relating them to the two fundamental aspects of any operation on linguistic signs, viz. their selection and their combination (cf. Jakobson 1956:243), which I will call the paradigmatic and syntagmatic aspects, respectively. The weight of a sign, viewed paradigmatically, is its integrity, its substantial size, both on the semantic and the phonological sides. Viewed syntagmatically, it is its scope, that is, the extent of the construction which it enters or helps to form. The cohesion of a sign in a paradigm will be called its paradigmaticity, that is, the degree to which it enters a paradigm, is integrated into it and dependent on it. The cohesion of a sign with other signs in a syntagm will be called its bondedness; this is the degree to which it depends on, or attaches to, such other signs. The paradigmatic variability of a sign is the possibility of using other signs in its stead or of omitting it altogether. The syntagmatic variability of a sign is the possibility of shifting it around in its construction. (LEHMANN, 2002, p. 4)*

<sup>5</sup> Neste artigo, referenciamos a obra de 2002, mas salientamos que os parâmetros já estavam descritos em obras anteriores, desde 1982, e foram sendo reelaborados e reapresentados em 1995, 2002 e 2015.

Estratificação: No âmbito de um amplo domínio funcional, novas camadas emergem constantemente. Na medida em que isso ocorre, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as camadas mais recentes;

Divergência: Quando uma forma lexical se transforma em um clítico ou um afixo, a forma lexical original pode permanecer como elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que itens lexicais comuns;

Especialização: No interior de um domínio funcional, uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas pode ser viável; enquanto ocorre a gramaticalização essa variedade de escolhas formais se estreita e o menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais;

Persistência: Quando uma forma sofre gramaticalização, de léxico à função gramatical, alguns traços de seu significado lexical original tendem a se aderir a ela, contanto que seja gramaticalmente viável, e os detalhes de sua história lexical podem estar refletidos em restrições na sua distribuição gramatical;

Descategorização: Formas que sofrem gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e os privilégios sintáticos característicos de categorias secundárias, tais como adjetivos, preposições, particípio etc. (HOPPER, 1991, p. 22-23)<sup>6</sup> [Tradução nossa]

A partir desta localização, reiteramos a adoção de Lehmann, considerando que o postulado de Hopper está posto como estágio inicial, mas que é importante para entendermos o processo. Nesse sentido, com Lehmann, que tem sua perspectiva apontada para estágios mais avançados em processos de gramaticalização, analisamos, especificamente, os operadores conclusivos.

Nesse ponto, como explicita Votre (1997, p. 15), é válido salientarmos que “os usuários vêm sendo concebidos como criadores, continuadores, atores, transformadores das estruturas, dos itens e dos processos que se verificam nas línguas, e, enfim, como responsáveis pelo estado da língua, em cada momento que se lhe aborde a estrutura e o funcionamento”. Defendemos, então, que grupos profissionais diversos tendem a usar a língua escrita de modo também diverso. A

---

<sup>6</sup> *Layering: Within a broad functional domain, new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded but may remain to coexist with and interact with the newer layers;*

*Divergence: When a lexical form undergoes change to a clitic or affix, the original lexical form may remain as an autonomous element and undergo the same changes as ordinary lexical items;*

*Specialization: Within a functional domain, at one stage a variety of forms with different semantic nuances may be possible; as grammaticalization takes place, this variety of formal choices narrows and the smaller number of forms selected assume more general grammatical meanings;*

*Persistence: When a form undergoes grammaticalization from a lexical to a grammatical function, so long as it is grammatically viable some traces of its original lexical meanings tend to adhere to it, and details of its lexical history may be reflected in constraints on its grammatical distribution;*

*De-categorialization: Forms undergoing grammaticalization tend to lose or neutralize the morphological markers and syntactic privileges characteristic of the characteristic of secondary categories such as Adjective, Participle, Preposition, etc. (HOPPER, 1991, p. 22-23)*

escrita acadêmica tende a estar mais vinculada à escrita normativa, por isso vislumbramos a tendência de encontrar menos ocorrências das construções selecionadas – *dessa maneira/dessa forma/desse modo* – do que conclusivas ditas canônicas como *portanto*. Assim, ao final de nossa análise, pretendemos que o leitor compreenda alguns processos de gramaticalização pelos quais o Português do Brasil passou/vem passando e como essas transformações são motivadas pelo uso de determinada modalidade linguística e gênero discursivo.

Além disso, sob o escopo dos estudos sobre gramaticalização, com base em Lehmann, apresentamos, na próxima seção, os conceitos com os quais analisamos nosso *corpus*. Para tanto, como procedimento metodológico, organizamos um *corpus* de textos acadêmicos (dissertações e teses) de duas áreas do conhecimento – Direito e Medicina –, sendo metade representada por pós-graduandos do sexo feminino e a outra metade do sexo masculino. O *corpus* foi composto por 10 textos de cada área, todos disponíveis no banco de teses<sup>7</sup> da USP (Universidade de São Paulo). Essa escolha foi motivada: pelo nível linguístico empregado, já que é comum a todos os textos desse gênero o uso da norma culta escrita, e pelo fato de tais textos poderem revelar um padrão associado ao grupo profissional, configurando categorias de análise.

### **Gramaticalização: um pouco de conceito**

Em se considerando o aporte da Mudança Linguística, conjugamos nossa pesquisa com o que Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2007, p. 158) assinalam sobre o termo gramaticalização: “por si só denuncia que se trata de um processo dinâmico associado à gramática [...] Comumente, ele é atrelado a rótulos como inovação, mudança, movimento, derivação, direção e rotinização”. Com isso, entendemos que, ao longo do tempo, uma construção gramatical resultante pode continuar a receber novas funções gramaticais em certos contextos linguísticos, uma vez que os falantes podem usar partes de uma construção, ou mesmo integralmente, com uma função gramatical, como o caso da formação da construção negativa em francês, já explorada por diversos autores.

Historicamente, como exemplifica Defendi (2013, p. 55), “a partícula original de negação no francês era o *ne* e nomes como *pas* (“passo”) serviam como ênfase da negação. Esses nomes, empregados para enfatizar a negação, variavam de acordo com o valor do verbo”. Com o passar

---

<sup>7</sup> Dissertações e teses disponíveis em <http://www.teses.usp.br/>

do tempo, o uso se foi especializando até chegar à única possibilidade de uso do *pas*, não mais enfático, mas simplesmente como marca de negação, de uso geral e obrigatório. Ainda assim, coexiste também o sentido de “passo” para *pas*. No francês moderno, *pas* suplantou as outras variantes e tornou-se a única partícula não-enfática de negação, podendo, inclusive, ser usada sozinha, sem o *ne*, na modalidade de língua falada e alguns casos de língua escrita<sup>8</sup>.

Ainda que não utilizemos, em nossa análise, julgamos necessário apresentar a visão de Heine *et al* (1991) que salientam: quanto mais uma unidade linguística sofre os processos de gramaticalização,

- a) mais perde complexidade semântica, significação funcional e/ou valor expressivo;
- b) mais perde significação pragmática e mais ganha significação sintática;
- c) mais reduzido é o número de membros pertencentes ao mesmo paradigma morfossintático;
- d) mais há decréscimo na variabilidade sintática, ou seja, mais a posição na oração torna-se fixa;
- e) mais seu uso se torna obrigatório em certos contextos e não-gramatical em outros;
- f) mais aglutina-se semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades;
- g) mais há perda de substância fonética. (HEINE *et al*, 1991, p. 15-16)

Especificamente em relação ao Português do Brasil, citamos Martelotta, Votre e Cezario (1997) que explicitam alguns tipos de fenômenos de mudança linguística ligados aos processos de gramaticalização, dos quais selecionamos, para nossa análise, o de que a

[...] trajetória de elemento linguístico de mais referencial a menos referencial, caracterizada pela perda de significação de referente extralinguísticos e aquisição de significados baseados em dados pragmáticos, relativos a estratégias comunicativas dos participantes, e em dados textuais, relativos à organização interna dos argumentos no texto, como ocorre com o operador argumentativo **logo**, que inicialmente apresentava valor de advérbio espacial (do latim **locu-**), passando, posteriormente, a assumir função argumentativa

---

<sup>8</sup> O exemplo ilustra os princípios: (i) de estratificação, uma vez que uma função correlaciona-se a vários itens, (ii) de divergência (*pas* com várias camadas de significado, todas coexistindo sincronicamente), (iii) de especialização, já que de todas as possibilidades de ênfase negativa o *pas* especializou-se como a aceita, (iv) de persistência, o mais apagado de todos, mas é ainda possível pensar na ideia original de “não dou um passo” para demonstrar a estratégia de ênfase usada em princípio com verbos de movimento e (v) de decategorização, já que de nome *pas* passa para clítico de negação.



como conjunção conclusiva. [...] (MARTELOTTA, VOTRE E CEZARIO, 1997, p. 25)

Além disso, vale destacarmos que a gramaticalização envolve vários níveis, como apontam os autores:

a) Nível cognitivo – A gramaticalização (pelo menos no que se refere ao nível morfológico) segue, como parece ocorrer com os processos de mudança metafórica em geral, a tendência de usar elementos do mundo concreto para o mundo abstrato. O elemento do léxico é mais concreto que o da gramática: é mais fácil conceptualizar substantivos do que relações textuais.

b) Nível pragmático – A gramaticalização envolve uma intenção genérica do falante de usar algo conhecido pelo ouvinte para fazê-lo compreender melhor o sentido novo que ele quer expressar. Pode-se também ver nessa passagem concreto > abstrato uma intenção comunicativa de facilitar a compreensão do ouvinte a partir da utilização de conceitos mais concretos e mais conhecidos para a expressão de ideias novas que surgem no decorrer do processo comunicativo.

c) Nível semântico – A gramaticalização, como processo de mudança ocorrida no léxico, envolve o conhecimento por parte dos interlocutores dos significados de origem das palavras envolvidas; caso contrário, o sentido novo corre o risco de não ser detectado pelo ouvinte.

d) Nível sintático – A gramaticalização ocorre basicamente em contextos que a estimulem, o que significa que, não só existem aspectos sintáticos que propiciam a gramaticalização, mas, principalmente, que esses aspectos são responsáveis pelo fato de a mudança tomar efetivamente este e não aquele caminho. (MARTELOTTA, VOTRE E CEZARIO, 1997, p. 28-29)

### **Gramaticalização de conclusivos: uma análise em textos acadêmicos**

No *corpus* organizado com 20 textos acadêmicos (dissertações de mestrado e teses de doutorado), de duas áreas distintas do conhecimento, Direito Penal e Medicina Preventiva, fizemos um levantamento do número de ocorrências das seguintes construções: *dessa/desta maneira*, *dessa/desta forma* e *desse/deste modo*, com base nos critérios sintático e semântico. Consideramos a alternância *desse/deste*, *dessa/desta* como sendo equivalente no sentido de retomada/conclusão e sua escolha está mais motivada por estilo pessoal<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Estamos cientes do uso prescritivo de *este/deste* como catafórico e de *esse/desse* como anafórico. A frequência de uso em situações reais, no entanto, revela que a distinção nem sempre é seguida pelos escreventes, por isso optamos por fazer o levantamento de ambos os usos. O *Novo Manual de Redação da Folha de São Paulo* assim orienta: “Em relação ao próprio texto:

Todas as construções escolhidas têm a mesma estrutura: *de* (preposição) + *esse/este(a)* (pronome demonstrativo) + *modo/maneira/forma* (substantivo). Quanto ao pronome demonstrativo, destacamos uma das acepções de Houaiss e Villar (2007, p. 1.242): é relativo a algo que foi temporalmente mencionado num passado não muito distante do momento da fala, ou, no caso dos textos analisados, do momento da escrita. Quanto aos substantivos, são todos sinônimos e são intercambiáveis: *modo*, *maneira* e *forma* substituem um ao outro dependendo da acepção do dicionário Houaiss e Villar (2007, p. 1372; 1833; 1942).

Descartamos, desse levantamento, as ocorrências em que essas construções não se comportaram como operadores argumentativos. Como exemplo de descarte, temos (1):

(1) Optei por apresentar as categorias nessa ordem, pois acredito que **dessa forma** a experiência da enfermidade é inserida, também neste texto, no contexto mais amplo, que não se restringe aos aspectos biomédicos do adoecer. (M7F<sup>10</sup>)

Contudo, é relevante considerarmos que justamente esse tipo de uso revela o percurso de gramaticalização dessas construções. Observemos:

(2) Maturana entende a preocupação ética “como preocupação com as consequências que nossas ações têm sobre o outro, é um fenômeno que tem a ver com a nossa aceitação do outro” (2009:72). **Dessa forma**, é preciso incluir o outro no nosso domínio social para que ele seja alvo de nossa preocupação ética, o que está de acordo com o conceito de banalização da injustiça social de Dejours (2007) e do qual nos apropriamos para refletir sobre outro aspecto premente no relato dos entrevistados: a banalização que invisibiliza a violência institucional. (M10F)

Enquanto que, em (1), temos o *dessa forma* desempenhando uma função de referenciador anafórico, recuperando a informação dada “apresentar as categorias nessa ordem”; em (2), temos essa construção ao mesmo tempo sendo um referenciador anafórico (recupera “ética é

---

*Este, esta, isto* referem-se a algo que acaba de ser mencionado ou será em seguida: O novo prefeito convidou a prima e o cunhado para participar do governo. Este recusou; Disse-lhe isto: ‘Você não presta’.

*Esse, essa, isso* retomam passagem anterior do texto, como na expressão além disso.” (Grifo nosso)

<sup>10</sup> A forma de referenciar os exemplos é composta por uma primeira letra (D = Direito e M = Medicina), por um número (ordem do texto na coleta) e outra letra (M = Masculino e F = feminino). Cabe lembrar que descartamos a ocorrência dessas construções em citações de outras obras, ou seja, não elaboradas pelos autores dos textos acadêmicos.

preocupação com o outro”) e também um operador argumentativo de conclusão: “já que a ética é preocupar-se com o outro, é preciso incluir o outro no domínio social”.

De um uso mais concreto, remetendo a um termo já expresso, tem-se depois um uso mais abstrato, pois a ideia anterior serve de escopo para chegar-se a uma conclusão. Aliado a isso, temos:

(3) A pós-modernidade também é chamada de modernidade líquida por Baumann pois para o homem de hoje tudo flui com intensa rapidez, até mesmo os laços de afeto. O homem pós-moderno não confia, nem mesmo conhece o seu semelhante, vive com intensa sensação de insegurança e já não sabe o que esperar do mundo. Vive-se em uma sociedade de insegurança, o que afeta por via indireta as expectativas que são direcionadas ao Direito Penal, ocasionando a reconstrução deste ramo do Direito.

**Dessa forma**, é possível observar pontos de convergência entre o funcionalismo e a corrente de pensamento dos filósofos pós-modernos: o Direito Penal garante o funcionamento da sociedade, seja qualquer tipo de sociedade ou aquela alinhada a valores democráticos, a depender da corrente funcionalista analisada. (D2F)

Em (3), a construção *dessa forma* encabeça o parágrafo, não mais se referindo a termos anteriores, mas a toda ideia expressa pelo parágrafo ou texto anterior. É uma forma de retomada, sim, mas não de um termo e sim de toda uma ideia que encaminha para uma conclusão. A independência do termo anterior é tão marcante que a construção passa a ser usada em primeira posição na sentença. Ou seja, esse é um uso ainda mais abstrato, perfazendo um *continuum* de abstratização, conforme preconizado por Heine *et al.* (1991) como uma forma de gramaticalização<sup>11</sup>.

Levando em consideração esses diferentes padrões funcionais da construção, ativemo-nos aos usos como operador conclusivo, em posição inicial (de parágrafo) ou medial (como em 3), a fim de mostrar a frequência de uso. Com isso, obtivemos os seguintes números absolutos:

Tabela 1: Frequência de uso das construções *dessa forma*, *desse modo*, *dessa maneira*

	<b>Medicina</b>	<b>Direito</b>	<b>Total</b>
Dessa/Desta forma	40 ocorrências	69 ocorrências	109
Desse/Deste modo	45 ocorrências	57 ocorrências	102
Dessa/Desta maneira	12 ocorrências	14 ocorrências	26

<sup>11</sup> Para o *continuum* de abstratização, consideramos os exemplos 1, 2 e 3, embora em contagem de dados tenhamos descartado usos semelhantes ao exemplo 1.

Os dados revelam que as construções *desse/deste modo* e *desse/deste modo* são praticamente equivalentes em frequência de uso e, *desse/desta maneira* é muito menos usada.

Em números relativos para cada texto analisado, porém, é importante informarmos que alguns deles foram responsáveis por um número elevado de ocorrências, a saber: M7F (16 usos de *desse/desta maneira*, ou seja, 40%); M9F (19 usos de *desse/desta maneira* – 47,5% e 25 usos de *desse/deste modo* – 92,6%) e D20M (36 usos de *desse/desta maneira* – 63%). M10F (12 ocorrências de *desse/desta maneira* – 66,7%), D12F (29 ocorrências de *desse/desta maneira* – 61,7%) e D17M (13 ocorrências de *desse/desta maneira* – 27,6%) com 13 ocorrências.

A construção *desse modo* somente ocorreu em 5 textos e teve sua frequência de uso elevada pela opção da autora do texto M9F. *Desse/desta maneira* esteve presente em 13 dos textos analisados. Já *desse/desta maneira* ocorreu somente em 6 textos. Isso pode corroborar com a hipótese de escolha por estilo pessoal, mas seria preciso realizar uma pesquisa com *corpus* mais extenso ou com questionários de consciência de escolha linguística para comprovar tal hipótese ou para se chegar a outras explicações.

Nessa perspectiva, o texto acadêmico funcionaria como difusor e propagador em estágio de transição com fortes indicativos de implementação, assegurado o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, o que pode garantir um processo de gramaticalização aventado por nós em nosso objetivo nesta pesquisa.

De outra maneira, vale ressaltarmos que, dos 20 textos acadêmicos analisados, 4 da área Medicina e 1 da área de Direito não fizeram nenhum uso das construções *desse/desta maneira*, *desse/deste modo*, *desse/desta maneira*, preferindo, como operador conclusivo, o uso de *portanto*<sup>12</sup>. Há, aí, a possibilidade de indiciar a co-ocorrência já salientada nos parágrafos anteriores, demonstrando que as análises podem levar ao entendimento de que o conjunto *desse/desta maneira*, *desse/deste modo*, *desse/desta maneira* possivelmente permanecerá como variante, ou seja, o conjunto poderá vir a ser implementado, mas também, há uma grande possibilidade da escolha do conjunto em detrimento da variante *portanto*, mesmo que não venha a existir seu apagamento.

A título de comparação, destacamos na tabela 2 o uso do *portanto* no *corpus* selecionado, tanto em posição inicial quanto em posição intermediária, excluindo-se os casos de ocorrências em citações:

---

<sup>12</sup> Nesse universo de 5 textos acadêmicos, houve a ocorrência de 35 usos de *portanto*.

Tabela 2: Frequência de uso da construção *portanto*

	<b>Medicina</b>	<b>Direito</b>
Portanto	183 ocorrências	300 ocorrências

*Portanto* pode ser considerado um operador prototípico de conclusão, tanto presente nas gramáticas quanto referendado pela frequência de uso, como visto na tabela 2 e em pesquisa realizada por Defendi (2013) com redações de vestibular. Quanto ao seu percurso diacrônico, temos: “Etimologicamente, *portanto* é formado por *por* (preposição) e *tanto* (advérbio ou adjetivo – noção de quantidade). Metaforicamente, as ideias ‘por tanta quantidade’, ‘por tanto que foi dito’, ligadas à retroação textual, passam a expressar também noções consequencial e conclusiva.” (DEFENDI, 2013, p. 210). Ou seja, o mesmo percurso já verificado com as outras construções de retomada textual e, de maneira análoga, de conclusão.

Ainda em relação ao uso do *portanto* nos textos acadêmicos selecionados, cumpre informarmos que as maiores frequências de uso (20 ou mais ocorrências em um texto) aconteceram com autoras mulheres (em 8 casos), e somente 2 autores homens usaram mais de 20 vezes a construção *portanto*. Aqui, cabe-nos informar que, dos 5 autores que não fizeram nenhum uso de *dessa maneira*, *desse modo* e *dessa forma*, 4 são homens e 1 é mulher, porém não faz parte do escopo desta pesquisa considerações a respeito desses usos diversos, ficando para outro momento realizar uma pesquisa mais aprofundada na interface sociolinguística e variação de usos.

Ainda assim, cabe salientar o que sustentam Chambers e Trudgill (1980, p. 97-98): quando se abandona o uso de uma forma padrão, tem-se o homem como à frente deste processo e as mulheres liderando mudanças em relação às formas de prestígio. Na visão de Labov (1982, p. 78), “na maioria das mudanças linguísticas, as mulheres estão à frente dos homens na proporção de uma geração”<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> Chambers (1995, p. 102-103) cita outras pesquisas com variável sexo, como: Wolfram (1976, p. 76): “as mulheres mostram uma sensibilidade para a avaliação social dos traços linguísticos maior do que a dos homens”; Labov (1972, p. 243): “Na fala cuidada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens, e são mais sensíveis que estes ao padrão de prestígio”; Wolfram e Fasold (1974, p. 93): “As mulheres mostram mais consciência das formas de prestígio, tanto na fala concreta, quanto em suas atitudes perante a fala”; Trudgill (1983, p. 161): “as mulheres, em conformidade com as outras variáveis tais como idade, escolaridade e classe social, produzem, no geral, mais formas linguísticas que são mais próximas daquelas da língua padrão, ou têm mais prestígio, do que os homens”; Labov (1990, p. 205): “Na estratificação sociolinguística estável, os homens usam as formas não-padrão em uma frequência maior do que a das mulheres”.

Todavia, é válido ressaltarmos que a literatura sociolinguística não conseguiu estabelecer o papel da variável sexo com clareza, especialmente quanto à mulher, como indicia Scherre (1988). Portanto, em nossos dados, não temos como corroborar essa ideia; seria necessário, nesse caso, um estudo com *corpus* maior e/ou *corpora* mais diversificados para podermos afirmar algo mais categórico em relação ao uso das construções *desse/deste modo*, *dessa/desta maneira* e *dessa/desta forma* e o gênero do(a) autor(a). Ainda assim, consideramos importante destacar tais informações ao nosso leitor.

Por fim, elegemos um outro excerto:

(4) Nesse último caso, as análises referentes à comparação do local do evento que ocasionou a lesão com aquele relatado na semana anterior à lesão levaram em consideração somente os pacientes que relataram ter bebido nesse último período. **Desse modo**, o local de consumo de álcool na semana anterior pôde ser comparado com o local onde os pacientes relataram estar bebendo antes da lesão. (M5M)

O autor desse trecho faz uso do *portanto* somente uma vez ao logo de toda sua tese (115 páginas). Concluímos disso que ele não está preso aos ditames da conclusão canônica e, por isso, deve lançar mão de outros recursos para encadear conclusivamente os pensamentos apresentados. Ele usa 2 vezes a construção *desse modo*, tal como em (4), em início de sentença, no interior de um parágrafo, com pausa marcada pela vírgula. Usa *dessa maneira* por 9 vezes no decorrer de seu texto, sendo 2 como início de sentença no interior de um parágrafo e 7 em início de parágrafo, como operador textual de conclusão. Em todas as ocorrências, há a presença da pausa marcada pela vírgula.

Independentemente da construção escolhida, nesta análise fica patente a abstratização sofrida pelas construções selecionadas, já que metaforicamente referenciadores anafóricos são recrutados como operadores conclusivos. Além disso, mobilizou-se uma construção já conhecida (formas velhas com novas funções), persistindo traços semânticos antigos, mas como nova função, referendando a gramaticalização de alguns anafóricos. Cabe destacarmos dois parâmetros propostos por Lehmann (2002) para medir o estágio de gramaticalização de uma construção: (i) a variabilidade paradigmática, pois é nesse critério que uma forma pode passar a competir com outra, tornando-se a preferida em um dado contexto e (ii) a variabilidade sintagmática, que é a tendência à ordem fixa dos constituintes, em alto grau de gramaticalização.

No caso dos dados analisados, verificou-se por um lado a variabilidade paradigmática, com usos equivalentes de *desse/deste modo* e *dessa/desta forma*, além do uso do *portanto* como operadores conclusivos. Por outro lado, em parte dos dados, há a preferência à posição inicial de parágrafo, marcando uma tendência à ordem fixa em que o operador conclusivo é topicalizado.

O contexto de uso estimulou a escolha de formas diferentes para a mesma função, uma vez que se preconiza que, em um texto escrito no padrão culto, não deve haver repetições. Ou seja, mobilizaram-se níveis cognitivo, pragmático, semântico e sintático para as mudanças realizadas.

### **Considerações finais**

Em nossa pesquisa, constatamos que não houve grande diversidade no uso de operadores argumentativos em relação ao grupo profissional. Tanto médicos quanto bacharéis em Direito fizeram uso de construções como *dessa forma*, *desse modo* e *dessa maneira* (ou suas variantes), sendo a única diferença entre esses grupos a frequência maior de uso de *portanto* pelos bacharéis em Direito (quase 40% a mais de ocorrências).

Também ficou patente que, na sincronia, várias formas de operadores conclusivos, todos advindos de referenciais anafóricos, coexistem e são produtivos na língua. Cabe a cada autor fazer sua escolha, o que pode ser exemplificado pelo texto de D12F, com 100 ocorrências de *portanto*, 4 de *dessa forma*, nenhuma ocorrência de *dessa maneira* ou de *desse modo*, ou pelo texto de M5M, com somente 1 ocorrência de *portanto*, nenhuma de *dessa forma*, 9 ocorrências de *dessa maneira* e 2 de *desse modo*.

Este estudo sinaliza, também, que os falantes podem usar partes de uma construção<sup>14</sup> com uma nova função gramatical, como é o caso do uso do dêitico nas construções analisadas. Em contrapartida, indiciamos a ocorrência do uso de uma mesma construção com uma nova função gramatical, de referencial anafórico para operador conclusivo.

Já a avaliação dos usos e dos efeitos que eles trazem à língua não é possível de ser realizada com a metodologia e o *corpus* adotado nesta pesquisa. Ademais, vale lembrarmos que a frequência de determinadas construções em alguns usos particulares aumentou, o que pode

---

<sup>14</sup> Consideramos *desta/dessa forma*, *desse/deste modo* e *desta/dessa maneira* construções com valor conclusivo.

revelar um caminho de gramaticalização com um *corpus* que possibilite ampliar a frequência, por meio de uma coleta mais ampla.

Por fim, na nossa pesquisa, a forma preferida parece ser, pela média de uso, o *portanto* e não há ordem fixa nem coalescência de constituintes, mas a posição em início de parágrafo, bastante frequente no *corpus*, indica uma gramaticalização latente das construções analisadas.

## Referências

CAMPBELL, L.; JANDA, R. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, 23, 2001, p. 93-112.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; LIMA-HERNANDES, M. C. Gramaticalização e ensino. In: CASSEB-GALVÃO, V. C.; LIMA-HERNANDES, M. C. *et al* (orgs.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 157-195.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.

DEFENDI, C. L. “*Portanto, conclui-se que*”: processos de conclusão em textos argumentativos. 2013. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-06052013-104720/>>.

GONÇALVES, S. C. L. *et al* (org.) *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

GONÇALVES, S. C. L.; CARVALHO, C. S. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). *Introdução à gramaticalização – princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 67-90.

HEINE, B. *et al*. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, D. *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

HOUAISS, A., VILLAR, M. S; *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 2007.

KURYŁOWICZ, J. *The evolution of grammatical categories*. Munich: Kink, 1975[1965].



LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*. (2. ed. revisada), 2002. Disponível em <http://www.db-thueringen.de/servlets/DerivateServlet-/Derivate-2058/ASSidUE09.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 24-40.

MEILLET, A. L'Evolution des formes grammaticales. In: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1912.

NOVO MANUAL DE REDAÇÃO – Folha de São Paulo. 1996. Disponível em [http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_texto\\_e.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_e.htm). Acesso em 14/06/2016.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

Artigo recebido em: 31/03/2017.

Artigo aceito em: 28/06/2017.

Artigo publicado em: 20/07/2017.

## Consequências do contato entre o vêneto e o português em Santa Maria do Engano, Alfredo Chaves/ES: o ditongo nasal tônico <ão>

Edenize Ponzo Peres\*

Silvia Angela Picoli Meneghel\*\*

**Resumo:** O objetivo deste estudo é descrever uma parte das consequências do contato entre o vêneto e o português, sob a forma da variação da pronúncia do ditongo tônico nasal <ão> na fala dos descendentes de imigrantes italianos da comunidade de Santa Maria do Engano, em Alfredo Chaves/ES. Para isso, tomamos por referencial teórico a Sociolinguística, especificamente a Teoria da Variação e Mudança Linguística, a fim de analisar 1956 dados obtidos por meio de 40 entrevistas com moradores de Santa Maria do Engano. O Programa Goldvarb X selecionou como significativas as variáveis sociais *idade, escolaridade e sexo*, além das variáveis linguísticas *extensão do vocábulo e contextos precedente e seguinte ao ditongo*. Nossos resultados, considerando a pronúncia do ditongo tônico nasal <ão> com influência do vêneto, apontaram como variáveis favorecedoras: a) vocábulos com mais de uma sílaba; b) consoante posterior, em relação ao contexto precedente; c) a pausa, em relação ao contexto seguinte; e d) os informantes idosos, do sexo masculino e com baixo nível de escolaridade.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Contato vêneto-português. Ditongo tônico nasal <ão>.

**Abstract:** This study seeks to describe a part of the consequences of the contact between the Venetian and Portuguese, in the form of the variation in the pronunciation of the nasal stressed diphthong <ão> into the speech of the descendants of Italian immigrants from the community of Santa Maria do Engano in Alfredo Chaves/ES. For this purpose, we take as theoretical framework in this research the Sociolinguistics, specifically the Theory of Linguistic Variation and Change. Our corpus consisted of 40 sociolinguistic interviews with residents of Santa Maria do Engano, from which we obtained 1956 data. The Goldvarb X Program selected as significant the social variables age, education level and sex, and as linguistic variables, the extension of the term and the preceding and following contexts of the diphthong. Our results, considering the pronunciation of the nasal stressed diphthong <ão> with the Venetian influence, pointed as favoring factors: a) words with more than one syllable; b) subsequent consonant on the previous preceding context; c) the pause, for the following context; and d) the elderly informants, male and with low educational level.

**Keywords:** Sociolinguistics. Contact Venetian-Portuguese. Nasal stressed diphthong <ão>.

---

\* Professora Doutora do Departamento de Línguas e Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Ufes, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: [eponzoperes@gmail.com](mailto:eponzoperes@gmail.com).

\*\* Secretária Estadual da Educação do Espírito Santo, Alfredo Chaves, Espírito Santo, Brasil. E-mail: [silviapicolimeneghel@hotmail.com](mailto:silviapicolimeneghel@hotmail.com).

## **Introdução**

Segundo dados do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (2017)<sup>2</sup>, durante o século XIX e início do século XX, o estado do Espírito Santo recebeu 52.719 imigrantes vindos da Europa, o que correspondia a 97,34% do total. Dentre os europeus, os italianos eram maioria, com 36.666 pessoas (69,55%), provenientes sobretudo do Vêneto. Eles vieram substituir a mão de obra escrava e também ocupar os imensos vazios demográficos da então província.

A ocupação das terras capixabas por parte dos imigrantes italianos ocorreu, de modo geral, sob a forma de assentamentos, abrindo-se caminho por meio de picadas no meio da densa mata. A forma de colonização dessas terras acarretou aos estrangeiros, de início, uma grande dificuldade de estabelecer contato com indivíduos de outras etnias e, por conseguinte, promoveu o uso praticamente unânime das línguas italianas de imigração até o final de 1960 (DERENZI, 1974). Entretanto, as crescentes relações entre os descendentes de imigrantes e os brasileiros fizeram com que essas línguas fossem substituídas. Na atualidade, seus falantes são principalmente idosos e residentes nas zonas rurais (PERES, 2014).

Diante do exposto, neste trabalho, propusemo-nos a descrever parte das consequências do contato linguístico que ocorreu numa pequena comunidade rural do Espírito Santo, cujos moradores, em sua ampla maioria, são descendentes de imigrantes italianos originários da região vêneta. Especificamente, analisamos a realização do ditongo nasal tônico <ão>, um fenômeno que caracteriza fortemente o português de contato com o vêneta. Conforme atestam Frosi e Mioranza (1983), nas variedades vênetas não ocorre esse ditongo, ao passo que ele faz parte do sistema fonológico do português, estando presente em inúmeras palavras. Essa diferença é a razão da dificuldade da pronúncia do ditongo nasal <ão> pelos imigrantes e seus primeiros descendentes.

Dessa forma, objetivamos detectar os contextos linguísticos e sociais que condicionam a variação da pronúncia do ditongo nasal tônico <ão> e verificar se a influência do vêneta permanece ou se está desaparecendo na linguagem das gerações mais novas. Passemos à apresentação da pesquisa.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://imigrantes.es.gov.br/html/estatisticas.html>. Acesso em: 09 jan. 2017.

## O fenômeno analisado

Para falarmos no ditongo nasal do português é preciso, antes, abordar o ditongo oral e também as vogais nasais. Segundo Moraes e Wetzels (1992) e Medeiros e Demolin (2006), entre outros, esses são assuntos dos mais controversos e que têm recebido diferentes análises e interpretações<sup>3</sup>.

O ditongo oral é constituído por uma vogal mais uma vogal assilábica – ou semivogal ou glide – na mesma sílaba. Se o seu primeiro elemento for mais acentuado que o segundo, o ditongo será dito decrescente; se acontecer o contrário, o ditongo será crescente (CRYSTAL, 2000). Câmara Jr. (1992) e Callou e Leite (2009) consideram os ditongos decrescentes como os verdadeiros ditongos, já que os crescentes variam livremente com o hiato.

Com respeito às vogais nasais do português, de acordo com Medeiros (2007), as análises têm seguido a concepção estruturalista de Câmara Jr. (1992), o qual afirma que a nasalidade pura da vogal do português não existe. Para ele, a nasalidade é entendida como uma vogal mais elemento nasal - arquifonema nasal - na mesma sílaba, como nos vocábulos /kaNpo/, /seNda/, /leNda/. Essa proposta é aceita por vários autores, como apontam Moraes e Wetzels (1992), mas há outras hipóteses. Duas delas são: (i) uma vogal nasal propriamente dita e (ii) uma vogal oral seguida de consoante nasal.

Ainda em relação às vogais nasais, é importante ressaltar a diferença existente entre elas e as vogais nasalizadas, que está na obrigatoriedade da nasalização. Assim, a diferença entre as palavras *cano* – nasal – e *caneta* – nasalizada – reside apenas no fato de que, na segunda, a nasalização não é obrigatória (MEDEIROS, 2011).

O exposto nos parágrafos anteriores comprova a complexidade do fenômeno da nasalização vocálica em português. De acordo com Medeiros (2007), tanto do ponto de vista da fonética, como da fonologia, muitas questões permanecem sem solução. Assim, passemos agora para o ditongo nasal no latim, no português e no vêneto.

---

<sup>3</sup> Por limitação de espaço, não poderemos nos deter na discussão acerca dos ditongos orais e nasais, nem na nasalização das vogais do português. Para um maior aprofundamento sobre os ditongos, consultem-se, por exemplo, Collischonn (2001), Callou; Leite (2009), Toledo; Monaretto (2010) etc. Com respeito às vogais e aos ditongos nasais, cf. Camara Jr. (1992); Wetzels (2000), Almeida; Araújo (2009), Meireles et al. (2015) etc.

Conforme Pereira (1935), no latim vulgar havia apenas três ditongos - <ae>, <oe> e <au><sup>4</sup> - e, no primeiro século da era cristã, esses ditongos haviam sido reduzidos: <ae> passou a <é>; <oe> passou a <ê>; e <au> passou a <ou> e, em alguns casos, ficou reduzido a <o>, como em *pauperum* > *pobre*, ou ainda a <a>: *augustum* > *agosto*. Já o português, “contrariamente ao gênio da língua-mãe, [...] multiplicou o número dos seus ditongos no decurso de sua evolução” (PEREIRA, 1935, p.72). Segundo Coutinho (1976, p. 108), “as palavras terminadas em latim em -anu, -ane, -one, passaram ao português respectivamente com a terminação -ão, -ã, ou -am e -om, conforme o atesta a língua arcaica”.

Para Silva (2001), a origem dos ditongos nasais está na queda de -n- intervocálico, como podemos verificar nas formas: *mão*, *mãos* [ãũ]<sup>5</sup> (lat. *manu-*, *manos*), *corações* [õĩ], (lat. *corationes*), *cães* [ãĩ] (lat. *canes*). A autora afirma que essa ditongação, historicamente, é precedida pelo hiato, que se desfaz pela semivocalização da vogal que será a margem do ditongo. Pode-se assim dizer que, já no português arcaico, havia os ditongos nasais [ãũ], [õĩ] e [ãĩ]. Acresce também que, nesse período, começa a processar-se a ditongação das vogais nasais /õ/ e /ã/, em posição final de nomes e verbos. Essa ditongação leva à convergência na direção do ditongo [ãũ]. Nesse contexto, Silva (2001, p.75) confirma que “o ditongo [ãũ], entre as línguas românicas, é típico do português”. Ainda segundo a autora, no século XVI, a realização da variante [ãũ] era tida como de prestígio, enquanto a realização [õũ] é até hoje marcada como popular, arcaizante e regional.

O vêneto, por sua vez, é uma das numerosas línguas existentes na Península Itálica, no tempo dos romanos, ao lado do latim e do osco-umbro. Segundo Faria (1957, p. 25), “sua semelhança, ainda que imprecisamente estabelecida com outros dialetos itálicos mais conhecidos, faz ver no vêneto uma língua itálica (...)”. No tocante ao sistema fonológico do itálico, especialmente quanto às semivogais, este “conservou em geral os ditongos do indo-europeu cujo segundo elemento era *i* ou *u*: *ai*, *au*, *ei*, *oi*, *ou*” (FARIA, 1957, p. 168).

Entretanto, a expansão do Império Romano acarretou intensa atividade de contato e interação linguística e, no séc. III a. C., o latim tornou-se a língua oficial de

---

<sup>4</sup> Coutinho (1976) inclui mais um - <eu> -, o qual era raro.

<sup>5</sup> Neste artigo, com exceção do trabalho de Frosi e Mioranza (1983), utilizaremos as notações fonéticas usadas pelos autores citados (cf. Nota 5).

toda a Península Itálica (FARIA, 1957; SILVA NETO, 1957). Dessa forma, o latim impõe-se também na região do Vêneto e, apesar de ter essa língua como substrato, a estrutura fonético-fonológica latina prevalece.

Do ponto de vista diacrônico, o ditongo latino *au* apresenta, na sua passagem para o vêneto, duas realizações diferentes: quando em posição tônica, sofre geralmente um processo de monotongação (*au* > *o*); quando em posição átona, monotonga-se ou conserva a forma latina. Isso explica a diminuta ocorrência desse ditongo nos dialetos italianos (FROSI; MIORANZA, 1983).

Segundo Frosi e Mioranza (1983), a evolução que se processou do latim vulgar para o sistema vêneto e para o português deu-se de formas distintas: de *one* para *ō(n)*, no vêneto; e de *one* para *ão*, na língua portuguesa. Desse modo, pode-se dizer que a interferência fônica do vêneto no português parece ter origem no fato de que o ditongo <ão>, existente no sistema de sons da língua portuguesa, inexistente no sistema vêneto. Diante dessas diferenças, um falante de vêneto, ao aprender o português, fará a transferência de traços de sua língua para a língua alvo, como acontece com o ditongo nasal <ão>. Essa característica é marcante na comunidade de Santa Maria do Engano, bem como em outras do Sul do Brasil, também colonizadas por imigrantes italianos, como veremos na próxima seção.

### **O ditongo nasal <ão> nos estudos dialetais e sociolinguísticos**

Começamos esta seção pelo trabalho de Frosi e Mioranza (1983), na região nordeste do Rio Grande do Sul, fortemente colonizada por imigrantes italianos. Os autores, fazendo um estudo dialetológico com netos de imigrantes falantes de um dos dialetos italianos de imigração e o português, em 51 localidades dessa região, observaram, entre outros fenômenos, o ditongo nasal, obtendo os seguintes resultados<sup>6</sup>: nenhuma ocorrência da pronúncia do ditongo como [ẽw]<sup>7</sup>, 77 (65,25%) de [õ], 29 (24,58%) de [õ]<sup>8</sup>, 08 (10,39%) de [õ̃] e 01 (0,85%) ocorrência de cada uma destas variantes: [õw], [õ:n], [u], [one]. A variação encontrada por Frosi e Mioranza (1983)

---

<sup>6</sup>Frosi e Mioranza (1983) utilizam o Alfabeto Fonético adotado pelos filólogos portugueses e brasileiros no I Congresso Brasileiro de Dialetologia, realizado em Porto Alegre, em setembro de 1958 (cf. FROSI; MIORANZA, 1983, p. 8-12). Por ser ele de difícil transcrição, neste trabalho preferimos adotar os símbolos fonéticos do IPA para mostrar esses resultados.

<sup>7</sup>Não há consenso, entre os autores citados, quanto à representação fonética do ditongo nasal. Neste trabalho, seguimos a notação de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2015).

<sup>8</sup>Esse fone é produzido numa altura intermediária entre o [õ] e [ø].

para o ditongo nasal é maior que a observada em Santa Maria do Engano, mas os resultados para o Nordeste do Rio Grande do Sul se justificam pelo fato de que os informantes desse estudo são falantes de diferentes dialetos da Itália setentrional e residem em diferentes localidades. Daí a maior gama de variantes encontradas.

O segundo estudo de interesse para o nosso trabalho é o de Margotti (2004). O autor analisou a difusão do português em contato com variedades italianas, abrangendo oito municípios do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Com relação ao ditongo nasal, as variantes encontradas foram: [ãw̃] (70% do total de dados); [õw̃] (16% do total); e [õ] (14% do total). De acordo com o autor, os grupos de fatores considerados significativos pelo Programa Varbrul foram, em ordem decrescente de favorecimento da variante [ãw̃]: zona de residência, idade, contexto precedente, pontos de pesquisa, estilo de fala, etnia, tamanho do vocábulo e classe morfológica. As conclusões gerais a que o autor chegou foram: a) quanto maior o tempo de início da colonização das regiões, mais a população tende a substituir os traços italianos pelos portugueses; e b) há uma discriminação recíproca entre os luso-brasileiros e os ítalo-brasileiros, mas, com relação a estes, o preconceito é suavizado.

O terceiro estudo é o de Tomiello (2005), que trata da alternância do ditongo nasal tônico - *ão* ~ *on* – no português falado por bilíngues português-italiano de uma comunidade rural do município de São Marcos – RS. Os resultados encontrados pela autora indicam que as variáveis favorecedoras da pronúncia com influência da língua de imigração são: a extensão da palavra (as monossílabas, com Peso Relativo<sup>9</sup> (PR) = .60) e o contexto fonológico precedente (as consoantes posteriores, com PR = .61; e consoantes nasais, com PR = .57). Quanto às variáveis sociais, as favorecedoras da pronúncia *on* são: a faixa etária (acima de 50 anos, com PR = .76), sexo (masculino, com PR = .58) e escolaridade (até quatro anos, com PR = .70).

O quarto trabalho é o de Horbach (2013), que tem como tema a variação do ditongo <ão> em final de vocábulo por falantes bilíngues português-alemão e português-italiano, respectivamente das comunidades de Panambi e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul. Dentre as variáveis analisadas, as que favorecem a pronúncia de <ão> com traços das línguas de imigração foram: as palavras com duas ou mais sílabas

---

<sup>9</sup> O Peso Relativo é o valor que indica se uma variável linguística ou extralinguística está (des)favorecendo a ocorrência do fenômeno sob análise. Mais adiante falaremos sobre ele.

(PR = .55), pronunciadas por sujeitos acima de 50 anos (PR = .58), do sexo masculino (PR = .56) e que estudaram até quatro anos (PR = .57).

As duas pesquisas acima apontam para a importância das variáveis sociais, quanto ao fenômeno analisado: os homens, acima de 50 anos e com poucos anos de estudo apresentam mais influência das línguas de imigração, em sua fala. Quanto às variáveis linguísticas, apenas a extensão do vocábulo foi relevante, nos dois estudos.

### **O referencial teórico**

No presente trabalho, adotamos os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística, especificamente da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972), a qual afirma que a variação e a mudança são inerentes às línguas naturais e que a variação é passível de sistematização, sendo condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos, como o sexo/gênero, a idade, a classe social, a escolaridade etc. dos sujeitos da pesquisa e a localização da comunidade, entre outros. Na seção dos Resultados, voltaremos a falar sobre essas variáveis. A seguir, vemos os pressupostos metodológicos seguidos neste estudo.

### **Procedimentos metodológicos**

#### **A localidade pesquisada<sup>10</sup>**

Santa Maria de Engano é uma das 50 comunidades de Alfredo Chaves, e nela vivem aproximadamente 300 habitantes, em pequenas propriedades rurais. A região se situa a 530 metros de altitude, com um relevo bastante montanhoso e com um clima agradável durante todo o ano. Essa localidade dista 20 km da Sede do município e cerca de 80 km de Vitória, a capital do estado.

Trata-se de uma comunidade cuja população é composta majoritariamente por ítalo-descendentes, os quais trabalham principalmente no cultivo do café e da banana – que são comercializados na própria região – e na criação de gado leiteiro. O leite

---

<sup>10</sup> A comunidade de Santa Maria do Engano foi selecionada por ser o local onde uma das autoras deste artigo nasceu e viveu até seus 28 anos. Também é o lugar onde sua família continua residindo, o que faz com que ela visite constantemente a comunidade e que conheça intimamente todos os seus moradores e sua rotina diária. As informações contidas neste subitem são dadas com base nesse conhecimento.



produzido pode ter três destinos: a Cooperativa de Laticínios de Alfredo Chaves, a fabricação de queijo para consumo familiar ou, em alguns casos, o comércio.

A igreja católica é hoje a única instituição da comunidade, já que a escola foi desativada. É a igreja o ponto de encontro de todos nos domingos, quando, após a celebração religiosa, realizam os jogos de mora e de bocha. São também as festas religiosas as maiores opções de lazer dos moradores, nas quais as pessoas das redondezas se encontram e muitos jovens iniciam os namoros.

A educação básica é provida por escolas dos distritos vizinhos e, quanto ao ensino superior, na maioria dos casos, os jovens não se mudam para estudar: fazem seus cursos em cidades próximas, utilizando o transporte oferecido pela Prefeitura ou mesmo participando de cursos a distância. Deve-se dizer ainda que pouquíssimas famílias contam com telefonia, e a internet está presente em apenas cinco residências. Todas as famílias contam com TV em casa, mas ela é pouco assistida, devido aos trabalhos na lavoura e o lazer em família e na igreja, nos fins de semana.

Por fim, ressaltamos que a maioria dos que visitam a comunidade tem algum vínculo com os moradores. Assim, os contatos com pessoas de fora são bastante restritos, o que atesta o isolamento de Santa Maria do Engano.

### **Os informantes**

Neste trabalho, foram selecionados 40 sujeitos – 20 mulheres e 20 homens –, todos descendentes de imigrantes italianos, nascidos e residentes na localidade ou que aí passaram 2/3 de sua vida. Em princípio, a composição de nosso banco de dados de fala deveria dar-se com um número regular de informantes, distribuídos em quatro faixas etárias (de 08 a 14, de 15 a 30, de 31 a 50 e acima de 50 anos), dois sexos/gêneros e três níveis de escolaridade (de 0 a 04, de 05 a 08 e acima de 08 anos de escolarização), com dois sujeitos em cada célula. No entanto, não foi possível encontrar todos os informantes com a escolaridade necessária, devido às características da comunidade.

Dessa forma, objetivando-se uma composição mais uniforme do corpus, tivemos que trabalhar com apenas dois níveis de escolaridade: 17 informantes têm de 0 a 05 (EF I) e 23 têm acima de 05 anos (EF II). Vale dizer que, apesar de alguns informantes terem o vêneto como primeira língua, no presente momento todos se dizem monolíngues.

### **As variáveis**

A variável dependente considerada para este estudo é a realização do ditongo nasal tônico <ão>, e nossas variantes são: a pronúncia desse ditongo com influência do vêneto, isto é, como [õ] ou [õw]; e a pronúncia padrão do português, como [ẽw].

Com relação às variáveis independentes, estabelecemos quatro linguísticas - classe de palavras (nomes, verbos e palavras funcionais), extensão do vocábulo (uma e mais de uma sílaba), contextos fonológicos precedente (ataque vazio e consoantes nasal, anterior e posterior) e seguinte (pausa, vogal e consoantes nasal, anterior e posterior) - e três extralinguísticas - faixa etária, sexo/gênero e nível de escolaridade.

### **A coleta e o tratamento dos dados**

Para alcançarmos os propósitos deste estudo, realizamos uma pesquisa de campo, com a formação de um banco de dados de fala por meio de entrevistas sociolinguísticas. Como dissemos anteriormente, o estreito vínculo de uma das autoras deste trabalho com a comunidade possibilitou não só uma comunicação natural, conseguindo minimizar o Paradoxo do Observador (LABOV, 1972), como também proporcionou maior rapidez na seleção e no contato com os informantes. As conversas giraram em torno dos sentimentos dos informantes acerca de sua origem, dos hábitos e tradições da família atual e dos ascendentes, da história da comunidade e das lembranças do passado no Brasil e na Itália, conforme um Roteiro de Perguntas preparado para que se pudesse traçar a história da colonização e dos contatos linguísticos que ocorreram nessa localidade.

As entrevistas foram gravadas em gravador digital e tiveram a duração de 30 minutos, com algumas crianças, até mais de uma hora, com os mais idosos. Ao término de cada uma, o *Termo de Consentimento Livre e Informado - TCLI* - foi assinado pelo entrevistado ou por seu responsável, permitindo-nos fazer uso das informações levantadas. Por último, as entrevistas foram transcritas e os dados foram codificados e quantificados, utilizando-se o programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), o qual indica, por meio do peso relativo (PR), os fatores que (des)favorecem a ocorrência de uma determinada variante: quanto mais

próximo de 1.0 for o peso relativo, mais o fator irá favorecer a ocorrência da variante; ao contrário, quanto mais próximo de 0.0 for o peso relativo, mais o fator irá desfavorecê-la; e quando o peso relativo for 0.5 ou próximo dele, o fator não irá favorecer nem desfavorecer a ocorrência dessa variante (cf. GUY; ZILLES, 2007; SCHERRE; NARO, 2003). Igualmente importante é analisar-se o *range*, que é a diferença entre o maior e o menor valor dos pesos relativos de uma variável, a fim de avaliarmos sua importância para o fenômeno sob estudo. De posse dos resultados quantitativos, pôde-se passar para a sua análise qualitativa. Na próxima seção, encontram-se os nossos resultados.

## Resultados

A partir das entrevistas realizadas, obtivemos um total de 1956 ocorrências do ditongo nasal tônico <ão> falado pelos 40 informantes. Desse total, 562 (28,7%) foram realizados como [õ] ou [õw], ou seja, apresentaram influência do vêneto, e 1394 (71,3%) não apresentaram influência.

O Programa Goldvarb X selecionou como relevantes todas as variáveis independentes - exceto a classe gramatical da palavra. A Tabela 1 revela a influência de cada grupo de fatores na realização do processo sob análise.

**Tabela 1-Resultados gerais para a pronúncia [õ] ~ [õw] em S. M. do Engano**

GRUPO DE FATORES		APL/TOTAL	%	PR
Sexo	Masculino	360/1100	32,7	<b>.58</b>
	Feminino	202/856	23,6	.40
Faixa etária	Acima de 50	247/591	41,8	<b>.65</b>
	31-50	200/692	28,9	.51
	15-30	97/473	20,5	.41
	08-14	18/200	9,0	.25
Escolaridade	Até 5 anos	351/924	38	<b>.63</b>
	Mais de 5 anos	211/1032	20,4	.38
Extensão do vocábulo	Mais de uma sílaba	328/718	45,7	<b>.68</b>
	Monossílabo	234/1238	18,9	.39
Contexto seguinte	Pausa	305/947	32,2	<b>.60</b>
	Cons. posterior	42/146	28,8	.51
	Cons. nasal	32/102	31,4	.46
	Vogal	102/310	32,9	.45
	Cons. anterior	81/451	18,0	.34
Contexto recedente	Cons. posterior	38/74	51,4	<b>.59</b>
	Cons. anterior	262/647	40,5	<b>.56</b>
	Cons. nasal	245/1166	21,0	.48

	Ataque vazio	17/69	24,6	.25
Classe gramatical	Nome	217/538	40,3	-
	Verbo	18/102	17,6	-
	Advérbios e palavras funcionais	327/1316	24,8	-
<b>TOTAL = 1956</b>				

Input: - 0.243; Significância: 0.000

Em vista dos resultados gerais acima, procederemos às nossas análises, primeiramente quanto às variáveis linguísticas e, em seguida, às extralinguísticas.

### Extensão do vocábulo

Com respeito à extensão do vocábulo, verificamos que as palavras com duas ou mais sílabas foram as que mais favoreceram a produção do ditongo <ão> com influência do vêneto (PR = .68), enquanto os monossílabos a desfavoreceram (PR = .39), uma diferença bastante relevante entre ambos. Com relação aos monossílabos, em nossos dados foi bastante significativa a ocorrência do vocábulo *não*, principalmente nas entrevistas com crianças, e, entre estas, sua pronúncia ocorreu quase sempre sem a influência do vêneto. Cremos que esse fato pode ser uma das razões do peso relativo baixo verificado para os monossílabos pronunciados com influência vêneta.

Outros exemplos encontrados no corpus foram: *são, pão, mão e chão*, mas em número muito menor que *não*. Neste ponto, é importante esclarecer que o vocábulo *não* seguido de verbo, quando pronunciado [nũ], não foi levado em consideração. Encontramos ainda o vocábulo *estão* em sua forma reduzida *tão* e, por isso, este foi classificado como monossílabo. Dentre os exemplos de palavras com mais de uma sílaba, temos: *educação, almeirão, feijão, caminhão, irmão, televisão, senão, então, depressão, injeção, avião, geração, tradição, perdão* etc.

### Contexto fonológico seguinte

Como é possível observar pela Tabela 1, dos cinco contextos seguintes analisados, a pausa é o único que favorece a pronúncia do ditongo nasal com influência do vêneto (PR = .60), e a consoante anterior é a única que a desfavorece fortemente (PR = .34); três contextos - consoante posterior, consoante nasal e vogal - se encontram, respectivamente, próximos da neutralidade (PR = .51) ou revelam um leve desfavorecimento (PR = .46 e .45) da pronúncia com marcas vênetas.

Se pensarmos que a articulação do elemento posterior ao ditongo possibilita a alteração de sua pronúncia, a pausa permite que a realização do ditongo se dê mais livremente, podendo surgir a pronúncia com influência da língua de imigração. Com respeito ao desfavorecimento da pronúncia [õw] ou [õ] pelas consoantes anteriores, parece-nos que, sendo central a vogal nasal [ẽ] e posteriores a vogal nasal [õ] e a semivogal [w], que compõem o ditongo que estudamos, o segmento seguinte anterior poderá provocar mais facilmente uma alteração na articulação de <ão>. Entretanto, essa explicação não se aplica a todas as pesquisas sobre a realização de <ão>, como veremos adiante.

Os seguintes trechos de nossas entrevistas exemplificam a ocorrência do fenômeno<sup>11</sup>:

**Excerto 1**

*“Fazia com feij[õ], sopa de maca[rõ]...” (Fem., EF I, 58 anos);*

*“À noite? Deixa eu pensar... É televis[õ]. Coisa assim, né? Televis[õ].” (Fem., EF II, 25 anos).*

*“Um dia eu esperava ele sempre com o tiç[õ]. Assim, pra vim encontrar ele na estrada com o tiç[õ], né? Ai ele chegou em casa, ele chegava bêbado, chegava bravo, né?” (Masc., EF II, 44 anos).*

*“Ele teimou de subir na Eternit, sen[õ], ele num tava morto ainda n[õ].” (Fem., EF II, 61 anos)*

**Contexto fonológico precedente**

Nossos resultados indicam que os contextos precedentes que favorecem a pronúncia do ditongo nasal com influência do vêneto são, em escala decrescente, as consoantes posterior e anterior. As consoantes nasais se mostram relativamente neutras, e o ataque vazio desfavorece fortemente o fenômeno, com PR = .25. Quanto a este último, a pronúncia do ditongo nasal com influência da língua de imigração teve 17 ocorrências, nas palavras: *João* (09 casos), *religião* (04 casos), *avião* (03 casos) e *Sebastião* (01 caso). Já a pronúncia sem a influência vêneta se deu nas seguintes palavras: *João* (26 casos), *região* (18 casos), *religião* (06 casos), *Sebastião* (01 caso) e *avião* (01 caso). Vemos, portanto, que as mesmas palavras foram pronunciadas ora com

<sup>11</sup>Nos excertos, utilizamos a notação [õ] para representar tanto a pronúncia [õ] quanto [õw].

a influência vêneta, ora sem essa influência, até mesmo por uma mesma pessoa – um homem jovem, com até 05 anos de escolarização, que pronunciou [aviõ] duas vezes e [aviẽw] uma vez. Casos como este último exemplificam a variação na pronúncia do ditongo nasal existente entre os moradores e revelam o processo de mudança pelo qual está passando a comunidade

Exemplos retirados de nosso corpus são:

#### **Excerto 2**

*“Antigamente parece que eles faziam assim mais por diversão. Juntava as pessoas e fazia. Igual o maca[rõ] feito em casa era também o pastel...” (Fem., EF II, 38 anos).*

*“Trabalhou talvez no café, plantar feij[õ], essas coisa assim, só... só essas coisa. (...) Olha era mais aquela minestra que se falava. Minestra, maca[rõ], feij[õ], tinha só essas coisa mais simples. (Masc., EF I, 55 anos).*

*“É, só feij[õ], arroz, essas coisas, só para o gasto. (...) eu estava falando com a velha, eu acho que ontem de noite, eu acho que foi, porque tinha um fog[õ], tinha a chapa com 8 buraco, 4 de cada lado.” (Masc., EF I, 78 anos)*

Os resultados obtidos em nossa pesquisa e também os resultados de Tomiello (2005) e de Horbach (2013), para as variáveis linguísticas, evidenciam que estas não se mostram categoricamente (des)favorecedoras da pronúncia do ditongo com influência da língua de imigração.

Para a extensão do vocábulo, por exemplo, os monossílabos foram desfavorecedores da pronúncia [õ] ou [õw] em nosso estudo e no de Horbach (2013), com PR = .39 e .43, respectivamente, mas favorecedores no corpus de Tomiello (2005), com PR = .60. Quanto ao contexto fonológico seguinte, ele foi selecionado pelo Programa Goldvarb X em nosso estudo, mas não no de Tomiello (2005). Horbach (2013), por sua vez, não analisou essa variável. E, quanto ao contexto precedente, no estudo de Horbach (2013) ele não foi selecionado pelo programa Goldvarb X; no nosso e no de Tomiello (2005) o foi, mas, enquanto que há praticamente coincidência de peso relativo com respeito à consoante posterior (PR = .59 e .61, respectivamente), para a consoante anterior (PR = .56 e .48, respectivamente) e para a consoante nasal (PR = .48 e .57, respectivamente), os resultados foram o inverso. O ataque vazio desfavorece a

pronúncia [õ] ou [õw] nos dois estudos, mas os nossos resultados (PR = .25) diferem bastante dos de Tomiello (PR = .39).

Os dados obtidos nessas três pesquisas para as variáveis linguísticas levam-nos a pensar que a realização do ditongo nasal pode não estar relacionada especificamente ao número de sílabas da palavra nem aos contextos fonológicos, mas a outros fatores que podem também estar influenciando sua ocorrência. Pelo menos duas hipóteses podem ser aventadas: i) determinadas palavras, mais frequentemente utilizadas na comunidade, podem estar impulsionando a pronúncia como o faziam os antigos moradores, ou seja, a pronúncia da palavra foi *herdada* pelas gerações seguintes, como é o caso do termo *maca[rõ]*, que aparece no Excerto 2, pronunciado com tepe por dois informantes de duas faixas etárias distintas; ii) fatores de ordem social talvez estejam determinando a pronúncia do ditongo nasal com marcas vênetas, como veremos a seguir.

### **Variáveis extralinguísticas**

Com relação às variáveis sociais, o programa Goldvarb X selecionou como significativas todas as analisadas por nós. Nas subseções seguintes, encontramos os resultados para cada uma delas, separadamente.

### **Sexo/gênero**

Pela Tabela 1, observamos que a realização de <ãõ> com influência do vêneta é desfavorecida pelas mulheres (PR = .40), ao contrário dos homens (PR = .58), índices muito semelhantes aos encontrados por Tomiello (2005) e por Horbach (2013), citados anteriormente, para comunidades do Rio Grande do Sul.

Esses resultados estão de acordo com muitos estudos sociolinguísticos, realizados em diferentes comunidades do mundo, que atestam que as mulheres são mais sensíveis às variantes de prestígio, se comparadas com homens da mesma classe social e nas mesmas circunstâncias (CHAMBERS, 2009)<sup>12</sup>. Nessa mesma direção aponta Labov (2001), quando afirma que, em se tratando de mudança linguística, quando esta ocorre

---

<sup>12</sup> Nas palavras de Chambers (2009, p. 115): “Em praticamente todos os estudos sociolinguísticos que incluem uma amostra de homens e mulheres, há evidências para esta conclusão sobre o seu comportamento linguístico: as mulheres usam menos variantes estigmatizadas e não padrão do que os homens do mesmo grupo social, nas mesmas circunstâncias”. [Tradução nossa]

com consciência social (*change from above*), as mulheres tomam a posição de líderes da mudança, desde que não se trate de variantes estigmatizadas. Dessa forma, vemos que esse padrão feminino atinge até mesmo as comunidades rurais dos países em vias de desenvolvimento, como o Brasil.

### **Escolaridade**

Os resultados para a variável *escolaridade*, em Santa Maria do Engano, evidenciam que os informantes com até 05 anos de escolarização favorecem a pronúncia com influência vêneta (PR = .63), ao passo que aqueles que têm acima de 5 anos de estudo a desfavorecem (PR = .38). Esses resultados - relativamente semelhantes aos de Tomiello (2005) e de Horbach (2013) - comprovam outros estudos sociolinguísticos acerca da força da escola sobre as formas não padrão do português, conforme indica Votre (2003).

Sabemos que a pronúncia de palavras com influência de uma língua estrangeira é marcada, e não apenas no Espírito Santo. Provavelmente por isso a escola tente eliminar essa pronúncia de seus alunos. Em Santa Maria do Engano, a escola agiu deliberadamente contra a língua de imigração e suas marcas no português, como demonstra o excerto a seguir.

#### **Excerto 3**

*“Olha, os próprios pais, na escola também os professores também pediam [que não falasse a língua estrangeira]. Teve escola também que pediam pros pais não ficar falando dialeto em casa, pros filhos, pros filhos ter uma língua mais esclarecida, porque às vezes as crianças chegavam na escola falando o dialeto e misturavam tudo, às vezes não saía nem o português nem o dialeto e aconteceu isso muito comigo, que eu custei a aprender a falar com dois "r" porque na língua italiana não se fala, então tudo o que eu ia falar eu falava "[r]osa, [r]io, te[r]a, mo[r]o" porque eles falam assim, meus pais falavam assim e a convivência era toda, com os primos, com os tios. (Fem., EF I, 48 anos).*

Frosi, Faggion e Dal Corno (2005) afirmam que são recorrentes, nos depoimentos de descendentes de imigrantes, as referências ao preconceito quanto ao seu modo errado de falar, recebendo adjetivos como *ignorante, grosso, atrasado, burro*.



De acordo com as autoras, ainda hoje existe a memória do estigma com referência à fala portadora de marcas italianas, e esse preconceito ficou claro em nossas entrevistas.

Com base no que afirmam os estudos sociolinguísticos a respeito da atuação da instituição escolar na linguagem dos falantes, cremos que, numa localidade como Santa Maria do Engano, a escola seja o principal meio de os moradores se depararem com o estigma com relação à sua linguagem, haja vista que poucos adultos e idosos saem da comunidade, quase nenhuma família tem internet e os trabalhos na roça não permitem que se assista a muitos programas de TV. Dessa forma, cremos que vêm da escola as principais pressões para o abandono das marcas vênetas na fala dos moradores e, portanto, para a adoção das formas *legítimas* da língua, o que justifica os nossos resultados para a variável *escolaridade*.

#### **Faixa etária**

Outra variável selecionada pelo programa Goldvarb X foi a *faixa etária*. Nossos resultados indicam claramente a mudança em progresso com respeito à pronúncia do ditongo nasal com influência vêneta, em Santa Maria do Engano: os mais idosos favorecem essa pronúncia (PR = .65); para os adultos, o peso relativo é neutro (PR = .51); os jovens a desfavorecem levemente (PR = .41); e as crianças a desfavorecem fortemente (PR .25). A mesma tendência é observada nos trabalhos de Tomiello (2005) e Horbach (2013), em comunidades bilíngues do Rio Grande do Sul.

Nos estudos sociolinguísticos, dentre as causas apontadas como favorecedoras da mudança linguística em progresso, além da atuação do maior grau de escolarização dos sujeitos, está o mercado de trabalho, com relação principalmente aos adolescentes e jovens. Com relação à escolaridade, vimos que a escola atuou e atua para a padronização da língua portuguesa na comunidade. Quanto ao mercado de trabalho, observamos, pelas entrevistas e por nosso conhecimento da comunidade, que a maioria dos jovens conclui o ensino médio e continua ajudando o pai na lavoura. No entanto, há, em número reduzido, aqueles que pretendem sair do lugar e trabalhar na cidade, como exemplificam os seguintes depoimentos:

#### **Excerto 4**

*“Eu gosto [de Santa Maria do Engano], mas eu pretendo ir pra cidade. (...) Meu irmão*

*trabalha na Fiat [em Guarapari] com uns computadores. Pretendo ir também.” (Masc., EF II, 15 anos).*

*“E apesar de eu ter esse vínculo aqui com a minha casa, com a minha família, é bem provável, eu tenho essa ideia de morar fora para poder estudar, independente da profissão que eu exercer.” (Fem., EF II, 17 anos).*

De acordo com Chambers (2009), a pressão do mercado influencia a linguagem das pessoas que aspiram ascender profissionalmente, de modo que elas tentam mudar sua forma de falar em direção à linguagem do grupo ao qual quer pertencer. No caso dos dois jovens do excerto acima, essa hipótese também parece aplicar-se, pois observamos, durante suas entrevistas, que nenhum deles pronunciou o ditongo nasal com influência do vêneto.

Ainda quanto aos mais jovens de Santa Maria do Engano, além frequentarem os mesmos lugares dos mais velhos, aumentam o seu leque de contatos pelo fato de não haver escola na comunidade. Assim, eles devem estudar em outros lugares, tendo colegas que falam sem quaisquer marcas de uma língua de imigração. Os excertos a seguir confirmam o que dizemos.

#### **Excerto 5**

*“Ela [a filha] fica em casa até as 10 horas, faz comida, passa roupa, limpa casa. Aí eu venho pra casa, o almoço tá pronto, né? Depois almoço e vou de novo pra roça. Ela tá fazendo o 2º ano do ensino médio em São João, que ela tá estudando.” (Fem., EF II, 30 anos).*

*“Eu estudei até um tempo atrás em Matilde. Aí então antes eu trabalhava aqui de dia, né? O dia todo, porque depois de noite eu estudava. Só que agora vou pra escola de dia em São João.” (Masc., EF II, 15 anos).*

Portanto, são as crianças que mantêm um maior contato com o mundo exterior, e esse fato atua para que a mudança linguística se dê rapidamente.

#### **Considerações finais**

No século XIX chegaram ao Espírito Santo milhares de imigrantes de diversas etnias, os quais marcaram a história deste estado. Desse total, a maioria era de italianos, que trouxeram na bagagem suas tradições culturais, passadas de geração em geração.

Em Santa Maria do Engano, podemos encontrar uma amostra das consequências desse contato cultural ítalo-brasileiro. Além de algumas construções em ruínas, a religiosidade, a forma de trabalho em família e os costumes convivem com os traços fonético-fonológicos da língua ancestral – o vêneta – presentes na fala dos moradores. Dentre eles, as variantes [õ] ~ [õw] do ditongo nasal tônico <ão>, estudado por nós.

Com respeito à realização variável desse ditongo, nossos resultados apresentam uma frequência total de 28,7% de pronúncia com influência vêneta. Essa variação é condicionada tanto por fatores internos quanto externos; contudo, os aspectos externos se sobressaem. Das variáveis investigadas, os resultados referentes à *faixa etária* foram decisivos para demonstrar o processo de mudança em progresso, com o iminente desaparecimento de um traço marcante da linguagem da comunidade.

Em relação à variável *sexo/gênero*, os nossos resultados revelam que os homens tendem mais a fazer uso de <ão> com influência vêneta, confirmando que as mulheres preferem usar as variantes prestigiadas socialmente. Quanto à variável *escolaridade*, confirmamos que a influência vêneta se faz presente na fala dos menos escolarizados. Em nosso caso, trata-se de uma variante estigmatizada pela escola, que chega a ser sistematicamente corrigida. Esses resultados, coincidentes com os obtidos por Tomiello (2005) e Horbach (2013), evidenciam a relevância das pressões sociais em favor da língua majoritária.

Com respeito às variáveis linguísticas analisadas em nossa pesquisa, a *extensão do vocábulo*, o *contexto precedente* e o *contexto seguinte* exercem influência sobre o fenômeno, em Santa Maria do Engano, mas esses resultados nem sempre se confirmam em comunidades bilíngues do Rio Grande do Sul, com as quais comparamos os dados de Santa Maria do Engano. Pesquisas em outras localidades seriam bem-vindas, para atestarmos a importância dessas variáveis para o fenômeno estudado.

Por fim, esperamos que esta pesquisa contribua para os estudos sobre o contato linguístico, principalmente no Espírito Santo, estado com ampla diversidade cultural e linguística. Acreditamos que, ao descrevermos essa diversidade e analisarmos a influência da língua ancestral no português, estaremos mostrando às gerações mais jovens que sua linguagem *diferente* tem razão de ser e que ela e todas as variedades de uma língua, indistintamente, merecem o nosso respeito.

## Referências

- ALMEIDA, M. S.; ARAÚJO, G. A. Aspectos do ditongo nasal /ãõ/ no falar cuiabano. *Signótica*, Goiânia, 2010. v. 22, p. 409-425.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e fonologia*. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Rev. Ed. West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2009.
- COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Ver. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DERENZI, L. S. *Os italianos no Estado do Espírito Santo*. Vitória: Artenova, 1974.
- FARIA, E. *Fonética histórica do latim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
- FROSI, V.; MIORANZA, C. *Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
- \_\_\_\_\_; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O.M. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. *Métis: história & cultura*. Caxias do Sul: EDUCS, v. 4, n. 8 (jul./dez.), 2005.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa; instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HORBACH, A. G. *A variação do ditongo nasal ão nas comunidades bilíngues de Panambi e Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul*. 118f. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change; social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- MARGOTTI, F.W. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 332f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MEDEIROS, B. R. de. Vogais nasais do Português Brasileiro: reflexões preliminares de uma revisita. *Revista de Letras*. Ed. UFPR, Curitiba, nº72, Maio/Ago. 2007.

\_\_\_\_\_. Nasal coda and vowel nasality in Brazilian Portuguese. *Selected Proceedings of the 5th Conference on Laboratory Approaches to Romance Phonology*. Ed. Scott M. Alvord. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2011.

MEDEIROS, B. R. de; DEMOLIN, D. Vogais nasais do Português Brasileiro: um estudo do IRM. *Revista da ABRALIN*. Vol.5, nº 1 e 2, dez. 2006.

MEIRELES, A. R.; GOLDSTEIN, L.; BLAYLOCK, R.; NARAYANAN, S. Gestural coordination of Brazilian Portuguese nasal vowels in CV syllables: a real-time MRI study. In: *18<sup>th</sup> International Congress of Phonetic Sciences*. Glasgow: University of Glasgow, 2015. v.1. p. 1-4.

MORAES, J.; WETZELS, L. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. In: ABAURRE, M. B.; WETZELS, W. L. (org.). *Caderno de Estudos Linguísticos*, 23. Campinas: Unicamp, 1992.

PEREIRA, E. C. *Grammatica histórica*. Disponível em: [http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/gramaticaindex.php?fg=arquivos/Eduardo\\_Pereira\\_gramatica\\_historica/061-080.pdf&mn=gramatica&menu.php](http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/gramaticaindex.php?fg=arquivos/Eduardo_Pereira_gramatica_historica/061-080.pdf&mn=gramatica&menu.php). Acesso em 23 dez. 2015.

PERES, E. P. Aspectos sócio-históricos do contato entre o dialeto vêneto e o português no Espírito Santo. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v.8, n. 10.1, p. 53-71, 2014.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref).

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M.C; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística; o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 147-178.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA NETO, S. *História do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957. 1957.

SILVA, R. V. M. *O português arcaico: fonologia*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

TOLEDO, E. E.; MONARETTO, V. N. O. A redução de ditongos orais decrescentes no português brasileiro do Sul do Brasil: descrição e generalização. In: *Anais do IX Encontro do CELSUL*. Palhoça, SC, out. 2010. Universidade do Sul de Santa Catarina. p. 1-15. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/os-encontros/2010-palhoca-sc/>. Acesso em: 23 jul. 2016.

TOMIELLO, M. *A variação do ditongo nasal tônico –ão como prática social no português de São Marcos/RS*. 109f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura

Regional), Programa de Mestrado em Letras e Cultura Regional, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2005.

VOTRE, S. A relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M.C; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística; o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. p. 51-59.

WETZEL, L. Comentários sobre a estrutura fonológica dos ditongos nasais do Brasil. *Revista de Letras*, nº 22, vol. 1/2 – jan/dez. 2000, p. 25-30.

Artigo recebido em: 17/04/2017.

Artigo aceito em: 13/07/2017.

Artigo publicado em: 20/07/2017.

## O PRONOME *A GENTE* NA FALA MACEIOENSE: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória\*

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar a alternância pronominal entre as formas *nós* e *a gente* e a concordância verbal relacionada ao uso do pronome *a gente* na cidade de Maceió/AL. Para tanto, recorremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) e utilizamos, para a análise estatística dos dados, o programa computacional GoldVarb X. Nossa amostra é constituída por 72 entrevistas, estratificadas de acordo com as variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. De acordo com os resultados obtidos, verificamos não só que *a gente* é o pronome preferido – 76% versus 24% de *nós*, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal, função sintática e faixa etária – como também que *a gente* é mais frequente com o verbo na 3PS – 94% versus 6% de *a gente* + 1PP, sendo essa variação condicionada pelas variáveis explicitude do sujeito, saliência fônica, escolaridade e faixa etária.

**Palavras-chave:** Alternância pronominal. Concordância verbal. Variação. Língua falada.

**Abstract:** This study aims to describe and analyze the pronominal alternation between forms *nós* and *a gente* and verbal agreement related to the use of the pronoun *a gente* in Maceió/AL. For this propose, we follow the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972) and we use for statistical analysis of data the computational program GoldVarb X. Our sample consists of 72 interviews, stratified according to the variables sex/gender, age and education. According with the results, we verify not only that *a gente* is the preferred pronoun – 76% versus 24% of *nós*, this being conditional variation by the variables formal parallelism, syntactic function and age – but also *a gente* is more frequent with the verb in the 3PS – 94% versus 6% of the *a gente* + 1PP, and this variation is conditioned by variables explicitness of the subject, phonic salience, education and age.

**Keywords:** Pronominal alternation. Verbal agreement. Variation. Spoken language.

### Introdução

O quadro tradicional de pronomes apresentado na maior parte das gramáticas e dos materiais que servem de modelo ao ensino de Língua Portuguesa elege apenas as formas do pronome *nós* para a referência à primeira pessoa do plural. No entanto, a implementação de *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro, segundo Lopes (2002; 2004), iniciou-se

---

\* Faculdade de Letras – campus do Sertão, UFAL, Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: elyne.vitorio@gmail.com.

entre os séculos XVII e XVIII e originou-se da forma nominal *gente*, que, ao passar por um processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*, perde o traço formal de número, perde o traço formal de gênero [+ feminino] e ganha o traço [+ pessoa].

Encaixado no sistema linguístico do português brasileiro, estudos sociolinguísticos (OMENA, 2003; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; SANTOS, 2014; VIANNA; LOPES, 2012; 2015; VITÓRIO, 2015, 2016) mostram que *a gente* não só tem ocupado o espaço do pronome *nós* para a referência à primeira pessoa do plural na posição de sujeito, como em *nós estudamos sintaxe / a gente estuda sintaxe*, como também começa a se implementar nas posições de complemento e adjunto, como em *o menino nos atendeu / o menino atendeu a gente* e *o nosso trabalho foi um sucesso / o trabalho da gente foi um sucesso*.

Outro ponto a destacar diz respeito ao fato de que, nas variedades brasileiras, a forma pronominal preferida para representar a primeira pessoa do plural tanto pode ocorrer com o verbo na terceira pessoa do singular – 3PS, como *a gente estuda sintaxe*, quanto com o verbo na primeira pessoa do plural – 1PP, como *a gente estudamos sintaxe*, mostrando, assim, que a concordância verbal de primeira pessoa do plural constitui um fenômeno variável a depender de variáveis linguísticas e extralinguísticas (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; COELHO, 2006; MATTOS, 2010; VIANNA, 2011; RUBIO, 2012; MATTOS, 2013).

Marcotulio, Vianna e Lopes (2013), ao tratarem da concordância com o pronome *a gente* no português, argumentam que o processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente* fez com que esse pronome não só guardasse traços morfossintáticos do nome *gente*, como também adquirisse algumas propriedades intrínsecas dos pronomes pessoais. Segundo os autores, na gramática, estão disponíveis dois conjuntos de traços, a saber, traço gramatical (3PS) e traço semântico (1PP), o que seriam responsáveis pela geração de diferentes padrões de concordância no português brasileiro e no português europeu.

Naro, Görski e Fernandes (1999) também argumentam que:

Em português padrão, o sujeito de primeira pessoa do plural é *nós* e sua forma verbal correspondente é feita com a flexão gramatical *-mos*. Um exemplo típico é *nós falamos*. Entretanto, há uma alternativa para o sujeito pronominal de primeira pessoa do plural: *a gente*, que deriva de um sintagma nominal com a mesma forma e significa *as pessoas*. Na linguagem padrão, o verbo usado com *a gente* recebe desinência de terceira pessoa do singular, com terminação zero. Um típico exemplo é *a gente fala*. Conquanto, o uso do pronome sujeito, com certa frequência, não é obrigatório, e, na linguagem informal, a desinência *-mos* é omitida com *nós* e usada com *a gente*, a despeito do papel categorial e ao contrário do padrão. As formas *nós falamos* e *a gente fala* são padrão; *nós fala* e *a gente falamos* são não padrão. (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999, p. 201, tradução nossa).



Neste trabalho, objetivamos analisar a alternância pronominal entre as formas *nós* e *a gente* e a concordância verbal relacionada ao uso do pronome *a gente* na fala maceioense, com o intuito de agregar informações ao mapeamento linguístico do português brasileiro que tem como foco as formas pronominais de 1ª pessoa do plural (cf. VIANNA; LOPES, 2015). Para tanto, realizamos uma análise quantitativa dos dados com o objetivo de responder às seguintes questões: qual a frequência de uso de *nós* e *a gente* na comunidade estudada, que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam a realização de *a gente*, como esse pronome se comporta em relação ao fenômeno da concordância verbal e que variáveis condicionam a variação de *a gente* + 3PS e *a gente* + 1PP.

Nossas hipóteses são que, na fala maceioense, *a gente* é o pronome preferido para representar a primeira pessoa do plural, podendo ser condicionado pelas variáveis determinação do referente, paralelismo formal, função sintática, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, e que esse pronome tanto pode ocorrer com o verbo na 3PS quanto na 1PP, podendo essa variação ser condicionada pelas variáveis explicitude do sujeito, determinação do referente, paralelismo formal, saliência fônica, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam esta pesquisa; em seguida, analisamos os resultados obtidos para a alternância pronominal *nós* e *a gente*; e, por fim, descrevemos os resultados encontrados para a variação na concordância verbal com o pronome *a gente*. Nosso objetivo é que os resultados aqui apresentados possam contribuir para o mapeamento do português brasileiro tomando por base a língua usada na cidade de Maceió/AL.

### **Aporte teórico-metodológico**

Para a descrição e análise dos dados, recorremos à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), que toma como objeto de análise a variação e a mudança linguística, mostrando, assim, que a língua é um fator importante na identificação e na demarcação de diferenças linguísticas e sociais na comunidade de fala, sendo, portanto, constituída de uma heterogeneidade ordenada. A língua é um sistema inerentemente variável, dotada de regras variáveis, que são condicionadas por restrições linguísticas e sociais.

Tal proposta não só leva em consideração a influência de fatores linguísticos e sociais no condicionamento dos fenômenos linguísticos variáveis, como também propõe algumas etapas básicas que devem ser seguidas pelo pesquisador sociolinguista para a sistematização

de regras variáveis, a saber: definir a variável dependente e as variáveis independentes, delimitar a amostra da pesquisa e obter o *corpus*, transcrever, codificar e quantificar os dados e, por fim, interpretar e explicar os resultados obtidos (GUY; ZILLES, 2007).

O trabalho de interpretação e explicação de dados sociolinguísticos leva os pesquisadores a focalizarem suas análises em até cinco problemas propostos pela teoria laboviana: restrição, transição, encaixamento, avaliação e implementação das formas variantes, proporcionando, assim, a descrição do perfil sociolinguístico dos falantes de diversas comunidades de fala em relação a diferentes fenômenos linguísticos variáveis situados nos níveis fonético-fonológico, morfossintático, discursivo e lexical.

Para a descrição e análise da alternância pronominal na cidade de Maceió/AL, consideramos uma variável dependente binária, que é constituída pelas realizações das formas pronominais *nós* e *a gente* em diferentes funções sintáticas, como observamos nos exemplos (1), (2), (3) e (4), e selecionamos as seguintes variáveis independentes como possíveis grupos de fatores condicionantes da variação em estudo: determinação do referente, paralelismo formal, função sintática, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade<sup>1</sup>.

- (1) tem outras – tem a segurança que *a gente* fica ali tomando conta do porto – então os funcionários vão embora e – ali tudo é *nos*sa responsabilidade (L12L1786)<sup>2</sup>;
- (2) é – ônibus de estudante – pra trazer os estudantes – *a gente* já encontrou um motorista que – tinha um motorista que trabalhou com *a gente* que trouxe *a gente* por um tempo que ele detestava os estudantes (L23L3269);
- (3) *a gente* tem um armazém de construção e tem um ano que *a gente* abriu /mais, mas/ assim novo no comércio porque *a gente* não mexia nada em material de construção – aí um primo dele *nos* cedeu um funcionário que tinha (L36L4781);
- (4) – sem um planejamento sem uma atenção quer dizer o nível de violência cada dia vai aumentar – então o *nos*so estado ele tinha uma violência velada e agora ela tá assim – abriu as portas escancarou e *nós* não temos ainda eu acho que o governo ainda não encontrou um meio certo para coibir porque *nós* precisamos coibir (L70L8757).

---

<sup>1</sup> Não controlamos as variáveis tempo verbal e explicitude do sujeito na análise da alternância pronominal *nós* e *a gente*, uma vez que focalizamos a realização desses pronomes em diferentes funções sintáticas.

<sup>2</sup> Os códigos apresentados entre parênteses após os exemplos referem-se às seguintes orientações de ordenação dos dados: uma letra L seguida de um número, que representam um locutor específico e uma letra L seguida de um número, que representam a linha de ocorrência do fenômeno em estudo.

Para a descrição e análise da variação da concordância verbal estabelecida com o pronome *a gente* na cidade de Maceió/AL, consideramos uma variável dependente binária constituída pelas variantes *a gente + 3PS* e *a gente + IPP*, como observamos nos exemplos (5) e (6), e, como variáveis independentes potencialmente relevantes na variação em estudo, consideramos os grupos de fatores explicitude do sujeito, determinação do referente, paralelismo formal, saliência fônica, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

(5) *a gente tava* viajando de Fortaleza só que do Recife pra Maceió  $\emptyset$  *fizemos* um desvio por – como é que chama? – Bom Conselho (L42L5488);

(6) *a gente* num *ia* fazer compras nem nada  $\emptyset$  *fomos* passear mesmo pra casa da minha sogra – lá *a gente* *passeou* muito  $\emptyset$  *fomos* pra o cinema –  $\emptyset$  *passeamos* muito naquelas praças de Garanhuns né? esse foi um passeio bom (L62L7778).

Nossa amostra é constituída por 72 entrevistas sociolinguísticas de falantes maceioenses que foram coletadas no ano de 2010 e estão organizadas com base em três dimensões de estratificação, a saber, sexo/gênero – homens e mulheres, faixa etária – F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e escolaridade – ensino fundamental, ensino médio e ensino superior (cf. TARALLO, 2003), apresentando, assim, 18 células sociais compostas por quatro informantes em cada célula (cf. GUY; ZILLES, 2007).

Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que “mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

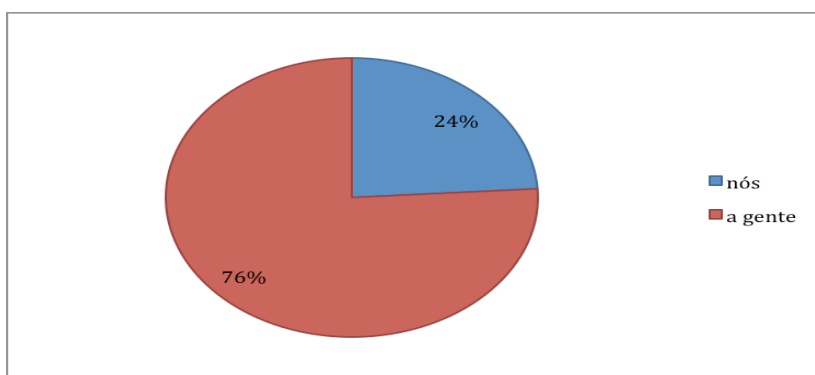
### **Alternância pronominal *nós* e *a gente***

#### **Variável dependente**

Após análise e rodada dos dados, obtivemos um total de 752 realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na fala maceioense, que estão distribuídas da seguinte forma: 574 realizações das formas do pronome *a gente* contra apenas 178 realizações das formas do pronome *nós*. Esses dados não só representam percentuais de 76% do pronome *a gente* versus 24% do

pronome *nós*, conforme observamos no gráfico 1, como também mostram que o pronome inovador *a gente* é a variante preferida na comunidade de fala estudada.

Gráfico 1: Percentuais de *nós* e *a gente* na fala maceioense



Fonte: elaborado pela autora

Esses resultados também vão ao encontro dos estudos sociolinguísticos que mostram a preferência pela forma pronominal *a gente* nas variedades do português brasileiro (LOPES, 1998; OMENA, 2003; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; VIANNA; LOPES, 2012, 2015; RUBIO, 2014). Em relação às variáveis independentes potencialmente relevantes na variação em análise, três foram selecionadas pelo GoldVarb X como estatisticamente significativas na variação em estudo, a saber, paralelismo formal, função sintática e faixa etária.

### Variáveis independentes

A primeira variável selecionada como estatisticamente significativa na variação *nós* e *a gente* na fala maceioense diz respeito ao paralelismo formal, que é entendido como a tendência de o falante repetir uma mesma forma em uma dada sequência discursiva (OMENA, 1996; SCHERRE, 1998), o que significa considerar que a escolha da primeira forma pronominal tende a condicionar os usos das formas subsequentes, desencadeando uma série de repetições da mesma forma pronominal, seja essa forma nula ou preenchida.

Para a análise desta variável, não só consideramos os fatores realização isolada, como observamos em (7); primeiro da série, como observamos em (8); antecedido por *nós*, como observamos em (9); e antecedido por *a gente*, como observamos em (10), como também

partimos do pressuposto de que o pronome inovador *a gente* tende a ser mais frequente no contexto linguístico em que *a gente* for antecedido por *a gente*.

(7) ela tava com uma bolsa e chegou um menino acho que na idade *da gente* e puxou a bolsa dela só que ela com a reação assim inesperada ela nunca tinha passado foi a primeira vez que ocorreu isso com ela (L6L847);

(8) – tá entendendo – num tem essa segurança – às vezes *a gente* quer trabalhar até mais tarde um pouquinho Ø num consegue – Ø num pode trabalhar (L20L2876);

(9) *nós* fomos de ônibus a noite Ø viajamos a noite inteira e Ø chegamos na Chapada Diamantina pela manhã – muito divertida a viagem tocando violão bebendo vinho – perfeito (L5L716);

(10) é ônibus de estudante – *a gente* já encontrou um motorista que – tinha um motorista que trabalhou com a gente que trouxe a gente por um tempo que ele detestava os estudantes (L23L3269).

Tabela 1: Realizações de *a gente* na variável *paralelismo formal*

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
Realização isolada	130 / 191	68%	0,45
Primeiro da série	109 / 134	81%	0,39
Antecedido por <i>nós</i>	14 / 81	17%	0,04
Antecedido por <i>a gente</i>	321 / 346	93%	0,72

Fonte: elaborada pela autora

De acordo com os resultados obtidos, observamos um percentual de 93% para o fator antecedido por *a gente* e um peso relativo de 0,72, mostrando que esse fator constitui um contexto que condiciona sobremaneira o uso de *a gente*. Esses dados mostram que os falantes, ao utilizarem o pronome inovador, tendem a repeti-lo na mesma sequência discursiva, como observamos em (11). De maneira oposta, quando a referência à primeira pessoa é antecendida por *nós*, como observamos em (12), a tendência é que haja baixa realização da variante inovadora, apresentando, assim, um percentual de 17% e um peso relativo de 0,04.

(11) *a gente* fica se expondo ali e é um risco talvez *a gente* num tá sabendo quem tá chegando ali naquela hora da noite – já é um risco né? na época que teve um incêndio e mandaram evacuar todo mundo da área quem só ficou foi *a gente* – a área da segurança né – *a gente* é preparado pra combate de incêndio (L12L1774)

(12) hoje *nós* não temos mais os organismos que repreendiam né? os organismos hoje *a gente* num confia mais neles (L70L8742)

Em relação aos fatores realização isolada e primeiro da série, também verificamos que são contextos linguísticos que tendem a desfavorecer a realização do pronome inovador na fala maceioense, mas não com a mesma força de desfavorecimento do fator antecedido por *nós*, que é da ordem de 0,04. No fator realização isolada, como observamos em (13), obtivemos um percentual de 68% e um peso relativo de 0,45, e, no fator primeiro da série, como observamos em (14), obtivemos um percentual de 81% e um peso relativo de 0,39.

(13) tem muito o que melhorar né? em limpeza segurança – uma série de coisa – porque um região dessa com tanto lixo com tanta poeira com tanta terra – aqui num passa ninguém ninguém pra varrer não existe gari nessa região a não ser que *a gente* põe na porta e pronto – não existe isso aqui – uma região dessa (L20L2862);

(14) *a gente* tomou banho no riu Ø ficou numa barraquinha – uma barraca que tem lá – depois a gente veio pra casa já (L24L3361).

A segunda variável selecionada como estatisticamente significativa na variação em estudo diz respeito à função sintática que as formas pronominais *nós* e *a gente* podem desempenhar na sequência discursiva. De acordo com os dados analisados, observamos cinco possibilidades de funções sintáticas que podem ser exercidas por essas formas pronominais, a saber, sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal e adjunto adverbial, como observamos em (15), (16), (17), (18) e (19), respectivamente.

(15) todo dia que eu saio de casa eu tô pondo a minha vida em risco quando *a gente* pega um coletivo desses é aquela coisa (L30L4106);

(16) *a gente* quer um negócio mais maneiro – aí ele não aí tem – aí ele saiu a procurar de repente o policial empurrou *a gente* segurou *a gente* – aí pegou *a gente* (L3L454);

(17) a gente num mexia em material de construção aí um primo dele *nos* cedeu um funcionário que tinha lá (L36L4783);

(18) não estava acordada quando o ônibus começou a pegar fogo e não sobrou nada de ninguém né – só *nossa* vida mesmo e cheguei né? (L9L1299);

(19) o transporte às vezes chega cedo *com a gente* (L1L144).

Tabela 2: Realização de *a gente* na variável função sintática

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
Sujeito	524 / 624	84%	0,60
Objeto direto	19 / 21	90%	0,64
Objeto indireto	10 / 19	53%	0,34
Adjunto adnominal	12 / 78	15%	0,03
Adjunto adverbial	9 / 10	90%	0,62

Fonte: elaborada pela autora

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que o pronome inovador tende a ser mais frequente nas funções de objeto direto, com um percentual de 90% e um peso relativo de 0,64, adjunto adverbial, com um percentual de 90% e um peso relativo de 0,62, e sujeito, com um percentual de 84% e um peso relativo de 0,60, conforme podemos observar nos exemplos (20), (21) e (22), respectivamente. Esses dados corroboram a afirmação de Omena (2003) de que esses contextos sintáticos favorecem sobremaneira a realização de *a gente*.

(20) quando eu ia eu e meu marido na bicicleta os caras botaram o revolver e assaltaram *a gente* – a minha casa já tentaram invadir (L38L5068);

(21) deixa eu contar um dia em que o professor saiu *com a gente* para o passeio da disciplina de ambiental – uma resenha só (L28L3757);

(22) em salão *a gente* nem conta com as pessoas que moram perto e sim as pessoas que moram longe em outro lugar que vem aqui pro salão (L16L2243).

No que diz respeito à função de objeto indireto, como observamos em (23), temos um percentual de 53% e um peso relativo de 0,34, mostrando-se como um contexto sintático que desfavorece tal realização. Porém, o contexto que menos favorece a entrada da variante

inovadora na comunidade estudada relaciona-se à função sintática de adjunto adnominal, como observamos em (24), apresentando, assim, um percentual de 15% e um peso relativo de 0,03 e indicando que, nessa função sintática, há mais realizações das formas *nosso (a) (s)*.

(23) quer dizer nada contra quem bebe não tou aqui criticando colocando assim situações que as pessoas colocam *pra gente* né? (L70L8803);

(24) saiu não – só saiu o lado *da gente* e o outro lado das bananas (L9L1219).

Neves (2002), Omena (2003), Rafael (2010), Vianna e Lopes (2012) e Araújo e Almeida (2014) também mostram que, na função sintática de adjunto adnominal, as formas possessivas *nosso(s)* e *nossa(s)* se mantêm como a estratégia preferencial para referência à primeira pessoa do plural nas variedades dos português brasileiro, como observamos em (25), configurando-se como um contexto sintático que inibe a entrada do pronome inovador.

(25) a gente percebe isso a gente tá sentindo que a gente tá pondo a *nossa* vida em risco e infelizmente precisando daquele serviço (L30L4117).

O uso de *a gente* por *nós* avançou mais em alguns contextos do que em outros: predomina na função de adjunto adverbial – *com a gente* é bem mais frequente do que *conosco*, chegando a ser categórico entre as crianças. Na função de complemento e de sujeito, com taxas diferentes entre crianças e adultos, *a gente* predomina; há pouca incidência na função do adjunto adnominal – *da gente* –, como preferência para o possessivo – *nosso(s)*, *nossa(s)*. (OMENA, 2003, p. 65).

A última variável estatisticamente significativa na variação em estudo diz respeito à faixa etária dos falantes. Caracterizada como um grupo de fatores de grande relevância para os estudos sociolinguísticos, pois torna possível o esboço do estágio que uma regra variável desempenha, em tempo aparente, dentro do sistema linguístico, controlamos a variável faixa etária com o intuito de verificar se, na comunidade de fala maceioense, estamos diante de um processo de variação estável ou de mudança em progresso (cf. LABOV, 1994).

Dessa forma, se *a gente* é a variante mais utilizada, objetivamos analisar se a aplicação dessa variante é maior entre os falantes mais jovens. Para tanto, dividimos nossa variável em três fatores, a saber, F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e partimos do pressuposto de que a frequência do pronome inovador é maior entre os falantes mais jovens e



menor entre os falantes mais velhos, o que implica considerar que pode ser um indício de um processo de mudança em progresso na comunidade de fala maceioense.

A relação de estabilidade das variantes (a situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos falantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso [...]. (TARALLO, 2003, p. 65).

Tabela 3: Realização de *a gente* na variável faixa etária

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
F1 (15-29 anos)	167 / 178	94%	0,74
F2 (30-44 anos)	206 / 249	83%	0,56
F3 (acima de 44 anos)	201 / 325	62%	0,31

Fonte: elaborada pela autora

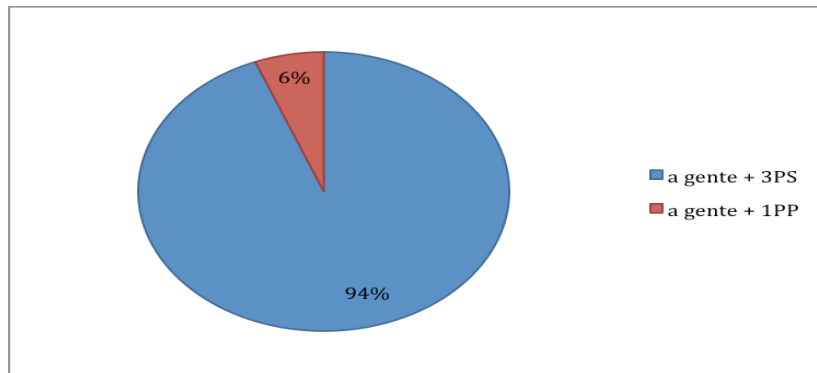
De acordo com os resultados obtidos, verificamos que a variante inovadora não só é a forma preferida em todas as faixas consideradas, como também que é mais frequente entre os falantes mais jovens – 94%, diminuindo o seu percentual de uso à medida que aumenta a faixa etária dos falantes, o que parece indicar que estamos diante de uma mudança em curso na comunidade estudada. Em relação aos pesos relativos, verificamos que enquanto os falantes das F1 (15-29 anos) e F2 (30-44 anos) favorecem a realização de *a gente* – 0,74 e 0,56, respectivamente, os falantes da F3 (acima de 44 anos) tendem a desfavorecê-la – 0,31.

### **Concordância verbal com *a gente***

#### **Variável dependente**

Após análise e rodada dos dados, obtivemos um total de 524 realizações de concordância verbal com o pronome *a gente*, que estão distribuídas da seguinte forma: 494 realizações de *a gente* + 3PS contra apenas 30 realizações de *a gente* + IPP. Esses dados não só representam percentuais de 94% de *a gente* + 3PS versus 6% de *a gente* + IPP, conforme podemos observar no gráfico 2, como também mostram que, na fala maceioense, o pronome inovador *a gente* é preferido com o verbo na terceira pessoa do singular – 3PS.

Gráfico 2: Percentuais de *a gente* + 3PS e *a gente* + 1PP na fala maceioense



Fonte: elaborado pela autora

Esses resultados vão ao encontro dos estudos de Rubio (2012), Coelho (2006), Carmo e Araújo (2010), Mattos (2010) e Vianna (2011), que apresentam, respectivamente, percentuais de 6%, 4%, 2,2%, 1% e 1% para a realização de *a gente* + 1PP, o que parece indicar que a concordância verbal com *a gente* não é um fenômeno amplamente variável em áreas urbanas. Em relação às variáveis independentes, quatro foram selecionadas pelo GoldVarb X, a saber, explicitude do sujeito, saliência fônica, escolaridade e faixa etária.

### Variáveis independentes

A primeira variável selecionada na variação da concordância verbal estabelecida com o pronome *a gente* na fala maceioense diz respeito à explicitude do sujeito. Para a nossa análise, não só consideramos os fatores sujeito explícito e sujeito implícito, como observamos em (26), como também partimos do pressuposto de que sujeitos não realizados foneticamente levam a maior realização do morfema número-pessoal de plural, favorecendo, assim, a realização da primeira pessoa do plural – 1PP, como observamos em (27).

(26) eu e uma amiga minha e ela dirigindo biritada aí *a gente ia* bater num ônibus Ø *desviou* e Ø *bateu* no poste (L13L1914);

(27) *a gente teve* uma semana em Fortaleza que geralmente quando *a gente vai fazer* compras são dois dias né – nesse dia foi uma semana aí *Ø fizemos* as compras e *Ø fomos* para o beach park (L9L1309).

Tabela 4: Realização de *a gente + IPP* na variável explicitude do sujeito

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
Sujeito explícito	6 / 431	2%	0,37
Sujeito implícito	24 / 93	26%	0,93

Fonte: elaborada pela autora

Os resultados obtidos mostram que sujeitos implícitos, ocultos ou desinenciais tendem a favorecer a realização de *a gente + IPP*, apresentando um percentual de 26% e um peso relativo de 0,93, fato que não ocorre quando o sujeito é foneticamente realizado ou explícito, que apresenta um percentual de 2% e um peso relativo de 0,37. Esses dados corroboram a ideia de que sujeitos implícitos levam a maior aplicação de marcas de IPP, passando essas marcas a atuarem como a única forma de identificação de pessoa do discurso, já que não há, nesses casos, a presença formal do sujeito (cf. RUBIO, 2014), como observamos em (28).

(28) porque *a gente foi* a turma cobaia – *a gente teve* que passar por um monte de coisa que *Ø não deveríamos* ter passado (L27L3606)

A segunda variável selecionada como estatisticamente significativa diz respeito à saliência fônica. Para a nossa análise, consideramos os fatores [- saliente] e [+ saliente], como observamos em (29) e (30), respectivamente, e partimos do pressuposto de que o fator [+ saliente] é mais favorável à realização de *a gente + IPP*, uma vez que os maiores níveis de saliência fônica entre as formas verbais levam a maiores frequências de uso da forma de IPP (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; COELHO, 2006; RUBIO, 2012).

(29) *a gente precisa* ser assistida pela polícia (L43L5526);

(30) um passeio de final de semana – *a gente andou* dois dias sábado e domingo – eu achei maravilhoso (L43L5549).

Tabela 5: Realização de *a gente + IPP* na variável saliência fônica

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
[- saliente]	16 / 424	4%	0,45
[+ saliente]	14 / 100	14%	0,73

Fonte: elaborada pela autora

De acordo com os resultados, verificamos que *a gente + IPP* tende a ser mais frequente no contexto [+ saliente], apresentando um percentual de 14% e um peso relativo de 0,73, ao passo que o contexto [- saliente] apresenta-se como inibidor dessa realização, apresentando um percentual de 4% e um peso relativo de 0,45, confirmando, assim, a hipótese de que o fator [+ saliente] favorece a realização de *a gente + IPP*, ou seja, quanto maiores os níveis de saliência fônica, maiores são os percentuais de IPP, como observamos em (31).

(31) *a gente fomos* passear mesmo pra casa da minha sogra (L62L7778).

Selecionada como a terceira variável relevante na variação em estudo, a escolaridade constitui um fator social significativo na manutenção ou exclusão de formas gramaticais, mostrando que pessoas mais escolarizadas tendem a usar mais as formas prescritas nos manuais normativos, o que nos leva à seguinte correlação: maior escolaridade, maior uso das formas padrão; menor escolaridade, menor uso das formas padrão. Em nossa análise, consideramos os fatores ensino fundamental, ensino médio e ensino superior e partimos do pressuposto de que *a gente + IPP* será mais frequente entre os falantes menos escolarizados.

Tabela 6: Realização de *a gente + IPP* na variável escolaridade

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
Ensino Fundamental	14 / 127	11%	0,71
Ensino Médio	13 / 156	8%	0,69
Ensino Superior	3 / 241	1%	0,28

Fonte: elaborada pela autora

Os resultados mostram que os falantes do ensino fundamental e ensino médio apresentam as mesmas tendências em relação ao uso de *a gente + IPP*, apresentando,

respectivamente, percentuais de 11% e 8% e pesos relativos de 0,71 e 0,69, o que indica que são favoráveis à realização dessa variante linguística, ao passo que os falantes do ensino superior apresentam apenas 1% de uso, desfavorecendo, assim, tal realização – 0,28. Esses dados mostram que os falantes de nível superior tendem a manter os usos linguísticos mais próximos da norma culta, pois estão mais expostos às pressões normativas<sup>3</sup>.

A observação do dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Contata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendência de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. (VOTRE, 2003, p. 51).

A variável faixa etária foi o último grupo de fatores selecionado pelo GoldVarb X como estatisticamente significativo na variação em estudo. Para a nossa análise, não só consideramos os fatores F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos), como também partimos do pressuposto de que a realização de *a gente + IPP* seria mais favorecida entre os falantes mais jovens, uma vez que esses falantes são vistos como mais inovadores e, dessa forma, tendem a usar mais variantes não prestigiadas socialmente<sup>4</sup>.

Tabela 7: Realização de *a gente + IPP* na variável faixa etária

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
F1 (15-29 anos)	6 / 160	4%	0,40
F2 (30-44 anos)	7 / 197	4%	0,34
F3 (acima de 44 anos)	17 / 167	10%	0,77

Fonte: elaborada pela autora

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que as poucas realizações de *a gente + IPP* são favorecidas pelos falantes mais velhos – F3 (acima de 44 anos), que apresentam um percentual de 10% e um peso relativo de 0,77, ao passo que os falantes das F1 (15-29 anos) e F2 (30-44 anos) desfavorecem tal realização, apresentando um percentual de 4% e

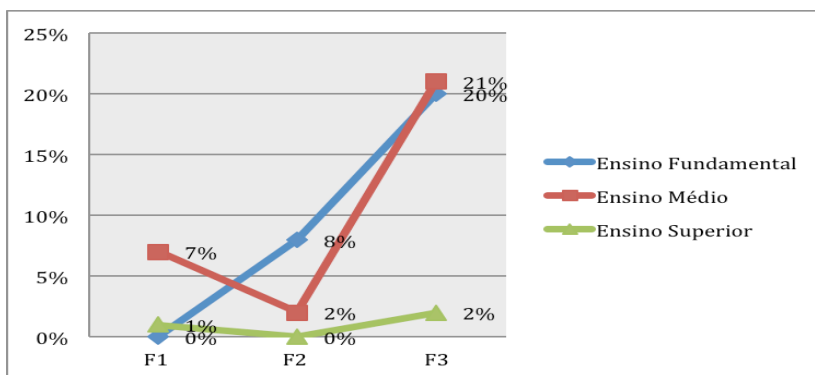
<sup>3</sup> Segundo Faraco (2008, p. 54), a expressão norma culta “deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações por aqueles grupos sociais que têm estado mais diretamente relacionados com a cultura escrita”.

<sup>4</sup> De acordo com Vitório (2017, no prelo), o uso de *a gente + IPP*, na fala maceioense, pode ser entendido como um estereótipo linguístico, ou seja, um traço linguístico fortemente sensível à avaliação social.

pesos relativos de 0,40 e 0,34, respectivamente. Esses resultados contrariam a nossa hipótese de que os falantes da F3 (acima de 44 anos) utilizariam menos a variante *a gente + IPP*.

Ainda com o intuito de checar a atuação das variáveis sociais escolaridade e faixa etária na realização de *a gente + IPP* na fala maceioense, realizamos o cruzamento desses grupos de fatores e obtivemos os seguintes resultados.

Gráfico 3: Realização de *a gente + IPP* nas variáveis escolaridade e faixa etária



Fonte: elaborado pela autora

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que entre os falantes do ensino superior de todas as faixas etárias quase não há a realização de *a gente + IPP*, apresentando um percentual maior entre os falantes mais velhos – F3 (acima de 44 anos) – 2%, e que são os falantes mais velhos – F3 (acima de 44 anos) dos ensinos fundamental e médio que mais realizam *a gente + IPP* na comunidade estudada, apresentando percentuais de 20% e 21%, o que pode ser um indicio de um processo de hipercorreção na língua falada.

### Considerações finais

Neste trabalho, focalizamos na análise da alternância pronominal entre as formas *nós* e *a gente* e na concordância verbal estabelecida com o pronome *a gente* na fala maceioense. Para tanto, recorremos à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) e utilizamos uma amostra sincrônica composta de 72 entrevistas, que está estratificada segundo as variáveis sexo/gênero – homens e mulheres, faixa etária – F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e escolaridade – ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

Em relação à alternância pronominal *nós* e *a gente*, verificamos que *a gente* é o pronome selecionado – 76% versus 24% de *nós* –, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal, função sintática e faixa etária, com *a gente* sendo mais frequente nos seguintes contextos: *a gente* antecedido por *a gente*, nas funções sintáticas de objeto direto, adjunto adverbial e sujeito, e entre os falantes mais jovens, revelando, em tempo aparente, indício de um processo de mudança em progresso.

No que diz respeito à concordância verbal estabelecida com o pronome *a gente*, observamos que *a gente* + 3PS é a forma preferida na fala maceioense – 94% versus 6% de *a gente* + IPP –, sendo essa variação condicionada pelas variáveis explicitude do sujeito, saliência fônica, escolaridade e faixa etária, com a variante *a gente* + IPP sendo mais frequente nos seguintes contextos: sujeito implícito, quando há mais saliência fônica entre as formas verbais, entre os falantes menos escolarizados e mais velhos, o que pode ser um indício de que o seu uso esteja relacionado ao fenômeno da hipercorreção.

Estudos dessa natureza se justificam porque contribuem para um maior conhecimento sociolinguístico do uso variável dessas variantes na fala maceioense. Dessa forma, desejamos não só ter contribuído para esclarecer as restrições que se correlacionam com a alternância pronominal *nós* e *a gente* e a concordância verbal com o pronome *a gente*, como também esperamos que os resultados aqui expressos possam contribuir para o mapeamento sociolinguístico do português brasileiro (cf. MARTINS; ABRAÇADO, 2015).

## Referências

ARAÚJO, S. S. F.; ALMEIDA, R. S. A forma possessiva *da gente* em comunidades rurais do semiárido baiana. In: ALMEIDA, N. L. F.; CARNEIRO, Z. O. N. (Org.). *Variação linguística no semiárido baiano*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. 294p.

CARMO, S. D. S.; ARAÚJO, S. S. F. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural no português popular falado em feira de Santana-BA. In: *Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana*, UEFS, 2010, p. 575-580.

COELHO, R. F. *É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana*. São Paulo, 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2006.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008. 205p.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 239p.

- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. 344p.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Vol. 1. Oxford, Blakwell Publishers, 1994. 664p.
- LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, v. 14, n. 2, 1998.
- LOPES, C. R. S. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, T. M. (Org.). *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002. 521p.
- LOPES, C. R. S. A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.
- MARCOTULIO, L.; VIANNA, J.; LOPES, C. Agreement patterns with *a gente* in Portuguese. In: MOTA, M. A.; VIEIRA, S. R. (Org.). *Journal of Portuguese Linguistics*. v. 12, n.2, 2013.
- MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. 333p.
- MATTOS, S. E. R. A primeira pessoa do plural em Goiás. In: MARÇALO, M. J.; LIMA HERNANDES, M. C.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A. (Ed.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Universidade de Évora: Évora, 2010.
- MATTOS, S. E. R. *Goiás na primeira pessoa do plural*. 2013. 137f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- NARO, A. J.; GÖRSKY, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, 11, p. 197-211, 1999.
- NEVES, M. H. M. Possessivos. In: CASTILHO, A. C. (Org.). *Gramática do português falado*. V. III: as abordagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. 440p.
- OMENA, N. O. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996. 395p.
- OMENA, N. O. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. 206p.
- RAFAEL, N. *Variação, mudança e ensino: o caso dos pronomes possessivos 'da gente' e nosso(a) (s) em uma abordagem sociofuncionalista*. 2010. 82f. Dissertação (Mestrado em



Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

RAMOS, C. M. A.; BEZERRA, J. R. M.; ROCHA, M. F. S. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. *Revista Signum*. Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.

RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. São José do Rio Preto, 2012. 391f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2012.

RUBIO, C. F. Decisões metodológicas no estudo de fenômenos variáveis de primeira pessoa do plural. *Anais do XVII Congresso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*, 2014.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, K. C. *Estratégias de polidez e a variação nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe*. 2014. 87f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2014.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, jul./dez. 1998.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. Ática: São Paulo, 2003. 96p.

VIANNA, J. S. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. Rio de Janeiro, 2011. 235f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. 333p.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 9, n.14, p. 126-141, 2015.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Variação nós e a gente na fala culta de Maceió/AL. *Revista Interdisciplinar*. Ano XI, v 24, jan./abr., p. 159-172, 2016.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos pronomes nós e a gente na cidade de Maceió/ AL. *Matraga*, Rio de Janeiro, 2017. No prelo.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

## O PRONOME *A GENTE* NA FALA MACEIOENSE: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória\*

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar a alternância pronominal entre as formas *nós* e *a gente* e a concordância verbal relacionada ao uso do pronome *a gente* na cidade de Maceió/AL. Para tanto, recorremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) e utilizamos, para a análise estatística dos dados, o programa computacional GoldVarb X. Nossa amostra é constituída por 72 entrevistas, estratificadas de acordo com as variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. De acordo com os resultados obtidos, verificamos não só que *a gente* é o pronome preferido – 76% versus 24% de *nós*, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal, função sintática e faixa etária – como também que *a gente* é mais frequente com o verbo na 3PS – 94% versus 6% de *a gente* + *IPP*, sendo essa variação condicionada pelas variáveis explicitude do sujeito, saliência fônica, escolaridade e faixa etária.

**Palavras-chave:** Alternância pronominal. Concordância verbal. Variação. Língua falada.

**Abstract:** This study aims to describe and analyze the pronominal alternation between forms *nós* and *a gente* and verbal agreement related to the use of the pronoun *a gente* in Maceió/AL. For this propose, we follow the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972) and we use for statistical analysis of data the computational program GoldVarb X. Our sample consists of 72 interviews, stratified according to the variables sex/gender, age and education. According with the results, we verify not only that *a gente* is the preferred pronoun – 76% versus 24% of *nós*, this being conditional variation by the variables formal parallelism, syntactic function and age – but also *a gente* is more frequent with the verb in the 3PS – 94% versus 6% of the *a gente* + *IPP*, and this variation is conditioned by variables explicitness of the subject, phonic salience, education and age.

**Keywords:** Pronominal alternation. Verbal agreement. Variation. Spoken language.

### Introdução

O quadro tradicional de pronomes apresentado na maior parte das gramáticas e dos materiais que servem de modelo ao ensino de Língua Portuguesa elege apenas as formas do pronome *nós* para a referência à primeira pessoa do plural. No entanto, a implementação de *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro, segundo Lopes (2002; 2004), iniciou-se

---

\* Faculdade de Letras – campus do Sertão, UFAL, Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: elyne.vitorio@gmail.com.

entre os séculos XVII e XVIII e originou-se da forma nominal *gente*, que, ao passar por um processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*, perde o traço formal de número, perde o traço formal de gênero [+ feminino] e ganha o traço [+ pessoa].

Encaixado no sistema linguístico do português brasileiro, estudos sociolinguísticos (OMENA, 2003; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; SANTOS, 2014; VIANNA; LOPES, 2012; 2015; VITÓRIO, 2015, 2016) mostram que *a gente* não só tem ocupado o espaço do pronome *nós* para a referência à primeira pessoa do plural na posição de sujeito, como em *nós estudamos sintaxe / a gente estuda sintaxe*, como também começa a se implementar nas posições de complemento e adjunto, como em *o menino nos atendeu / o menino atendeu a gente* e *o nosso trabalho foi um sucesso / o trabalho da gente foi um sucesso*.

Outro ponto a destacar diz respeito ao fato de que, nas variedades brasileiras, a forma pronominal preferida para representar a primeira pessoa do plural tanto pode ocorrer com o verbo na terceira pessoa do singular – 3PS, como *a gente estuda sintaxe*, quanto com o verbo na primeira pessoa do plural – 1PP, como *a gente estudamos sintaxe*, mostrando, assim, que a concordância verbal de primeira pessoa do plural constitui um fenômeno variável a depender de variáveis linguísticas e extralinguísticas (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; COELHO, 2006; MATTOS, 2010; VIANNA, 2011; RUBIO, 2012; MATTOS, 2013).

Marcotulio, Vianna e Lopes (2013), ao tratarem da concordância com o pronome *a gente* no português, argumentam que o processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente* fez com que esse pronome não só guardasse traços morfossintáticos do nome *gente*, como também adquirisse algumas propriedades intrínsecas dos pronomes pessoais. Segundo os autores, na gramática, estão disponíveis dois conjuntos de traços, a saber, traço gramatical (3PS) e traço semântico (1PP), o que seriam responsáveis pela geração de diferentes padrões de concordância no português brasileiro e no português europeu.

Naro, Görski e Fernandes (1999) também argumentam que:

Em português padrão, o sujeito de primeira pessoa do plural é *nós* e sua forma verbal correspondente é feita com a flexão gramatical *-mos*. Um exemplo típico é *nós falamos*. Entretanto, há uma alternativa para o sujeito pronominal de primeira pessoa do plural: *a gente*, que deriva de um sintagma nominal com a mesma forma e significa *as pessoas*. Na linguagem padrão, o verbo usado com *a gente* recebe desinência de terceira pessoa do singular, com terminação zero. Um típico exemplo é *a gente fala*. Conquanto, o uso do pronome sujeito, com certa frequência, não é obrigatório, e, na linguagem informal, a desinência *-mos* é omitida com *nós* e usada com *a gente*, a despeito do papel categorial e ao contrário do padrão. As formas *nós falamos* e *a gente fala* são padrão; *nós fala* e *a gente falamos* são não padrão. (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999, p. 201, tradução nossa).

Neste trabalho, objetivamos analisar a alternância pronominal entre as formas *nós* e *a gente* e a concordância verbal relacionada ao uso do pronome *a gente* na fala maceioense, com o intuito de agregar informações ao mapeamento linguístico do português brasileiro que tem como foco as formas pronominais de 1ª pessoa do plural (cf. VIANNA; LOPES, 2015). Para tanto, realizamos uma análise quantitativa dos dados com o objetivo de responder às seguintes questões: qual a frequência de uso de *nós* e *a gente* na comunidade estudada, que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam a realização de *a gente*, como esse pronome se comporta em relação ao fenômeno da concordância verbal e que variáveis condicionam a variação de *a gente* + 3PS e *a gente* + 1PP.

Nossas hipóteses são que, na fala maceioense, *a gente* é o pronome preferido para representar a primeira pessoa do plural, podendo ser condicionado pelas variáveis determinação do referente, paralelismo formal, função sintática, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, e que esse pronome tanto pode ocorrer com o verbo na 3PS quanto na 1PP, podendo essa variação ser condicionada pelas variáveis explicitude do sujeito, determinação do referente, paralelismo formal, saliência fônica, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam esta pesquisa; em seguida, analisamos os resultados obtidos para a alternância pronominal *nós* e *a gente*; e, por fim, descrevemos os resultados encontrados para a variação na concordância verbal com o pronome *a gente*. Nosso objetivo é que os resultados aqui apresentados possam contribuir para o mapeamento do português brasileiro tomando por base a língua usada na cidade de Maceió/AL.

### **Aporte teórico-metodológico**

Para a descrição e análise dos dados, recorremos à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), que toma como objeto de análise a variação e a mudança linguística, mostrando, assim, que a língua é um fator importante na identificação e na demarcação de diferenças linguísticas e sociais na comunidade de fala, sendo, portanto, constituída de uma heterogeneidade ordenada. A língua é um sistema inerentemente variável, dotada de regras variáveis, que são condicionadas por restrições linguísticas e sociais.

Tal proposta não só leva em consideração a influência de fatores linguísticos e sociais no condicionamento dos fenômenos linguísticos variáveis, como também propõe algumas etapas básicas que devem ser seguidas pelo pesquisador sociolinguista para a sistematização

de regras variáveis, a saber: definir a variável dependente e as variáveis independentes, delimitar a amostra da pesquisa e obter o *corpus*, transcrever, codificar e quantificar os dados e, por fim, interpretar e explicar os resultados obtidos (GUY; ZILLES, 2007).

O trabalho de interpretação e explicação de dados sociolinguísticos leva os pesquisadores a focalizarem suas análises em até cinco problemas propostos pela teoria laboviana: restrição, transição, encaixamento, avaliação e implementação das formas variantes, proporcionando, assim, a descrição do perfil sociolinguístico dos falantes de diversas comunidades de fala em relação a diferentes fenômenos linguísticos variáveis situados nos níveis fonético-fonológico, morfossintático, discursivo e lexical.

Para a descrição e análise da alternância pronominal na cidade de Maceió/AL, consideramos uma variável dependente binária, que é constituída pelas realizações das formas pronominais *nós* e *a gente* em diferentes funções sintáticas, como observamos nos exemplos (1), (2), (3) e (4), e selecionamos as seguintes variáveis independentes como possíveis grupos de fatores condicionantes da variação em estudo: determinação do referente, paralelismo formal, função sintática, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade<sup>1</sup>.

- (1) tem outras – tem a segurança que *a gente* fica ali tomando conta do porto – então os funcionários vão embora e – ali tudo é *nos*sa responsabilidade (L12L1786)<sup>2</sup>;
- (2) é – ônibus de estudante – pra trazer os estudantes – *a gente* já encontrou um motorista que – tinha um motorista que trabalhou com *a gente* que trouxe *a gente* por um tempo que ele detestava os estudantes (L23L3269);
- (3) *a gente* tem um armazém de construção e tem um ano que *a gente* abriu /mais, mas/ assim novo no comércio porque *a gente* não mexia nada em material de construção – aí um primo dele *nos* cedeu um funcionário que tinha (L36L4781);
- (4) – sem um planejamento sem uma atenção quer dizer o nível de violência cada dia vai aumentar – então o *nos*so estado ele tinha uma violência velada e agora ela tá assim – abriu as portas escancarou e *nós* não temos ainda eu acho que o governo ainda não encontrou um meio certo para coibir porque *nós* precisamos coibir (L70L8757).

---

<sup>1</sup> Não controlamos as variáveis tempo verbal e explicitude do sujeito na análise da alternância pronominal *nós* e *a gente*, uma vez que focalizamos a realização desses pronomes em diferentes funções sintáticas.

<sup>2</sup> Os códigos apresentados entre parênteses após os exemplos referem-se às seguintes orientações de ordenação dos dados: uma letra L seguida de um número, que representam um locutor específico e uma letra L seguida de um número, que representam a linha de ocorrência do fenômeno em estudo.

Para a descrição e análise da variação da concordância verbal estabelecida com o pronome *a gente* na cidade de Maceió/AL, consideramos uma variável dependente binária constituída pelas variantes *a gente + 3PS* e *a gente + IPP*, como observamos nos exemplos (5) e (6), e, como variáveis independentes potencialmente relevantes na variação em estudo, consideramos os grupos de fatores explicitude do sujeito, determinação do referente, paralelismo formal, saliência fônica, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

(5) *a gente tava* viajando de Fortaleza só que do Recife pra Maceió  $\emptyset$  *fizemos* um desvio por – como é que chama? – Bom Conselho (L42L5488);

(6) *a gente* num *ia* fazer compras nem nada  $\emptyset$  *fomos* passear mesmo pra casa da minha sogra – lá *a gente* *passeou* muito  $\emptyset$  *fomos* pra o cinema –  $\emptyset$  *passeamos* muito naquelas praças de Garanhuns né? esse foi um passeio bom (L62L7778).

Nossa amostra é constituída por 72 entrevistas sociolinguísticas de falantes maceioenses que foram coletadas no ano de 2010 e estão organizadas com base em três dimensões de estratificação, a saber, sexo/gênero – homens e mulheres, faixa etária – F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e escolaridade – ensino fundamental, ensino médio e ensino superior (cf. TARALLO, 2003), apresentando, assim, 18 células sociais compostas por quatro informantes em cada célula (cf. GUY; ZILLES, 2007).

Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que “mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

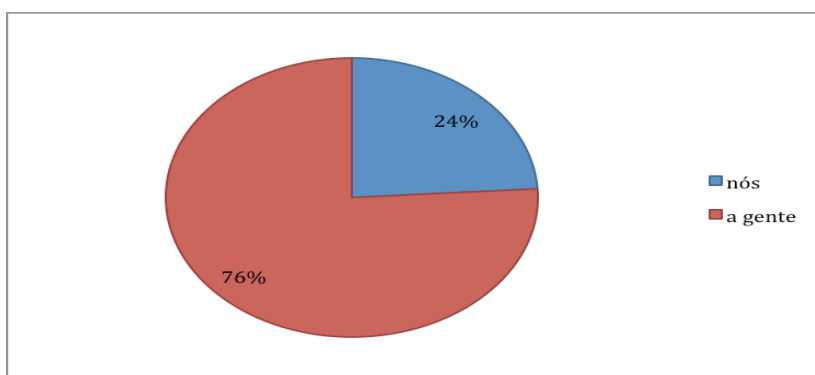
### **Alternância pronominal *nós* e *a gente***

#### **Variável dependente**

Após análise e rodada dos dados, obtivemos um total de 752 realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na fala maceioense, que estão distribuídas da seguinte forma: 574 realizações das formas do pronome *a gente* contra apenas 178 realizações das formas do pronome *nós*. Esses dados não só representam percentuais de 76% do pronome *a gente* versus 24% do

pronome *nós*, conforme observamos no gráfico 1, como também mostram que o pronome inovador *a gente* é a variante preferida na comunidade de fala estudada.

Gráfico 1: Percentuais de *nós* e *a gente* na fala maceioense



Fonte: elaborado pela autora

Esses resultados também vão ao encontro dos estudos sociolinguísticos que mostram a preferência pela forma pronominal *a gente* nas variedades do português brasileiro (LOPES, 1998; OMENA, 2003; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; VIANNA; LOPES, 2012, 2015; RUBIO, 2014). Em relação às variáveis independentes potencialmente relevantes na variação em análise, três foram selecionadas pelo GoldVarb X como estatisticamente significativas na variação em estudo, a saber, paralelismo formal, função sintática e faixa etária.

### Variáveis independentes

A primeira variável selecionada como estatisticamente significativa na variação *nós* e *a gente* na fala maceioense diz respeito ao paralelismo formal, que é entendido como a tendência de o falante repetir uma mesma forma em uma dada sequência discursiva (OMENA, 1996; SCHERRE, 1998), o que significa considerar que a escolha da primeira forma pronominal tende a condicionar os usos das formas subsequentes, desencadeando uma série de repetições da mesma forma pronominal, seja essa forma nula ou preenchida.

Para a análise desta variável, não só consideramos os fatores realização isolada, como observamos em (7); primeiro da série, como observamos em (8); antecedido por *nós*, como observamos em (9); e antecedido por *a gente*, como observamos em (10), como também



partimos do pressuposto de que o pronome inovador *a gente* tende a ser mais frequente no contexto linguístico em que *a gente* for antecedido por *a gente*.

(7) ela tava com uma bolsa e chegou um menino acho que na idade *da gente* e puxou a bolsa dela só que ela com a reação assim inesperada ela nunca tinha passado foi a primeira vez que ocorreu isso com ela (L6L847);

(8) – tá entendendo – num tem essa segurança – às vezes *a gente* quer trabalhar até mais tarde um pouquinho Ø num consegue – Ø num pode trabalhar (L20L2876);

(9) *nós* fomos de ônibus a noite Ø viajamos a noite inteira e Ø chegamos na Chapada Diamantina pela manhã – muito divertida a viagem tocando violão bebendo vinho – perfeito (L5L716);

(10) é ônibus de estudante – *a gente* já encontrou um motorista que – tinha um motorista que trabalhou com a gente que trouxe a gente por um tempo que ele detestava os estudantes (L23L3269).

Tabela 1: Realizações de *a gente* na variável *paralelismo formal*

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
Realização isolada	130 / 191	68%	0,45
Primeiro da série	109 / 134	81%	0,39
Antecedido por <i>nós</i>	14 / 81	17%	0,04
Antecedido por <i>a gente</i>	321 / 346	93%	0,72

Fonte: elaborada pela autora

De acordo com os resultados obtidos, observamos um percentual de 93% para o fator antecedido por *a gente* e um peso relativo de 0,72, mostrando que esse fator constitui um contexto que condiciona sobremaneira o uso de *a gente*. Esses dados mostram que os falantes, ao utilizarem o pronome inovador, tendem a repeti-lo na mesma sequência discursiva, como observamos em (11). De maneira oposta, quando a referência à primeira pessoa é antecidida por *nós*, como observamos em (12), a tendência é que haja baixa realização da variante inovadora, apresentando, assim, um percentual de 17% e um peso relativo de 0,04.

(11) *a gente* fica se expondo ali e é um risco talvez *a gente* num tá sabendo quem tá chegando ali naquela hora da noite – já é um risco né? na época que teve um incêndio e mandaram evacuar todo mundo da área quem só ficou foi *a gente* – a área da segurança né – *a gente* é preparado pra combate de incêndio (L12L1774)

(12) hoje *nós* não temos mais os organismos que repreendiam né? os organismos hoje *a gente* num confia mais neles (L70L8742)

Em relação aos fatores realização isolada e primeiro da série, também verificamos que são contextos linguísticos que tendem a desfavorecer a realização do pronome inovador na fala maceioense, mas não com a mesma força de desfavorecimento do fator antecedido por *nós*, que é da ordem de 0,04. No fator realização isolada, como observamos em (13), obtivemos um percentual de 68% e um peso relativo de 0,45, e, no fator primeiro da série, como observamos em (14), obtivemos um percentual de 81% e um peso relativo de 0,39.

(13) tem muito o que melhorar né? em limpeza segurança – uma série de coisa – porque um região dessa com tanto lixo com tanta poeira com tanta terra – aqui num passa ninguém ninguém pra varrer não existe gari nessa região a não ser que *a gente* põe na porta e pronto – não existe isso aqui – uma região dessa (L20L2862);

(14) *a gente* tomou banho no riu Ø ficou numa barraquinha – uma barraca que tem lá – depois a gente veio pra casa já (L24L3361).

A segunda variável selecionada como estatisticamente significativa na variação em estudo diz respeito à função sintática que as formas pronominais *nós* e *a gente* podem desempenhar na sequência discursiva. De acordo com os dados analisados, observamos cinco possibilidades de funções sintáticas que podem ser exercidas por essas formas pronominais, a saber, sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal e adjunto adverbial, como observamos em (15), (16), (17), (18) e (19), respectivamente.

(15) todo dia que eu saio de casa eu tô pondo a minha vida em risco quando *a gente* pega um coletivo desses é aquela coisa (L30L4106);

(16) *a gente* quer um negócio mais maneiro – aí ele não aí tem – aí ele saiu a procurar de repente o policial empurrou *a gente* segurou *a gente* – aí pegou *a gente* (L3L454);

(17) a gente num mexia em material de construção aí um primo dele *nos* cedeu um funcionário que tinha lá (L36L4783);

(18) não estava acordada quando o ônibus começou a pegar fogo e não sobrou nada de ninguém né – só *no*ssa vida mesmo e cheguei né? (L9L1299);

(19) o transporte às vezes chega cedo *com a gente* (L1L144).

Tabela 2: Realização de *a gente* na variável função sintática

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
Sujeito	524 / 624	84%	0,60
Objeto direto	19 / 21	90%	0,64
Objeto indireto	10 / 19	53%	0,34
Adjunto adnominal	12 / 78	15%	0,03
Adjunto adverbial	9 / 10	90%	0,62

Fonte: elaborada pela autora

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que o pronome inovador tende a ser mais frequente nas funções de objeto direto, com um percentual de 90% e um peso relativo de 0,64, adjunto adverbial, com um percentual de 90% e um peso relativo de 0,62, e sujeito, com um percentual de 84% e um peso relativo de 0,60, conforme podemos observar nos exemplos (20), (21) e (22), respectivamente. Esses dados corroboram a afirmação de Omena (2003) de que esses contextos sintáticos favorecem sobremaneira a realização de *a gente*.

(20) quando eu ia eu e meu marido na bicicleta os caras botaram o revolver e assaltaram *a gente* – a minha casa já tentaram invadir (L38L5068);

(21) deixa eu contar um dia em que o professor saiu *com a gente* para o passeio da disciplina de ambiental – uma resenha só (L28L3757);

(22) em salão *a gente* nem conta com as pessoas que moram perto e sim as pessoas que moram longe em outro lugar que vem aqui pro salão (L16L2243).

No que diz respeito à função de objeto indireto, como observamos em (23), temos um percentual de 53% e um peso relativo de 0,34, mostrando-se como um contexto sintático que desfavorece tal realização. Porém, o contexto que menos favorece a entrada da variante

inovadora na comunidade estudada relaciona-se à função sintática de adjunto adnominal, como observamos em (24), apresentando, assim, um percentual de 15% e um peso relativo de 0,03 e indicando que, nessa função sintática, há mais realizações das formas *nosso (a) (s)*.

(23) quer dizer nada contra quem bebe não tou aqui criticando colocando assim situações que as pessoas colocam *pra gente* né? (L70L8803);

(24) saiu não – só saiu o lado *da gente* e o outro lado das bananas (L9L1219).

Neves (2002), Omena (2003), Rafael (2010), Vianna e Lopes (2012) e Araújo e Almeida (2014) também mostram que, na função sintática de adjunto adnominal, as formas possessivas *nosso(s)* e *nossa(s)* se mantêm como a estratégia preferencial para referência à primeira pessoa do plural nas variedades dos português brasileiro, como observamos em (25), configurando-se como um contexto sintático que inibe a entrada do pronome inovador.

(25) a gente percebe isso a gente tá sentindo que a gente tá pondo a *nossa* vida em risco e infelizmente precisando daquele serviço (L30L4117).

O uso de *a gente* por *nós* avançou mais em alguns contextos do que em outros: predomina na função de adjunto adverbial – *com a gente* é bem mais frequente do que *conosco*, chegando a ser categórico entre as crianças. Na função de complemento e de sujeito, com taxas diferentes entre crianças e adultos, *a gente* predomina; há pouca incidência na função do adjunto adnominal – *da gente* –, como preferência para o possessivo – *nosso(s)*, *nossa(s)*. (OMENA, 2003, p. 65).

A última variável estatisticamente significativa na variação em estudo diz respeito à faixa etária dos falantes. Caracterizada como um grupo de fatores de grande relevância para os estudos sociolinguísticos, pois torna possível o esboço do estágio que uma regra variável desempenha, em tempo aparente, dentro do sistema linguístico, controlamos a variável faixa etária com o intuito de verificar se, na comunidade de fala maceioense, estamos diante de um processo de variação estável ou de mudança em progresso (cf. LABOV, 1994).

Dessa forma, se *a gente* é a variante mais utilizada, objetivamos analisar se a aplicação dessa variante é maior entre os falantes mais jovens. Para tanto, dividimos nossa variável em três fatores, a saber, F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e partimos do pressuposto de que a frequência do pronome inovador é maior entre os falantes mais jovens e

menor entre os falantes mais velhos, o que implica considerar que pode ser um indício de um processo de mudança em progresso na comunidade de fala maceioense.

A relação de estabilidade das variantes (a situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos falantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso [...]. (TARALLO, 2003, p. 65).

Tabela 3: Realização de *a gente* na variável faixa etária

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
F1 (15-29 anos)	167 / 178	94%	0,74
F2 (30-44 anos)	206 / 249	83%	0,56
F3 (acima de 44 anos)	201 / 325	62%	0,31

Fonte: elaborada pela autora

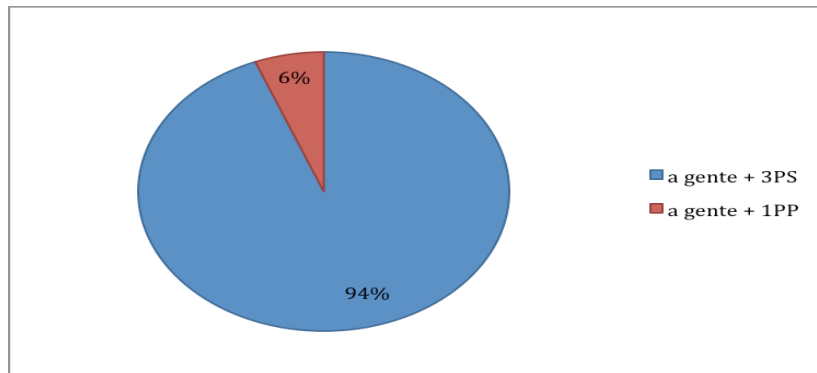
De acordo com os resultados obtidos, verificamos que a variante inovadora não só é a forma preferida em todas as faixas consideradas, como também que é mais frequente entre os falantes mais jovens – 94%, diminuindo o seu percentual de uso à medida que aumenta a faixa etária dos falantes, o que parece indicar que estamos diante de uma mudança em curso na comunidade estudada. Em relação aos pesos relativos, verificamos que enquanto os falantes das F1 (15-29 anos) e F2 (30-44 anos) favorecem a realização de *a gente* – 0,74 e 0,56, respectivamente, os falantes da F3 (acima de 44 anos) tendem a desfavorecê-la – 0,31.

### **Concordância verbal com *a gente***

#### **Variável dependente**

Após análise e rodada dos dados, obtivemos um total de 524 realizações de concordância verbal com o pronome *a gente*, que estão distribuídas da seguinte forma: 494 realizações de *a gente* + 3PS contra apenas 30 realizações de *a gente* + IPP. Esses dados não só representam percentuais de 94% de *a gente* + 3PS versus 6% de *a gente* + IPP, conforme podemos observar no gráfico 2, como também mostram que, na fala maceioense, o pronome inovador *a gente* é preferido com o verbo na terceira pessoa do singular – 3PS.

Gráfico 2: Percentuais de *a gente* + 3PS e *a gente* + 1PP na fala maceioense



Fonte: elaborado pela autora

Esses resultados vão ao encontro dos estudos de Rubio (2012), Coelho (2006), Carmo e Araújo (2010), Mattos (2010) e Vianna (2011), que apresentam, respectivamente, percentuais de 6%, 4%, 2,2%, 1% e 1% para a realização de *a gente* + 1PP, o que parece indicar que a concordância verbal com *a gente* não é um fenômeno amplamente variável em áreas urbanas. Em relação às variáveis independentes, quatro foram selecionadas pelo GoldVarb X, a saber, explicitude do sujeito, saliência fônica, escolaridade e faixa etária.

### Variáveis independentes

A primeira variável selecionada na variação da concordância verbal estabelecida com o pronome *a gente* na fala maceioense diz respeito à explicitude do sujeito. Para a nossa análise, não só consideramos os fatores sujeito explícito e sujeito implícito, como observamos em (26), como também partimos do pressuposto de que sujeitos não realizados foneticamente levam a maior realização do morfema número-pessoal de plural, favorecendo, assim, a realização da primeira pessoa do plural – 1PP, como observamos em (27).

(26) eu e uma amiga minha e ela dirigindo biritada aí *a gente ia* bater num ônibus Ø *desviou* e Ø *bateu* no poste (L13L1914);

(27) *a gente teve* uma semana em Fortaleza que geralmente quando *a gente vai fazer* compras são dois dias né – nesse dia foi uma semana aí *Ø fizemos* as compras e *Ø fomos* para o beach park (L9L1309).

Tabela 4: Realização de *a gente + IPP* na variável explicitude do sujeito

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
Sujeito explícito	6 / 431	2%	0,37
Sujeito implícito	24 / 93	26%	0,93

Fonte: elaborada pela autora

Os resultados obtidos mostram que sujeitos implícitos, ocultos ou desinenciais tendem a favorecer a realização de *a gente + IPP*, apresentando um percentual de 26% e um peso relativo de 0,93, fato que não ocorre quando o sujeito é foneticamente realizado ou explícito, que apresenta um percentual de 2% e um peso relativo de 0,37. Esses dados corroboram a ideia de que sujeitos implícitos levam a maior aplicação de marcas de IPP, passando essas marcas a atuarem como a única forma de identificação de pessoa do discurso, já que não há, nesses casos, a presença formal do sujeito (cf. RUBIO, 2014), como observamos em (28).

(28) porque *a gente foi* a turma cobaia – *a gente teve* que passar por um monte de coisa que *Ø não deveríamos* ter passado (L27L3606)

A segunda variável selecionada como estatisticamente significativa diz respeito à saliência fônica. Para a nossa análise, consideramos os fatores [- saliente] e [+ saliente], como observamos em (29) e (30), respectivamente, e partimos do pressuposto de que o fator [+ saliente] é mais favorável à realização de *a gente + IPP*, uma vez que os maiores níveis de saliência fônica entre as formas verbais levam a maiores frequências de uso da forma de IPP (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; COELHO, 2006; RUBIO, 2012).

(29) *a gente precisa* ser assistida pela polícia (L43L5526);

(30) um passeio de final de semana – *a gente andou* dois dias sábado e domingo – eu achei maravilhoso (L43L5549).

Tabela 5: Realização de *a gente + IPP* na variável saliência fônica

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
[- saliente]	16 / 424	4%	0,45
[+ saliente]	14 / 100	14%	0,73

Fonte: elaborada pela autora

De acordo com os resultados, verificamos que *a gente + IPP* tende a ser mais frequente no contexto [+ saliente], apresentando um percentual de 14% e um peso relativo de 0,73, ao passo que o contexto [- saliente] apresenta-se como inibidor dessa realização, apresentando um percentual de 4% e um peso relativo de 0,45, confirmando, assim, a hipótese de que o fator [+ saliente] favorece a realização de *a gente + IPP*, ou seja, quanto maiores os níveis de saliência fônica, maiores são os percentuais de IPP, como observamos em (31).

(31) *a gente fomos* passear mesmo pra casa da minha sogra (L62L7778).

Selecionada como a terceira variável relevante na variação em estudo, a escolaridade constitui um fator social significativo na manutenção ou exclusão de formas gramaticais, mostrando que pessoas mais escolarizadas tendem a usar mais as formas prescritas nos manuais normativos, o que nos leva à seguinte correlação: maior escolaridade, maior uso das formas padrão; menor escolaridade, menor uso das formas padrão. Em nossa análise, consideramos os fatores ensino fundamental, ensino médio e ensino superior e partimos do pressuposto de que *a gente + IPP* será mais frequente entre os falantes menos escolarizados.

Tabela 6: Realização de *a gente + IPP* na variável escolaridade

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
Ensino Fundamental	14 / 127	11%	0,71
Ensino Médio	13 / 156	8%	0,69
Ensino Superior	3 / 241	1%	0,28

Fonte: elaborada pela autora

Os resultados mostram que os falantes do ensino fundamental e ensino médio apresentam as mesmas tendências em relação ao uso de *a gente + IPP*, apresentando,



respectivamente, percentuais de 11% e 8% e pesos relativos de 0,71 e 0,69, o que indica que são favoráveis à realização dessa variante linguística, ao passo que os falantes do ensino superior apresentam apenas 1% de uso, desfavorecendo, assim, tal realização – 0,28. Esses dados mostram que os falantes de nível superior tendem a manter os usos linguísticos mais próximos da norma culta, pois estão mais expostos às pressões normativas<sup>3</sup>.

A observação do dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Contata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendência de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. (VOTRE, 2003, p. 51).

A variável faixa etária foi o último grupo de fatores selecionado pelo GoldVarb X como estatisticamente significativo na variação em estudo. Para a nossa análise, não só consideramos os fatores F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos), como também partimos do pressuposto de que a realização de *a gente + IPP* seria mais favorecida entre os falantes mais jovens, uma vez que esses falantes são vistos como mais inovadores e, dessa forma, tendem a usar mais variantes não prestigiadas socialmente<sup>4</sup>.

Tabela 7: Realização de *a gente + IPP* na variável faixa etária

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
F1 (15-29 anos)	6 / 160	4%	0,40
F2 (30-44 anos)	7 / 197	4%	0,34
F3 (acima de 44 anos)	17 / 167	10%	0,77

Fonte: elaborada pela autora

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que as poucas realizações de *a gente + IPP* são favorecidas pelos falantes mais velhos – F3 (acima de 44 anos), que apresentam um percentual de 10% e um peso relativo de 0,77, ao passo que os falantes das F1 (15-29 anos) e F2 (30-44 anos) desfavorecem tal realização, apresentando um percentual de 4% e

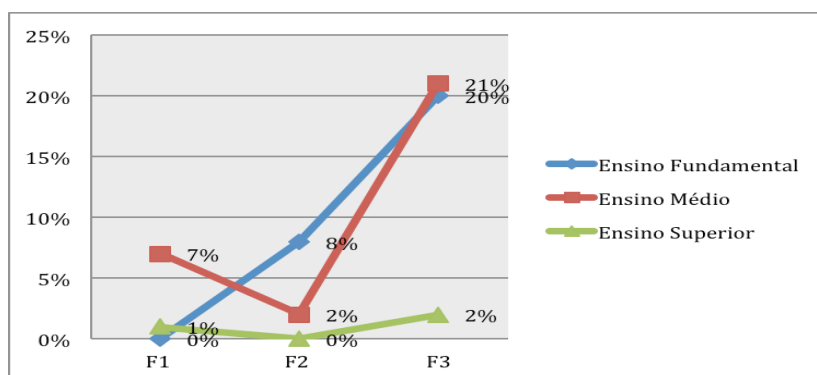
<sup>3</sup> Segundo Faraco (2008, p. 54), a expressão norma culta “deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações por aqueles grupos sociais que têm estado mais diretamente relacionados com a cultura escrita”.

<sup>4</sup> De acordo com Vitório (2017, no prelo), o uso de *a gente + IPP*, na fala maceioense, pode ser entendido como um estereótipo linguístico, ou seja, um traço linguístico fortemente sensível à avaliação social.

pesos relativos de 0,40 e 0,34, respectivamente. Esses resultados contrariam a nossa hipótese de que os falantes da F3 (acima de 44 anos) utilizariam menos a variante *a gente + IPP*.

Ainda com o intuito de checar a atuação das variáveis sociais escolaridade e faixa etária na realização de *a gente + IPP* na fala maceioense, realizamos o cruzamento desses grupos de fatores e obtivemos os seguintes resultados.

Gráfico 3: Realização de *a gente + IPP* nas variáveis escolaridade e faixa etária



Fonte: elaborado pela autora

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que entre os falantes do ensino superior de todas as faixas etárias quase não há a realização de *a gente + IPP*, apresentando um percentual maior entre os falantes mais velhos – F3 (acima de 44 anos) – 2%, e que são os falantes mais velhos – F3 (acima de 44 anos) dos ensinos fundamental e médio que mais realizam *a gente + IPP* na comunidade estudada, apresentando percentuais de 20% e 21%, o que pode ser um indicio de um processo de hipercorreção na língua falada.

### Considerações finais

Neste trabalho, focalizamos na análise da alternância pronominal entre as formas *nós* e *a gente* e na concordância verbal estabelecida com o pronome *a gente* na fala maceioense. Para tanto, recorremos à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) e utilizamos uma amostra sincrônica composta de 72 entrevistas, que está estratificada segundo as variáveis sexo/gênero – homens e mulheres, faixa etária – F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e escolaridade – ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

Em relação à alternância pronominal *nós* e *a gente*, verificamos que *a gente* é o pronome selecionado – 76% versus 24% de *nós* –, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal, função sintática e faixa etária, com *a gente* sendo mais frequente nos seguintes contextos: *a gente* antecedido por *a gente*, nas funções sintáticas de objeto direto, adjunto adverbial e sujeito, e entre os falantes mais jovens, revelando, em tempo aparente, indício de um processo de mudança em progresso.

No que diz respeito à concordância verbal estabelecida com o pronome *a gente*, observamos que *a gente* + 3PS é a forma preferida na fala maceioense – 94% versus 6% de *a gente* + IPP –, sendo essa variação condicionada pelas variáveis explicitude do sujeito, saliência fônica, escolaridade e faixa etária, com a variante *a gente* + IPP sendo mais frequente nos seguintes contextos: sujeito implícito, quando há mais saliência fônica entre as formas verbais, entre os falantes menos escolarizados e mais velhos, o que pode ser um indício de que o seu uso esteja relacionado ao fenômeno da hipercorreção.

Estudos dessa natureza se justificam porque contribuem para um maior conhecimento sociolinguístico do uso variável dessas variantes na fala maceioense. Dessa forma, desejamos não só ter contribuído para esclarecer as restrições que se correlacionam com a alternância pronominal *nós* e *a gente* e a concordância verbal com o pronome *a gente*, como também esperamos que os resultados aqui expressos possam contribuir para o mapeamento sociolinguístico do português brasileiro (cf. MARTINS; ABRAÇADO, 2015).

## Referências

ARAÚJO, S. S. F.; ALMEIDA, R. S. A forma possessiva *da gente* em comunidades rurais do semiárido baiano. In: ALMEIDA, N. L. F.; CARNEIRO, Z. O. N. (Org.). *Variação linguística no semiárido baiano*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. 294p.

CARMO, S. D. S.; ARAÚJO, S. S. F. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural no português popular falado em feira de Santana-BA. In: *Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana*, UEFS, 2010, p. 575-580.

COELHO, R. F. *É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana*. São Paulo, 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2006.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008. 205p.

GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 239p.

- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. 344p.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Vol. 1. Oxford, Blakwell Publishers, 1994. 664p.
- LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, v. 14, n. 2, 1998.
- LOPES, C. R. S. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, T. M. (Org.). *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002. 521p.
- LOPES, C. R. S. A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.
- MARCOTULIO, L.; VIANNA, J.; LOPES, C. Agreement patterns with *a gente* in Portuguese. In: MOTA, M. A.; VIEIRA, S. R. (Org.). *Journal of Portuguese Linguistics*. v. 12, n.2, 2013.
- MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. 333p.
- MATTOS, S. E. R. A primeira pessoa do plural em Goiás. In: MARÇALO, M. J.; LIMA HERNANDES, M. C.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A. (Ed.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Universidade de Évora: Évora, 2010.
- MATTOS, S. E. R. *Goiás na primeira pessoa do plural*. 2013. 137f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- NARO, A. J.; GÖRSKY, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, 11, p. 197-211, 1999.
- NEVES, M. H. M. Possessivos. In: CASTILHO, A. C. (Org.). *Gramática do português falado*. V. III: as abordagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. 440p.
- OMENA, N. O. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996. 395p.
- OMENA, N. O. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. 206p.
- RAFAEL, N. *Variação, mudança e ensino: o caso dos pronomes possessivos 'da gente' e nosso(a) (s) em uma abordagem sociofuncionalista*. 2010. 82f. Dissertação (Mestrado em

Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

RAMOS, C. M. A.; BEZERRA, J. R. M.; ROCHA, M. F. S. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. *Revista Signum*. Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.

RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. São José do Rio Preto, 2012. 391f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2012.

RUBIO, C. F. Decisões metodológicas no estudo de fenômenos variáveis de primeira pessoa do plural. *Anais do XVII Congresso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*, 2014.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, K. C. *Estratégias de polidez e a variação nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe*. 2014. 87f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2014.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, jul./dez. 1998.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. Ática: São Paulo, 2003. 96p.

VIANNA, J. S. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. Rio de Janeiro, 2011. 235f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. 333p.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 9, n.14, p. 126-141, 2015.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Variação nós e a gente na fala culta de Maceió/AL. *Revista Interdisciplinar*. Ano XI, v 24, jan./abr., p. 159-172, 2016.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos pronomes nós e a gente na cidade de Maceió/ AL. *Matraga*, Rio de Janeiro, 2017. No prelo.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

Artigo recebido em: 05/03/2017.

Artigo aceito em: 14/07/2017.

Artigo publicado em: 20/07/2017.

## A EXPRESSÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NA FALA DE UMA UNIVERSITÁRIA CAPIXABA: UMA ANÁLISE BASEADA NO ESTILO

Lilian Coutinho Yacovenco\*

Caroliny Batista Massariol\*

**Resumo:** No presente estudo, por meio de uma análise baseada no estilo, observamos uma variável abaixo do nível da consciência social, a variação da expressão do sujeito pronominal, em diferentes situações comunicativas de uma jovem universitária: assembleia geral estudantil da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), reunião de uma força política estudantil no *campus* de Goiabeiras, reunião de uma força política estudantil no *campus* de Alegre e uma conversa informal entre amigos. Utilizamos como base deste estudo os apontamentos de Bell (1984) acerca da variação estilística; os estudos de Paredes Silva (1988, 2007) e de Duarte (1993, 1995, 2003), sobre a variação da expressão do sujeito pronominal; os estudos de Labov (2008 [1972], 2001), referentes à variação e mudança linguística; e de Guy & Zilles (2007), sobre o pacote de programas Varbrul. Verificamos que a variável estilo é relevante para o uso do sujeito pronominal explícito: quanto maior intimidade e interação entre a falante e a audiência, maior presença de sujeitos explícitos. Assim, em uma conversa informal entre amigos, o uso de sujeitos explícitos foi de 89,7%, ao passo que, na assembleia geral de estudantes da Ufes, foi de 55,0%.

**Palavras-chave:** Variação estilística. Variação do sujeito pronominal. Situação comunicativa.

**Abstract:** Based on style, we analyze the variation of the pronominal subject – that is a variable considered a change from below – in different communicative contexts: Espírito Santo Federal University (Ufes) students general assembly, a meeting of a student political force at Goiabeiras *campus*, a meeting of a student political force at Alegre *campus*, and an informal conversation among friends. We based our study on Bell's research (1984) about the stylistic variation; on Paredes Silva's (1988, 2007) and Duarte's studies (1993, 2003) about the variation of the pronominal subject; on Labov's studies (2008 [1972], 2001) about linguistic variation and change, and on Guy & Zilles (2007) considerations about Varbrul, the statistic program used in our research. We verified that the stylistic variable is relevant to the use of overt subjects: the more personal the interaction between the speaker and the audience is, the greater is the use of overt subjects in the speech. In a casual conversation among friends, the use of overt subjects was 89.7%, while in Ufes' students general assembly, it was 55.0%.

**Keywords:** Stylistic variation. Pronominal subject variation. Communicative context.

---

\* Professora Doutora da Universidade Federal do Espírito Santo. Para contato: [lilianyacovenco@yahoo.com.br](mailto:lilianyacovenco@yahoo.com.br)

\* Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Para contato: [carolinymassariol@gmail.com](mailto:carolinymassariol@gmail.com)

## Introdução

No presente artigo, buscamos verificar, sob a perspectiva teórico-metodológica da Teoria da Variação e Mudança (Labov, 2008 [1972]), se o fenômeno relativo à expressão do sujeito pronominal sofre influência da variável estilo. Para isso, procuramos observar se houve mudanças na fala de uma jovem universitária de acordo com quatro eventos comunicativos<sup>†</sup> de que participou: (1) assembleia geral estudantil da Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes, (2) reunião de uma força política estudantil no *campus* de Goiabeiras – sede da universidade, (3) reunião de uma força política estudantil no *campus* de Alegre, localizado no sul do Espírito Santo e (4) uma conversa informal entre amigos. Procuramos, então, observar se as mudanças quanto à expressão do sujeito pronominal na fala de uma universitária capixaba estão vinculadas aos níveis de intimidade e interação entre a falante e sua audiência.

W. Labov, um dos teóricos mais conhecidos na área da variação e mudança linguística, afirma que a variação social e estilística atua fortemente sobre a mudança linguística. Para o autor, “a variação social e estilística pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística.” (Labov, [1972] 2008, p.313).

Observamos, a partir dessa perspectiva teórica, que o surgimento de novas variantes está vinculado à significação social que cada uma venha a ter. Ainda segundo Labov (1994, p. 78), há variáveis que estão acima do nível da consciência (*changes from above*), relacionadas aos níveis de avaliação social e às posições dos falantes na hierarquia socioeconômica. Este é o caso, por exemplo, da concordância nominal ou verbal no português brasileiro (doravante PB).

Outras variáveis linguísticas, como a expressão do sujeito pronominal, não são conscientemente notadas pelos falantes, estando, dessa forma, abaixo do nível da consciência (*changes from below*). Segundo Labov (1994, p. 78)<sup>‡</sup>,

mudanças abaixo do nível da consciência são mudanças sistemáticas que aparecem inicialmente no vernáculo, e representam uma operação de fatores internos,

---

<sup>†</sup> Na seção relativa ao *corpus* analisado, explicitaremos mais detalhes sobre cada uma das gravações.

<sup>‡</sup> “*Changes from below* are systematic changes that appear first in the vernacular, and represent the operation or internal, linguistic factors. At the outside, and through most of their development, they are completely below the level of social awareness”.



linguísticos. Socialmente, na maior parte de seu desenvolvimento, são completamente abaixo do nível da consciência social. (Tradução nossa).

De acordo com diversos autores, entre eles as pesquisadoras Paredes Silva (1988) e Duarte (1995), a expressão do sujeito pronominal no português brasileiro (PB) passa por mudanças: o predomínio da ausência do pronome, cede lugar, nos dias atuais, ao uso mais frequente de sujeitos pronominais expressos. Entendemos que esse fenômeno, mesmo abaixo do nível da consciência, está sujeito, conforme apontaremos adiante, a diferenças quanto à situação discursiva.

O fenômeno em pauta também é descrito pela tradição gramatical, que registra a preferência por sujeitos pronominais nulos, expressos apenas pela desinência número-pessoal. Entretanto, conforme a própria tradição gramatical postula, há possibilidade de preenchimento em casos específicos: (1) dar ênfase à pessoa do discurso; (2) evitar ambiguidades e (3) opor às pessoas gramaticais.

Posto isso, este artigo está organizado em seis partes: (1) a visão da tradição gramatical; (2) estudos sociolinguísticos a respeito da expressão do sujeito pronominal; (3) a perspectiva teórica do artigo; (4) metodologia de pesquisa; (5) análise dos resultados e, por fim, (6) considerações finais.

### **A visão da gramática tradicional**

Conforme visto na introdução, para a tradição gramatical, o sujeito pronominal só deve ser preenchido em casos específicos: (1) para dar ênfase à pessoa do discurso, (2) evitar ambiguidade e (3) opor às pessoas gramaticais. Conforme veremos a seguir, para a tradição gramatical, a expressão nula do sujeito pronominal é considerada a de maior frequência.

Para evidenciarmos esta posição, observamos as considerações de alguns gramáticos. Rocha Lima (2011) afirma que o uso mais comum do sujeito pronominal é o elíptico, tendo em vista que as desinências verbais são suficientes para que se reconheça o sujeito da sentença. O autor, no entanto, ressalta que o sujeito pronominal pode ser expresso em casos de ambiguidade ou de ênfase:

Por serem explícitas nossas desinências verbais, é comum a elipse do sujeito pronominal: “- Queres talvez que vá acordar Carlos, para que me faça o favor de aceitar minhas prendas?” (JÚLIO DINIS). Quando o sentido não distingue, evite-se a ambiguidade pela expressão do sujeito; tal se dá entre as formas da 1ª e 3ª pessoas

do singular do imperfeito, e do mais-que-perfeito do indicativo; futuro do pretérito; presente, imperfeito e futuro do subjuntivo, e infinitivo pessoal: *lia, lera, leria, leia, lesse, ler*. A ênfase, o vigor da expressão, frequentemente querem o sujeito exposto (Rocha Lima, 2011, p. 395).

Portanto, para esse gramático, o preenchimento do sujeito pronominal só pode acontecer em casos específicos: para evitar ambiguidade e para dar ênfase.

De acordo com Evanildo Bechara (2009, p.592):

[...]. Não se há de considerar elipse a omissão do sujeito léxico, já que ele está indicado na desinência verbal, o sujeito gramatical. A necessidade de explicitação do sujeito gramatical mediante um sujeito explícito é ditada pelo texto; a rigor, portanto, não se tratar da “elipse” do sujeito, mas do “acréscimo” de expressão que identifique ou explicita a que se refere o sujeito gramatical mediante os pronomes de 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural.

Para Bechara, então, não é preciso preencher a expressão do sujeito pronominal quando há indicação pela desinência verbal, portanto, os sujeitos cujas formas verbais são relativas aos pronomes *eu, tu, nós* e *vós* não precisam ser preenchidos. O autor assinala, ainda, que só é a necessidade do próprio texto que aponta para o preenchimento de um sujeito que já tenha sido mencionado.

Também Cunha & Cintra (2001) afirmam que a presença da expressão do pronome sujeito deve ocorrer apenas em casos específicos, que são:

[...] a) quando se deseja, enfaticamente, chamar a atenção para a pessoa do sujeito:  
[...] b) para opor duas pessoas diferentes [...] c) quando a forma verbal é comum à 1ª e à 3ª pessoa do singular e, por isso, se torna necessário evitar o equívoco. (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 283).

Com essas referências, notamos que a tradição gramatical aponta que o uso mais comum é a expressão nula do sujeito pronominal. É importante ressaltar que essa tradição se baseia em textos literários, em sua maioria de tempos passados, quando não havia ocorrido a mudança no sistema pronominal com o acréscimo dos pronomes *você, vocês* (2ª pessoa) e *a gente* (1ª pessoa do plural). Nos dias atuais, tanto na escrita quanto na fala do PB a expressão

preenchida do sujeito pronominal tem sido cada vez mais utilizada. A ênfase e a ambiguidade, mencionadas pela tradição gramatical como favoráveis à expressão explícita do sujeito, também se mostram relevantes nas pesquisas de Paredes Silva (1988, 2007) e Duarte (1993, 2003).

### **Estudos sociolinguísticos sobre a expressão do sujeito pronominal**

Nosso objeto de estudo, como já explicitado, é a expressão do sujeito pronominal, que pode se comportar de dois modos: (1) presente/preenchido, como em “*eu* gastei mais minha fala” (exemplo retirado do *corpus*, extraído da situação comunicativa relativa à uma reunião de uma força política realizada em Alegre); ou (2) ausente/nulo, como em “ $\emptyset$  falei pra ela o negócio do cárcere” (exemplo retirado do *corpus*, fala na assembleia geral estudantil da Ufes).

Usamos como base de nosso estudo outros trabalhos, especialmente os de Paredes Silva (1988, 2007) e os de Duarte (1993, 2003).

Paredes Silva (1988) analisou setenta cartas de cunho informal, escritas entre 1979 e 1984, por quarenta e dois informantes. Neste estudo, a autora constatou que, no que tange à expressão pronominal, o português brasileiro passa por mudanças: o sujeito nulo/não expresso dá espaço à expressão preenchida explícita do sujeito. Para sua análise, Paredes Silva considera separadamente as três pessoas discursivas, uma vez que apresentam comportamentos distintos. Entre as variáveis sociais analisadas - idade e sexo do emissor -, somente a idade mostrou-se relevante nas ocorrências de primeira pessoa: os jovens usam mais pronome sujeito explícito. Segundo a pesquisadora, os jovens apresentam esses resultados por serem mais espontâneos e aproximarem mais a escrita da fala. Entre as variáveis linguísticas, destacaram-se a ambiguidade e a ênfase, corroborando, de certa forma, da tradição a descrição gramatical. A variável ênfase foi selecionada para os pronomes de primeira e segunda pessoa. Assim, o sujeito pronominal explícito ocorreu, preferencialmente, quando havia construções mais enfáticas. Cabe ressaltar que Paredes Silva apresenta marcas formais para considerar uma construção como mais enfática, diferentemente do que é exposto pela tradição gramatical, que apresenta de modo pouco preciso o conceito de ênfase. A variável ambiguidade, por sua vez, foi selecionada em todas as pessoas gramaticais. Paredes Silva (1988) também notou que a animacidade do sujeito exerceu forte condicionamento no preenchimento dos pronomes de 3ª pessoa: os referentes animados favoreceram à expressão de pronomes sujeitos. Outro ponto verificado foi que “quanto mais estreita a ligação do que se diz numa oração com o que se disse na precedente, também menor a necessidade de um

sujeito expresso.” (PAREDES SILVA, 1988, p.298). É importante destacar que esse é um ponto inovador da análise de Paredes Silva, uma vez que, diferentemente de trabalhos anteriores que se preocupavam apenas com a mudança de referente, a autora passa a considerar que há outros fatores envolvidos, que são relativos à conexão discursiva entre as formas. A autora propõe seis graus de conexão discursiva, que estão relacionadas à mudança de referente, mas, também, aos tempos verbais utilizados na sequência discursiva e à distância entre os referentes.

Em 2007a, Paredes Silva dá continuidade a seus estudos, observando a expressão do sujeito pronominal em gêneros textuais diversos do domínio jornalístico e na fala. Verificou que a mudança acontece de forma distinta na fala e na escrita, sendo a fala mais propícia à expressão preenchida do sujeito pronominal do que a escrita. No que se refere à escrita, constatou que há diferenças relativas aos gêneros textuais, como cartas de leitores, crônicas, notícias e artigos de opinião. Em uma escala baseada na expressão do sujeito pronominal, constatou que há mais presença de sujeito pronominal em cartas de leitores, crônicas, notícias, o artigo de opinião, sendo este o gênero que mais desfavorece a expressão preenchida. Além disso, Paredes Silva menciona que o processo de mudança linguística da expressão do sujeito pronominal se dá devido à mudança do próprio sistema pronominal, já que a inserção de *você* e *a gente* altera a relação entre pessoa pronominal e flexão do verbo.

Duarte (1993) analisou o sujeito pronominal em trechos de sete peças de teatro de cunho popular escritas entre os séculos XIX e XX. Neste estudo, constatou que o preenchimento do sujeito passa a ser cada vez mais empregado por conta da simplificação das formas flexionais no paradigma verbal do PB. Duarte (2003) realiza outra pesquisa sobre o fenômeno na fala carioca sob a perspectiva de tempo real, tendo constatado que o preenchimento do sujeito pronominal começa a mostrar uma estabilidade no espaço temporal abarcado no período de 1980 a 2000. Segundo a autora, esta mudança ocorre de forma lenta em terras cariocas.

Vale salientar que tanto os estudos de Paredes Silva quanto os de Duarte não foram baseados em uma variável estilística, porém nos mostram possíveis análises, uma vez que estudaram o mesmo fenômeno linguístico sob outra ótica.

### **A variação estilística**

Conforme já afirmado, o fenômeno linguístico aqui abordado não possui estigma social, nem é objeto de atenção por parte de falantes ou interlocutores. Entretanto,

gostaríamos de verificar se fenômenos abaixo da consciência social, como é o caso do maior ou menor preenchimento do sujeito pronominal, são passíveis de estratificação estilística.

Segundo Labov, as variáveis linguísticas são passíveis de significação social, podendo ser objeto de avaliação linguística ou não. De acordo com Labov (1994, p. 78)<sup>§</sup>,

Algumas variáveis são tópicos explícitos de comentários sociais, e apresentam tanto correção quanto hipercorreção (*estereótipos*); outras não se encontram no mesmo nível de consciência social, mas apresentam estratificação social e estilística consistentes (*marcadores*); há, ainda, [um terceiro grupo de variáveis], que jamais são comentadas ou mesmo reconhecidas por falantes nativos, contudo são diferenciadas apenas em seus graus relativos de avanço entre os grupos sociais iniciantes. (Tradução nossa).

A consciência linguística de uma variável está relacionada a estágios da mudança linguística. Em mudanças abaixo do nível da consciência, caso da variável aqui estudada, jamais há comentários sobre as variantes. Segundo Labov (1994, p. 78), os falantes começam a ter consciência sobre a mudança apenas quando já está praticamente completa. No caso da expressão do sujeito, há uma mudança, que não nos parece estar completa, daí permanecer abaixo do nível da consciência dos falantes.

Na análise da variável estilística proposta, observamos diferentes eventos comunicativos vivenciados por uma falante jovem, de nível universitário. Estes eventos podem ser entendidos a partir de diversos aspectos: o ambiente em que a falante estava, o grau de intimidade entre a falante e a sua audiência, e o assunto falado. As gravações, autorizadas pela universitária, diferem-se das entrevistas tipicamente labovianas, uma vez que não há uma entrevista propriamente dita, mas, sim, diversas eventos comunicativos gravados por uma pessoa próxima à falante. É importante ressaltar que a universitária tinha conhecimento das gravações, porém não sabia qual seria o momento exato em que cada uma se daria. Imaginamos que, dessa forma, poderíamos captar, conforme expresso acima, um *continuum* estilístico que é marcado pelo grau de intimidade entre a falante e a sua audiência. Registramos situações que se diferenciavam quanto ao grau de interação e intimidade entre os falantes, havendo algumas situações mais íntimas e outras, mais distantes.

---

<sup>§</sup> “Some variables are the overt topics of social comment and show both correction and hypercorrection (*stereotypes*); others are not at the same high level of social awareness, but show consistent stylistic and social stratification (*markers*); still others are never commented on or even recognized by native speakers, but are differentiated only in their relative degrees of advancement among the initiating social groups (*indicators*).

Muitos estudiosos têm proposto modelos de análises estilísticas, podendo-se destacar três vertentes: (1) a variação estilística com o foco no grau de atenção prestado à fala, proposta por Labov (2001); (2) a variação estilística baseada na audiência (*audience design*), proposta de Alan Bell (1984); (3) a variação estilística baseada nos diferentes *papéis sociais* assumidos pelo falante em uma situação comunicativa, proposta encampada por Penelope Eckert (2001).

Em entrevistas sociolinguísticas, seguindo a proposta de W. Labov sobre estilo de fala, é possível que se capturem estilos diferenciados de acordo com o monitoramento linguístico do entrevistado. Sendo o centro de sua análise a mudança, Labov observa que a entrevista sociolinguística, apesar de não captar necessariamente o vernáculo, permite que se verifique a estratificação social e estilística envolvidas no processo de mudança. Labov propõe, então, um *continuum* estilístico relacionado à atenção prestada à própria fala. Assim, nas entrevistas, de um lado tem-se uma fala menos monitorada, denominada casual, e, de outro, a fala mais monitorada, mais cuidada. Assim, em variáveis acima da consciência social, o grau de monitoramento da fala deve atuar para o uso de variantes de maior prestígio social.

É importante observar, de acordo com Gorski e Valle (2014, p. 67), que a variação estilística na concepção laboviana é intrafalante, além de possuir um caráter psicológico, já que está ancorada na atenção que o falante dá à sua própria fala.

Na análise proposta nesse artigo, centramo-nos no modelo elaborado por Alan Bell (1984). Desse modo, o foco está na audiência, ou melhor, na interação entre o falante e seu público-alvo. Esse modelo considera que o falante, ao organizar seu discurso, o molda de acordo com seu público-alvo/destinatário, seu ouvinte. Entretanto, a audiência não é somente o destinatário (segunda pessoa, com quem se fala), mas, também, outras pessoas (terceiras pessoas), presentes ou não na situação comunicativa. Verifica-se que, em conformidade com esta proposta, os interlocutores são obrigatoriamente conhecidos, porém os participantes podem ou não ser relevantes para a situação comunicativa, podem ou não estar presentes.

Bell (1984, p. 159), ao tratar da hierarquia dos atributos e papéis da audiência (*audience roles*), propõe quatro tipos de participantes:

- (1) *interlocutores (addressee)*: destinatários que são conhecidos, com participação relevante e a quem a fala é dirigida;
- (2) *ouvintes diretos (auditors)*: destinatários conhecidos, cuja participação é relevante, mas a quem o emissor não se dirige diretamente;

(3) *ouvintes indiretos (overhearer)*: destinatários cuja participação não é relevante, mas de quem o emissor tem consciência de sua presença no evento comunicativo;

(4) *“bisbilhoteiro” (eavesdropper)*: destinatários cuja participação não é relevante e de quem o emissor não tem consciência.

Podemos resumir a proposta de A. Bell no quadro abaixo:

Tipo de audiência	Conhecido (Known)	Participação relevante (ratified)	Fala dirigida (addressed)
Interlocutor (addressee)	+	+	+
Ouvinte direto (auditor)	+	+	-
Ouvinte indireto (overhearer)	+	-	-
“bisbilhoteiro” (eavesdropper)	-	-	-

Fonte: Bell, 1984, p. 160, Tabela 3.

Notamos, portanto, que na proposta de Bell (1984) o centro da análise está baseado na relação entre o emissor e sua audiência, seja ela diretamente envolvida na situação comunicativa ou não. Segundo Bell (1984, p. 158),

frequentemente na interação a distância física entre os membros da audiência coincide com o distanciamento dos papéis atribuídos à audiência, sendo o interlocutor fisicamente mais próximo e o “bisbilhoteiro”, mais distante. Certamente os papéis da audiência são atribuídos pelo falante, e seu grau de saliência para o design estilístico do falante está geralmente relacionado à distância envolvida nos papéis atribuídos. (Tradução nossa)\*\*.

Dessa forma, é fundamental que se observe o efeito gerado não apenas pelos interlocutores, mas, também, pelos ouvintes diretos e indiretos, pois fazem parte da consciência de quem fala, fato esse que pode acarretar mudanças estilísticas. O emissor

---

\*\* “Often in an interaction, the physical distance of audience members from the speaker coincides with their role distance, with addressee physically closest and eavesdropper farthest away. Certainly, audience roles are assigned by the speaker, and their degree of salience for the speaker’s style design is generally relative to role distance”

modela sua fala com o intuito de se identificar com o grupo social com quem interage, de modo a obter sua aprovação.

De acordo com Gorski e Valle (2014, p. 71), na concepção de A. Bell, a variação estilística é, assim como para W. Labov, intrafalante, contudo possui um caráter interacional, já que está baseada na relação entre emissor e audiência. É possível notar que, na proposta de Bell, a variação estilística tem um caráter responsivo, já que se centra nas “respostas” que o emissor dá em função de sua audiência.

A terceira proposta sobre a variação estilística tem em Penelope Eckert (2001) um dos principais nomes. Essa vertente postula que a variação estilística está centrada nos papéis sociais que os falantes exercem em situações comunicativas, numa abordagem construcionista social, que se caracteriza por dar ao falante a agentividade da situação linguística, uma vez que o falante tem na fala a possibilidade de construir sua identidade e transformação da realidade. D. da Hora e L. Wetzels (2012, p. 165) afirmam, segundo essa abordagem, que o estilo é uma prática, isto é “uma atividade em que as pessoas criam o significado social, o estilo é a manifestação visível do significado linguístico”.

## **Metodologia**

Em nossa pesquisa, gravamos uma mulher universitária de 22 anos de idade em quatro diferentes situações discursivas, transcrevemos os dados de áudio, e, posteriormente, codificamos os dados relativos à expressão do sujeito pronominal. Dessa forma, analisamos a variável dependente (presença e ausência do sujeito pronominal) e duas variáveis independentes: os pronomes pessoais (*eu, você, ele/ela, nós, a gente, vocês, eles/elas*) e a situação comunicativa envolvida na gravação (assembleia geral estudantil da Ufes, reunião de uma força política estudantil no *campus* de Goiabeiras, reunião de uma força política estudantil no *campus* de Alegre e uma conversa informal entre amigos).

As gravações tiveram o consentimento da falante. Quem as realizou era uma pessoa próxima à universitária, de quem era amiga há três anos, tendo convívio social, inclusive, sendo participativa das situações comunicativas gravadas, em sua maioria compostas de falas do movimento estudantil. Sendo assim, a falante não via a pesquisadora como uma estranha, mas, sim, como uma pessoa que também participava do movimento estudantil. Ressaltamos que a universitária, no entanto, não sabia em quais ocasiões seria gravada. Após as gravações,



as falas foram transcritas e, posteriormente, a transcrição foi apresentada à universitária, que autorizou seu uso para fins de estudo linguístico.

Posto isso, fizemos os procedimentos mencionados e, posteriormente, realizamos a codificação dos dados e sua interpretação linguística, com base nos resultados linguísticos e estatísticos. Para codificação dos dados, utilizamos o programa Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith, 2005), versão do pacote Varbrul para o ambiente Windows. O Goldvarb X é parte do Pacote Varbrul, que é “um conjunto de programas de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística.” (Guy; Zilles 2007, p.105). Ainda sobre o programa Varbrul, Guy & Zilles (2007, p. 105) salientam que:

[...] mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente”. [...] O programa também permite ao pesquisador testar várias hipóteses possíveis sobre a natureza, o tamanho e direção dos efeitos das variáveis independentes.

Esta ferramenta de análise estatística nos fornece resultados que nos possibilitam analisar os contextos que favoreceram e desfavorecem o preenchimento do sujeito pronominal. Guy & Zilles (2007, p. 211) ressaltam que a análise baseada em pesos relativos é multivariada ao passo que a baseada em percentuais é em um cálculo univariado.

Os pesos calculam os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrência das variantes e resultam de uma análise multivariada. O efeito, assim calculado, pode ser neutro (0,50), favorecedor (acima de 0,50) ou desfavorecedor (abaixo de 0,50) em relação à aplicação da regra em estudo

Esse programa computacional é muito importante para a geração de resultados estatísticos, porém é de competência das/dos pesquisadoras/pesquisadores da área a interpretação dos resultados com base nas hipóteses e nas informações que possuem acerca do material de análise. Vale, então, ressaltar, em consonância com Scherre e Naro (2003, p. 162), que:

(...) os resultados numéricos obtidos pelos programas só têm valor estatístico. O seu valor linguístico é atribuído e interpretado pelo linguista. (...). Nunca é demais repetir que a estatística é apenas um instrumento valioso que pode nos auxiliar a entender um pouco mais o comportamento de fenômenos linguísticos

### **Análise dos resultados**

Antes da apresentação de nossos resultados, explicitaremos mais detalhadamente as situações comunicativas em que a falante foi gravada. Conforme anteriormente afirmado, a universitária havia concordado com a gravação de suas falas, porém, não sabia o momento exato em que estava sendo gravada.

Gravamos quatro situações comunicativas, sendo um formado por uma audiência diversa (assembleia geral estudantil da Ufes em Goiabeiras, sede da universidade), dois contextos com públicos-alvo um pouco mais familiarizados (reuniões internas de um grupo político da Ufes em Goiabeiras e Alegre) e um constituído de pessoas mais íntimas da falante (conversa entre amigos mais íntimos). A gravação de situações comunicativas diversas possibilitaria a verificação de uma variável abaixo do nível de consciência ser passível a estratificação estilística. Assim, teríamos um *continuum* estilístico, em que a conversa entre amigos seria a situação de maior proximidade entre os interlocutores e a assembleia seria a de maior distanciamento.

Como a expressão do sujeito pronominal é um fenômeno abaixo do nível da consciência, não estaria, portanto, sujeita a avaliações por parte da falante. Diferentemente de outras variáveis linguísticas, como a concordância nominal ou verbal, ou, ainda, o uso de pronomes de 2ª pessoa, a expressão do sujeito pronominal não passa pela percepção do falante, sendo, dessa forma, uma variação bastante interna ao sistema linguístico. Sendo assim, imaginamos que o sujeito pronominal preenchido ocorreria da forma semelhante em todos os contextos ou, ao menos, não haveria diferenças muito grandes em seu uso. No entanto, os resultados obtidos contrariaram nossa hipótese inicial.

Nos termos de Labov (1994, p.78), conforme apontado na seção relativa à variação estilística, a variável aqui estudada não se enquadra como um estereótipo, uma vez que este é socialmente reconhecido, estando acima do nível da consciência. Sendo uma variável abaixo do nível da consciência, a expressão do sujeito pronominal poderia ser entendida como indicador ou marcador.

Segundo Paredes Silva (2007), a expressão do sujeito pronominal está sujeita à variação conforme o gênero do discurso, uma vez que em notícias e artigos de opinião, gêneros do domínio jornalístico, há menor frequência de sujeitos ausentes do que em cartas do leitor. Nossos resultados também apontam para a influência da variável estilística, o que faz com que consideremos a variável um marcador linguístico.

Sabemos que a proposta de Bell (1984, 2001) gira em torno da audiência. Assim, torna-se importante que se deem informações sobre os quatro contextos situacionais em que foram gravados nossos dados, tendo, portanto, como foco a audiência. São eles:

(1) assembleia geral estudantil da Ufes de Goiabeiras: neste contexto, havia amigos de mesma força política da falante, oposição política e estudantes da Ufes de Goiabeiras de um modo geral, a universitária faz uso de microfone e fala em um ambiente aberto.

Retomando a proposta de Bell sobre os tipos de audiência, os interlocutores (ouvintes conhecidos, ratificados e dirigidos) são menos frequentes, aparecem na assembleia uma vez que a fala da universitária é destinada para todos os estudantes, não apenas àqueles a quem a emissora deseja atingir. Há, também, ouvintes diretos e indiretos, já que há destinatários conhecidos, relevantes ou não para a situação comunicativa e a quem a falante não dirige sua fala diretamente. Há, ainda, “bisbilhoteiros”/“espiões”, que não são nem mesmo conhecidos.

(2) reunião de uma força política estudantil no *campus* de Goiabeiras: pessoas mais íntimas, que conviviam diariamente com a falante. Cabe ressaltar que, também, havia pessoas mais novas, que tinham acabado de entrar para a força política, sendo, portanto, menos conhecidas, íntimas da falante. A reunião ocorreu em um ambiente fechado.

Pensando nos tipos de audiência de Bell, temos aqui interlocutores e ouvintes diretos, já que a falante conhece a maioria dos participantes, sendo todos relevantes para a situação comunicativa.

(3) reunião de uma força política estudantil no *campus* de Alegre: havia três pessoas que conviviam diariamente com a informante no movimento estudantil em Goiabeiras, mais cinco pessoas desconhecidas e oito pessoas que a falante conhecia, porém que não convivia diariamente. A reunião ocorreu em um lugar em um local aberto.

Da mesma forma que no item anterior, temos aqui interlocutores e ouvintes diretos, já que a falante conhece alguns dos participantes, sendo todos relevantes para a situação comunicativa.

(4) uma conversa informal entre amigos: conversa entre a falante e três amigos, que conviviam, no mínimo, há um ano diariamente: uma amiga, conhecida há três anos e meio, com quem havia feito algumas viagens, passeios e com quem conversava cotidianamente; um amigo, conhecido há dois anos e com quem a falante já havia viajado diversas vezes e com quem conversava também diariamente; um amigo, também conhecido há dois anos, porém com quem tivera mais convívio social apenas no último ano, com quem havia feito diversas atividades estudantis e com quem havia viajado duas vezes. A conversa ocorreu em um lugar fechado.

Diferentemente das situações comunicativas anteriores, nesta a falante está em contato com interlocutores, já que todos são conhecidos, relevantes para a situação comunicativa e a quem sua fala é dirigida.

Conforme postulado por Bell, há maior proximidade física entre a falante e seus destinatários na conversa entre amigos e um maior distanciamento na assembleia de estudantes, estando as duas reuniões num distanciamento intermediário.

Considerando esse postulado, mesmo sendo a expressão do sujeito pronominal uma variável abaixo do nível da consciência do falante, em caso de variação estilística, haveria maior variação na conversa entre amigos e menor na assembleia estudantil. Abaixo, temos os resultados relativos ao efeito da situação comunicativa sobre a expressão do sujeito pronominal.

**Tabela 1- Efeito da variável situação comunicativa sobre a expressão do  
sujeito pronominal**

Situação Comunicativa	Sujeito Pronominal Explícito		Peso Relativo
	N	%	
Assembleia geral estudantil da Ufes/Goiabeiras	11/20	55,0	0,199
Reunião de uma força política estudantil no <i>campus</i> Goiabeiras	54/69	78,3	0,509
Reunião de uma força política estudantil no <i>campus</i> de Alegre	196/239	82,07	0,509
Conversa informal entre amigos	26/29	89,7	0,640
Total	287/357	80,2	

Com esses resultados, notamos que a expressão preenchida do sujeito pronominal é modificada a depender da audiência. Acreditamos que, ao falar na assembleia estudantil, a falante faz menos uso do sujeito pronominal expresso (peso relativo de 0,199) devido ao fato de ser menos familiarizada com os estudantes que compunham o público da assembleia, isto é, a audiência era menos conhecida, mais diversa e mais numerosa. Além disso, em tal ocasião a universitária falou em um microfone, fator esse que mostra um distanciamento maior entre a falante e sua audiência.

Nas reuniões da força política estudantil da qual a falante fazia parte, há um uso neutro ou intermediário (peso relativo de 0,509) de sujeitos pronominais expressos. Em tal situação comunicativa, o público é mais próximo, mais íntimo, porém havia pessoas pouco conhecidas, com quem a falante tinha pouco contato, além de terem ocorrido em locais abertos.

Na conversa com os amigos, a falante faz mais uso de sujeitos pronominais preenchidos (peso relativo de 0,640). Ressaltamos que a audiência é muito íntima e fisicamente próxima à falante e a situação comunicativa se dá na casa de um dos interlocutores.

Outra variável analisada foi a pessoa discurso. Segundo Duarte (1995), o PB perde sua característica de língua de sujeito nulo à medida que há simplificação de seu paradigma flexional. Dessa forma, seria possível que a falante universitária expressasse mais o sujeito pronominal em casos em que não houvesse marca morfológica verbal correspondente.

É importante considerar, entretanto, que não analisamos a ambiguidade morfológica, fator relevante para a discussão sobre o uso de sujeitos pronominais, uma vez que seu uso explícito pode servir para evitar a ambiguidade entre formas de 1ª pessoa e 3ª pessoa do singular de verbos no pretérito imperfeito e presente, por exemplo. Cabe ressaltar que essa variável não é, no momento, foco da presente análise, apesar de já ter sido destacada pela tradição gramatical e por linguistas como Paredes Silva (1988), como uma das responsáveis para o uso do sujeito pronominal explícito.

Conforme assinalado por Duarte sobre a simplificação do paradigma flexional, cabe ressaltar que houve, em nossos dados, somente uma vez, uso do pronome “nós”, mesmo assim, na expressão “tamo aí”. Destacamos que esse dado foi retirado de nossa análise quantitativa, inclusive por haver dúvida se seria um caso de variação ou uma expressão cristalizada.

A seguir, temos a tabela relativa ao efeito dos pronomes pessoais sobre a expressão do sujeito pronominal.

**Tabela 2: Efeito da variável pronome sobre a expressão do sujeito pronominal**

Pronome	Número De Dados	Percentual	Peso Relativo
Eu	93/113	85,0	0,523
Você	14/16	87,57	0,578
Ele, ela	28/45	62,2	0,268
A gente	111/125	88,8	0,656
Vocês	9/14	54,3	0,266
Eles/elas	29/44	65,9	0,302
Total	287/357	80,4	

Diferentemente de nossa hipótese inicial, observamos que a primeira pessoa do singular apresenta um valor um pouco acima de 0,50 (exatamente 0,523), sendo, portanto, possível de ser considerada uma forma que favorece relativamente o preenchimento do sujeito.

Observamos, também, que há três pronomes pessoais que usam a forma verbal de terceira pessoa do singular [e que apresentam efeitos diversos]: a própria terceira pessoa (*ele/ela*), que desfavorece o sujeito preenchido (0,270); a segunda pessoa, sob a forma do pronome *você*, que o favorece (0,542); e a primeira pessoa do plural, sob a forma do pronome *a gente*, que é a que mais favorece o uso preenchido do sujeito pronominal (0,659).

Considerando o foco de nossa análise, podemos levantar a hipótese de que o preenchimento do sujeito pronominal pode estar associado à necessidade do falante em se aproximar ou não de seu interlocutor. Dessa forma, em situações comunicativas de maior proximidade física e, portanto, conforme Bell (1984), uma relação mais próxima entre emissor e audiência, haveria maior preenchimento do sujeito pronominal. Com isso, podemos supor que o uso dos pronomes *a gente*, *você* e *eu* serviria para que a falante se colocasse ao lado dos estudantes, seus companheiros de luta. Há, inclusive, uma oposição marcada entre, por um lado, a primeira pessoa – singular e plural  $-[0,526/0,659]$  e a segunda do singular  $[0,542]$ , e, por outro, a terceira  $[0,270/0,304]$ , seja esta do singular ou do plural, estas desfavorecedoras do uso explícito do sujeito pronominal.

É importante destacar que as formas verbais de terceira pessoa do plural, sejam relativas à segunda ou à terceira pessoa do discurso, desfavorecem a presença do sujeito pronominal. Uma hipótese seria a de que essa seria uma forma de distanciamento do discurso, em que a falante se mostraria mais distante de sua audiência. No caso específico de *vocês*, seria uma forma da universitária fazer uma oposição entre sua perspectiva política e a dos demais participantes das situações comunicativas. Entretanto, para uma melhor avaliação dessa hipótese, haveria necessidade de retorno aos dados e realização de uma análise mais qualitativa.

### **Considerações Finais**

O presente estudo pretendeu contribuir para o enriquecimento de pesquisas cujo foco seja a variação estilística. Apesar de pouco explorado no Brasil, o estilo vem sendo paulatinamente pautado nas pesquisas variacionistas. Destacamos os trabalhos reunidos por Gorski, Coelho e Nunes de Souza (2014) que tratam de diferentes fenômenos analisados a partir do estilo. Também há outros trabalhos sobre variação estilística, como o de Eduardo

Santos (2004) sobre atitudes linguísticas de um líder de uma comunidade quilombola do Rio Grande do Sul e o de Rafaela Mariano (2010) sobre fatores estilísticos na fala de um rapper.

No Espírito Santo, dois trabalhos focalizaram o estilo: o de Elaine Cristina Borges de Souza (2017), sobre concordância nominal, tendo como base a proposta de A. Bell, e o de Juliana Rangel Scardua, sobre o mesmo tema, mas ancorado na proposta denominada árvore da decisão W. Labov. É importante destacar que estas duas pesquisas tratam de uma variável classificada como estereótipo, estando no nível da consciência do falante, sendo, portanto, objeto de comentários sociais explícitos.

A variável aqui analisada, a expressão do sujeito pronominal, é abaixo do nível da consciência do falante, não sendo, portanto, objeto de comentários ou avaliação explícitos. Entretanto, é passível de estratificação social, conforme apontado em nossa pesquisa. Observamos que quanto mais próxima é a audiência, maior presença do sujeito expreso.

Este estudo possibilita, também, uma continuidade para possíveis análises mais detalhadas, observando, por exemplo, os tipos de orações, a ambiguidade, a ênfase, a conexão discursiva, o paralelismo e os tópicos do discurso.

## Referências

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. Ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELL, A. *Language style as audience design*. *Language in Society*. 13 (2), 1984. p. 145-204.

CAMACHO, R.G. *Sociolinguística: Parte II*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol.1. 9 ed.rev.- São Paulo: Cortez, 2012. P. 51- 84.

COELHO, I. L. et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. Ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

DUARTE, M. E. L. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In: ROBERTS, I., KATO, M. A.(orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. da UNICAMP. 1993, p.107-128.

\_\_\_\_\_. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese de doutorado, Campinas, Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. *A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos*. In: DUARTE, M.E.L.; PAIVA, M, C (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2003.



GORSKI, Edair; VALLE, Carla Regina M. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GORSKI, Edair; COELHO, Izete L.; NUNES DE SOUZA, Christiane M. (Orgs) *Variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis, Insular, 2014, p. 67-92.

GUY, G.; ZILLES, A. M. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo, Parábola, 2007.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo, Parábola, 2008 [1972].

\_\_\_\_\_. *The anatomy of style-shifting*. In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (Eds). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 85-108.

MARIANO, R. D. Análise dos fatores estilísticos envolvidos na fala de um rapper em diferentes situações comunicativas. *Língua, literatura e ensino*, vol. V, 2010. Disponível em revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/issue/view/4. Acesso em 15/07/2017.

PAREDES SILVA, V. L. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Rio de Janeiro, UFRJ, Tese de Doutorado, 1988.

\_\_\_\_\_. *Continuidade de referência: nomes, pronomes e anáfora zero em gêneros da fala e da escrita*. *Linguística (PPGL/UFRJ)*, v. 3, p. 161-179, 2007a.

\_\_\_\_\_. *O uso de anáfora zero em textos jornalísticos*. In: *Cadernos de pesquisa em linguística*. Porto Alegre, Vol. 3, nº1, p. 52-61b, 2007b.

ROCHA LIMA, C.H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. Ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - a multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref).

SANTOS, E. F. *Do falar quilombola à fala vaquejada: um estudo de variação estilística*. Porto Alegre, UFRGS, Mestrado em Estudos da Linguagem. Dissertação de Mestrado, 2004. 149p.

SCARDUA, J. R. *O papel da mudança estilística na concordância nominal variável: integração entre dois métodos de coleta de dados*. Comunicação apresentada no X Congresso Internacional da Abralín, 2017.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto, 2003, p. 147-178.

SOUZA, E. C. B. de. *Análise da variação estilística na concordância nominal de número de uma falante pouco escolarizada*. Vitória, Instituto Federal do Espírito Santo. Trabalho de Conclusão de Curso, 2017.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.

Artigo recebido em: 20/04/2017.  
Artigo aceito em: 17/07/2017.  
Artigo publicado em: 20/07/2017.

## A EXPANSÃO DE PERÍFRASES DE *ESTAR+GERÚNDIO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Marta Pereira Scherre<sup>1</sup>  
Jucilene Oliveira Sousa Basílio<sup>\*\*</sup>

**Resumo:** Discutimos este artigo a presença de perífrases *estar+gerúndio* no português brasileiro em alternância (1) com o *presente frequentativo* (ele sempre tá perguntando por você/ele sempre pergunta por você); (2) com o *infinitivo* (não tem hábito de tá escutando mesmo/não tem hábito de escutar mesmo); e (3) com o *ir+infinitivo* (nós vamos tá discutindo aqui/nós vamos discutir aqui). Com base na Sociolinguística Variacionista, analisamos 26 gravações com 717 dados variáveis da fala natural em ambientes formais. No campo do *presente frequentativo*, as perífrases *estar+gerúndio* emergem mais no contexto *irrealis*, ou seja, no âmbito da modalidade, que codifica a atitude do falante em relação à proposição. No campo do *infinitivo*, emergem com maior naturalidade em construções de subordinação (completivas nominais, subjetivas e adjetivas) e em relatos de procedimento e de opinião, apontando relação entre mais material fônico e formalidade discursiva. No campo do *ir+infinitivo*, emergem com o aspecto durativo, mas ocorrem também de forma considerável com verbos pontuais, contrariando expectativas da associação tradicional entre a perífrase *estar+gerúndio* e o aspecto imperfectivo. Assim, trata-se de configurações sintáticas e discursivas que indicam dimensões estilísticas que atingem o campo da modalidade discursiva na interação social e recebe dimensão mais subjetiva de atenuação de relações discursivas.

**Palavras-chave:** Português brasileiro. Perífrases *estar+gerúndio*. Variação linguística. Gênero discursivo. Contexto da situação.

**Abstract:** In this article we discuss the presence of periphrasis *estar+gerúndio* 'be+gerund' in Brazilian Portuguese, alternating with (1) frequentative present tense; (2) infinitive; and (3) 'ir+infinitivo' 'go+infinitive'. In the view of Variationist Sociolinguistics, we analyzed 26 records with 717 variable tokens of natural speech in formal settings. In the context of the frequentative present tense, the periphrasis *estar+gerúndio* emerge more in *irrealis* context, within the modality field, which encodes the speaker's attitude in relation to the proposition. In the infinitive context, it emerges more naturally in embedded clauses (nominal completeive; subjective and adjective clauses) and in procedures and opinion reports, pointing the iconic relationship between more phonics material and discursive formality. In the context of *ir+infinitivo* it emerges more with a durative aspect, but also occurs considerably with punctual verbs, contradicting expectations of the traditional association between periphrasis *ir+infinitivo* and the imperfective aspect. Thus, there are syntactic and discursive settings that indicate stylistic dimensions, functioning as a selector of the communicative model appropriate to each situation. The expansion of the periphrasis *estar+gerúndio* reaches the context of discursive modality in social interaction and gets a more subjective dimension of attenuation of the discursive relations.

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Ufes, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: mscherre@gmail.com.

<sup>\*\*</sup> Secretaria de Estado da Educação (SEDU), Serra, Espírito Santo, Brasil. E-mail: jucilenem3@hotmail.com.

**Keywords:** Brazilian Portuguese. Periphrasis *estar+gerúndio* 'be+gerund'. Linguistic variation. Discursive genre. Interactional context.

## Introdução

Apresentamos, neste artigo, alguns resultados decorrentes da análise da expansão da perífrase *estar+gerúndio* no português brasileiro (PB): (1) no campo do presente frequentativo (ele sempre *tá perguntando* por você/ele sempre *pergunta* por você); (2) no campo do *infinitivo* (não tem hábito de *tá escutando* mesmo/não tem hábito de *escutar* mesmo) e (3) no campo do *ir+infinitivo* (nós *vamos tá discutindo* aqui/nós *vamos discutir* aqui). Assumindo princípios teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972], 2001; SANKOFF, 1988), avaliamos que este fenômeno integra os eventos discursivos da comunidade de fala e emerge em interações mais formais e/ou com maior distanciamento entre os interlocutores, uma espécie de estratégia que visa garantir o sucesso da comunicação entre os indivíduos. Não fazem parte desta análise estruturas tradicionais do PB de *estar+gerúndio* com semântica de continuidade (*estamos escrevendo* este texto), paralelas a construções com infinitivo (*estamos a escrever* este texto) que ocorrem no português europeu.

Embora haja ampla avaliação negativa às perífrases de *estar+gerúndio*, pejorativamente rotuladas de *gerundismo* (FREIRE, 2001; TORRES, 2009, p. 36-39), há relativamente poucos estudos sobre a sua situação atual, bem como sobre sua forma, função e expansão na fala de várias classes sociais e/ou grupos profissionais. As duas principais pesquisas de linha variacionista que tratam das perífrases de gerúndio são a de Santos (2008), com amostras da fala e da escrita, focalizando as construções de futuro *ir+estar+gerúndio* vs. *ir+infinitivo*, campo da expansão das perífrases de gerúndio que mais provocam discussão pública, e o de Torres (2009), com entrevistas linguísticas estratificadas também por profissão, focalizando perífrases de gerúndio de forma mais ampla, também com sentido de futuro (TORRES, 2009, p. 110-111, 115, 125-143).

As pesquisas variacionistas sobre as perífrases de *estar+gerúndio* ainda são relativamente poucas por causa da dificuldade de captá-las na fala cotidiana ou mesmo em situação de entrevistas linguísticas (LABOV, 2006 [1966], p. 87-95), como as do Projeto Português falado na cidade de Vitória - PortVix (BASÍLIO, 2011, p. 47-53) ou pelo fato de se tratar de um fenômeno com implicações semânticas e pragmáticas, cuja utilização ganhou configuração pejorativa que ainda hoje pode desencadear atitudes de preconceito e de

intolerância linguística (SANTOS, 2008, p. 83-93 e Anexos 1 a 10; TORRES e COAN, 2016).

Assim, tendo em vista a relativa raridade de gerundismo em entrevistas labovianas típicas, Basílio (2011) organizou uma coleta de dados na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, por meio de gravações que retratam a escolha do falante em ocasiões de fala natural, mas em ambientes formais, especialmente em gêneros discursivos como relatos de procedimento, de opinião e de acontecimentos, propícios ao surgimento das estruturas em foco.

Com base em orientações metodológicas de Labov (2008 [1972], p. 88, 246), Basílio (2011, p. 53-57) gravou reuniões de planejamento escolar, momentos informativos em ambientes religiosos, reuniões de departamento, reuniões em organizações institucionais, debates, anúncios orais públicos, reuniões escolares e intervenções pedagógicas, e outros contextos persuasivos tais como propagandas, vendas, atendimentos a clientes e noticiários de jornal. Trata-se de 26 eventos discursivos com aproximadamente 17 horas de gravações (cf. Anexo 1), totalizando 717 dados pertinentes à análise. A metodologia adotada para a coleta dos dados que compõem o corpus analisado consiste em gravações anônimas de uso público da língua na vida diária, fora da situação de entrevista. Esta metodologia é conhecida como observação assistemática e espontânea da fala em contextos variados (LABOV, 2008, p. 88, 246).

Com base no trabalho de Basílio (2011)<sup>2</sup>, nosso principal objetivo neste texto é apresentar evidências de que há efeitos internos que governam a variação das estruturas de *estar+gerúndio*, com evidente expansão para configurações com verbos de natureza não durativa, o que permite projetar que seus usos saem do campo do aspecto verbal e atingem o campo da modalidade discursiva.

### **Campos de variação das perífrases *estar+gerúndio* e aspectos teóricos**

O uso do *estar+gerúndio*, criando ou ampliando perífrases no PB, tem sido considerado impróprio, fruto da influência de tradução de manuais americanos para treinamento de profissionais de *telemarketing*. Em verdade, o *telemarketing* é apenas um dos contextos interacionais prototípicos de uso desta construção, uma espécie de estufa, por exigir

---

<sup>2</sup> Nosso texto apresenta resultados de Basílio (2011) revisados e é uma remodelação do texto de Basílio e Scherre (2017), escrito em 2015, por ocasião de nossa participação Gallæcia - III Congresso Internacional de Linguística Histórica, em Santiago de Compostela, de 27-30 de julho de 2015, que acaba de publicar os Anais do evento.

maior modalização nas relações com os consumidores. Outros contextos interacionais de uso destas construções são as relações comerciais de serviço, em especial as recepções hoteleiras. O fato é que, segundo Santos (2008, p. 5-18), estas construções, que herdaram do telemarketing seu forte traço negativo, passaram a ser percebidas na fala brasileira nos últimos 20 anos.

Nos termos de Labov (2001, p. 514), a não aceitação de uma variante inovadora implica partilhar da metáfora da *idade de ouro*, utilizada para se referir à crença em um estado puro da língua, e constitui uma evidência cabal de que as línguas estão sempre em mudança. Assim, segundo este autor, o *Gold Age Principle*, o princípio mais geral e mais profundo sobre a língua, reflete o sentimento comum de que:

*Em algum momento no passado, a língua estava em um estado de perfeição.*

Entende-se que, neste estado, cada som era correto e bonito, e cada palavra e expressão era apropriada, acurada e adequada. Além disso, o declínio deste estado é regular e persistente, de tal forma que cada mudança representa um distanciamento da idade de ouro, e não um retorno a ela. Cada novo som será ouvido como feio e cada nova expressão será ouvida como imprópria, não acurada e inadequada. Dado este princípio, é claro que a mudança linguística deve ser interpretada como uma ruptura às normas estabelecidas e que as pessoas rejeitarão mudanças na estrutura da língua quando tomam consciência delas (LABOV, 2001, p. 514).<sup>3</sup>

Avaliamos que a percepção da perífrase *estar+gerúndio*, inserida em outras construções verbais perífrásticas, em especial com *ir+infinitivo*, favoreceu a percepção da coexistência das variantes linguísticas, que, no contexto das interações discursivas, por vezes, são consideradas inadequadas ou desnecessárias, de forma bastante generalizada, especialmente na mídia (cf., por exemplo, POSSENTI, 2009; SILVA, 2017). Assim, na busca de um entendimento mais amplo do fenômeno, consideramos, nesta pesquisa, três construções como inovadoras, cuja variação é exemplificada, a seguir, com dados extraídos de amostras de fala por nós analisadas:

(I) Perífrase *estar+gerúndio* em alternância com o *presente frequentativo*:

---

<sup>3</sup> No original “*At some time in the past, language was in a state of perfection. It is understood that in such a state, every sound was correct and beautiful, and every word and expression was proper, accurate, and appropriate. Furthermore, the decline from that state has been regular and persistent, so that every change represents a falling away from the golden age, rather than a return to it. Every new sound will be heard as ugly, and every new expression will be heard as improper, inaccurate, and inappropriate. Given the principle it is obvious that language change must be interpreted as nonconformity to established norms, and that people will reject changes in the structure of language when they become aware of them.*” (LABOV, 2001, p. 514)

(1)...dados de notas...não dá o retorno pra gente do jeito que o relatório nos dá...por que aqui eu tenho o nome das famílias que *está recebendo* toda semana.

(2)...a gente pode fazer isso terminou de preencher o relatório... a cada décimo dia do mês cês mandam pra gente...então quem *recebe* mensal...é primeiro mês, segundo mês, terceiro mês...acabou de preencher aqui ó pode mandar pra gente...

(II) Perífrase *estar+gerúndio* em alternância com o *infinitivo*:

(3) ...somente pelo telefone você terá a certeza de *estar adquirindo* um produto original.

(4) Algumas pessoas aqui já me conhecem, outras eu sei que ainda não...eu vou ter a oportunidade de *adquirir* um pouco mais com essa convivência, né?

(5) Bom...eu posso *tá ajudando*...não posso assumir esse compromisso...eu posso *tá* filmando a atividade dos alunos, acompanhar fazendo fotos e filmagens...só preciso ser avisado com antecedência...pra eu poder trazer a minha máquina...é isso...eu só posso *ajudar* assim.

(III) Perífrase *ir+estar+gerúndio* em alternância com *ir+infinitivo*:

(6)...a gente *vai estar discutindo* o que que foi feito no ano de 2009 e o que que nós podemos fazer neste ano de 2010...é por isso que aqui a gente só chamou comunidades...aqui só tem instituição que faz atendimento a famílias...aqui não tem instituição que faz atendimento a criança, não tem instituição que faz trabalhos com idoso...que a gente atende também...aqui só tem instituição que faz atendimento a famílias...então nós *vamos discutir* isso, nós vamos fazer uma troca de experiências...

Tendo em vista os campos de variação acima delineados, buscamos entender e explicitar neste texto um pouco das motivações dos usos das perífrases com *estar+gerúndio*. Utilizamos a Teoria da Variação e Mudança Linguística de base laboviana em nossa investigação (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972], 2001) por esta teoria permitir ponderar a atuação do indivíduo no interior de uma comunidade de fala, ao aderir ou não a um conjunto de normas linguísticas partilhadas, e evidenciar que essa possibilidade de escolha ressalta a existência de formas alternativas em variação, ou seja, com o mesmo valor de verdade ou o mesmo significado referencial. Temos por comunidade de fala o seguinte conceito laboviano:

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação, que são invariantes a níveis particulares de uso. (LABOV, 2008 [1972], p. 150).

A percepção do falante em relação à fala, especialmente em relação à fala do outro, colabora para uma atitude de avaliação, que tende a levá-lo a um posicionamento na defesa da forma anterior, num primeiro momento, e na adesão gradual ao fato inovador, em momentos

subsequentes. Neste ponto, destacamos a possibilidade de estarmos diante de uma situação que pode acelerar processos de mudança linguística (cf. WEIREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 125).

Apoiamo-nos também na Teoria Sócio-semiótica da linguagem hallidayana abordada por Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005), para melhor compreensão das ocorrências de *estar+gerúndio* na fala. Buscamos, então, soluções complementares, conforme a proposta de Oliveira (1999, p. 300-318), para as análises dos dados coletados nessa pesquisa. Lançamos mão da noção de gênero discursivo e o contexto de situação, ao analisar o efeito da variável independente configuração discursiva. Marcuschi (2008, p. 190) considera que “os gêneros são padrões comunicativos socialmente utilizados, e funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas”. São formas culturais e cognitivas de ação social. Cada falante domina as formas linguísticas e por meio dela se comunica para alcançar objetivos específicos em cada situação de uso social.

### **Sobre o aspecto verbal**

O Aspecto é uma categoria linguística ainda pouco contemplada nos estudos variacionistas clássicos do PB. Não raro, nas discussões a respeito dos tempos verbais, notamos justificativas que apontam o aspecto com uma nuance de ‘significação’. O aspecto verbal, apesar de também ter por referência a categoria linguística de tempo, contempla a noção semântica contida no ‘tempo interno’ do verbo (COSTA, 1997). Em linhas gerais, as noções semânticas do âmbito do Aspecto apontam *duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim*. Em nossa pesquisa, consideramos a categoria de Aspecto, segundo as tipologias propostas por Vendler (1967 apud MATEUS et al. 2003, p.134-138) e Borba (1972), em especial, neste texto, a tipologia do segundo autor, mas nos valem também de ideias de outros autores, a saber, Said Ali (1966, 1971), Travaglia (1985), Costa (1997), Mateus et al. (2003), Cunha e Cintra (2007), Perini (2010).

### **O aspecto no campo do presente frequentativo**

Para a compreensão da codificação do aspecto das construções no campo no *presente frequentativo*, analisamos inicialmente as caracterizações verbais segundo Perini (2010, p.



221), ao apresentar a categoria tempo Presente como o ambiente da expressão dos eventos ou estados atuais que geralmente exprime uma verdade geral que independe do tempo. Assim como vários outros autores, Perini (2010, p. 221) aborda o presente simples usado também para exprimir um evento habitual, ao considerar que, em *Meu pai trabalha na oficina*, tem-se a possibilidade semântica que equivale dizer que meu pai é um empregado da oficina, e não se refere a alguma coisa que está fazendo no momento da fala. O autor menciona que, para exprimir um evento que se dá no momento da fala, o ideal é usar o presente progressivo (*estar+gerúndio*) *Meu pai está trabalhando na oficina*, embora, pela análise de nossos dados, esta construção também seja usada para expressar um evento habitual (exemplo 1 na seção 2). O próprio Perini (2010, p. 221) afirma que o presente progressivo “pode ter alguma extensão no passado e no presente, ou ser habitual”.

Em referência ao aspecto habitual, Said Ali (1971, p. 310) apresenta a denominação *presente frequentativo* como uma das formas de aplicação do presente do indicativo. O fenômeno consiste numa série de atos da mesma espécie, que se repetem em intervalos mais ou menos longos. O *presente frequentativo* não se refere necessariamente ao que agora se está fazendo, e sim ao que se costuma fazer. Nessa perspectiva, tem-se habitualidade do fato verbal, que ocorre de modo idêntico e repetido no tempo (exemplo 2 na seção 2).

O verbo *receber* no exemplo 7, a seguir, expressa habitualidade por iteração, visto que o fato verbal se dá de modo idêntico no tempo, explicitado pelo adjunto adverbial *toda semana*. Costa (1997, p. 27) afirma que, neste caso, estamos diante de *um fato verbal de Número plural*, que se distribui de forma idêntica no tempo. Embora a modalidade de eventos seja tratada com mais propriedade nos resultados das análises, adiantamos que, conforme Costa (1997), a habitualidade do ato verbal se dá por iteração ou por continuidade e pode expressar o Aspecto contido na distinção da modalidade de eventos epistêmicos *realis* ou *irrealis*. O exemplo 7 ilustra uma situação de habitualidade, expressa na utilização de um verbo de evento *realis* com possibilidade de julgamento epistêmico de verdade, certeza e evidência, conforme Givón (1995, p. 114).

(7) ...quem *recebe* alimento toda a semana...pode mandar isso pra mim mensal...porque é muito fácil preencher isso aqui...né? porque esse relatório aqui ó...primeira semana, segunda semana, terceira semana, quarta semana...

### **O aspecto no campo do *infinitivo***

Tradicionalmente os verbos envolvidos na formação de perífrases são chamados de auxiliares quando associados às formas nominais gerúndio e particípio. Essa associação origina as perífrases que expressam Aspecto e Voz. De acordo com Travaglia (1985, p. 214), todas as perífrases de *estar* marcam exatamente os mesmos aspectos que o verbo *estar*. Assim, para Travaglia, as perífrases de *estar* marcam os aspectos imperfectivo, cursivo, não-acabado e durativo em todos os tempos flexionais e formas nominais, com exceção nos pretéritos perfeitos e mais-que-perfeito do indicativo, em que indicam, respectivamente, o aspecto perfectivo, acabado, e o durativo. O verbo *estar* assume perspectiva dinâmica integrante dos operadores aspectuais, pois coloca o fato verbal num fragmento de tempo usado quando sua temporalidade é limitada. Essa característica pode ser associada ao traço durativo e ao de incompletude para atribuir ao fato verbal um período de vigência, ou seja, de sua duração. A limitação temporal, para Travaglia, não se dá no fato verbal, mas no auxiliar *estar*, que indicaria a situação como ainda em curso.

Aqui nosso propósito é considerar a expressão do Aspecto na conjugação perifrástica e não perifrástica. Assim, consideramos relevantes as noções de aspecto codificadas pela significação verbal dos elementos principais das perífrases formadas com *estar+gerúndio* como no exemplo 8.

(8)...nós não temos condições de *tá recebendo* oito turmas de 5ª série no vespertino...

O verbo principal *receber* é considerado como possuidor do aspecto pontual, que, segundo Travaglia (1985), se combinado com o auxiliar *estar (tá recebendo)*, assumiria leitura aspectual de uma situação ainda em curso. Porém, de acordo a informação contida no caso em 8, oito turmas de 5ª série chegam exatamente à escola no turno vespertino. Com o uso dessa estrutura, a diretora afirma a falta de condições para recebê-las. Assim, a presença de delimitação temporal, no contexto apresentado, não pode ser vista como indicativo de repetição do ato de receber, pois sabemos que é impossível existir uma escola que receba oito turmas de 5ª séries no turno vespertino todos os dias. Esse fato justifica e evidencia o fenômeno da variação entre a perífrase *tá recebendo* e o infinitivo *receber*.

### O aspecto no campo do *ir+infinitivo*

Ao considerar a categoria de Aspecto, Cunha e Cintra (1985, p. 371) abordam a oposição aspectual pontual/durativo, contínuo/descontínuo, e também as oposições entre formas simples e perífrases durativas. Afirmam que “a perífrase de *estar+gerúndio* (ou infinitivo precedido da preposição *a*), que designa “o aspecto do momento rigoroso” [...], estende-se a todos os modos e tempos do sistema verbal [...].

Ao pensar no tempo gasto na realização de uma ação, é preciso lembrar que toda ação tem princípio, meio e fim; um tempo antes de seu princípio, em que ela é não começada, e um tempo depois de seu fim, em que ela é considerada como acabada. Said Ali (1966) reconhece a combinação do verbo *ir+infinitivo* para designar locomoção, desejo de realizar algo ou um fato que não tardará a realizar-se. Cunha e Cintra (2007, p. 411) afirmam que a forma perifrástica de *ir+infinitivo* é usada como substituta do futuro do presente e indica uma ação futura imediata.

Nos exemplos 9 e 10, temos o uso da perífrase *ir+estar+gerúndio*, uma forma alternativa de *ir+infinitivo*:

(9) A gente *vai tá pensando* aqui, refletindo junto.

(10) Nós *vamos tá passando* pra vocês agora alguns alimentos...

No exemplo 9, a estrutura temporal interna é marcada por uma situação que acontecerá no futuro e pela forma como esse acontecimento se dará. *Pensar* e *refletir* são verbos que indicam ações de características semânticas durativas. Todavia, no exemplo 10, o valor aspectual é marcado pelo modificador adverbial de tempo *agora*, no nível do aspecto externo, fora da significação do verbo. Pela literatura sobre as perífrases com o verbo *estar+gerúndio*, seria esperado que *nós vamos tá passando* indicasse uma situação contínua que acontecerá no futuro, porém, ao considerar as marcas aspectuais externas, por meio do uso do advérbio *agora*, nota-se que a ação verbal se dá imediatamente após o ato da fala.

A aspectualidade interna e externa compõe o aspecto da estrutura, porém, além da estrutura, há ainda o aspecto codificado no contexto. O aspecto da estrutura é o que pode ser mensurado na estrutura verbal da perífrase, já a influência do contexto pode apenas ser observada por meio de inferências contidas ao redor da estrutura verbal.

Considerando a noção composicional de aspecto (MATEUS et al. 2003, p.137-138), uma situação pode ter leitura episódica no nível da frase ou às vezes precisa ser analisada nas demais classes de palavras. É preciso considerar que os valores aspectuais podem se opor no plano estrutural, sendo desambiguizados pelo contexto, como no exemplo 11:

(11)...e na hora que chegar aqui *vai tá recebendo* isso tudo e todas as informações inclusive com o regimento interno do conselho estadual...

A estrutura em destaque no exemplo 11 é possuidora de nuance aspectual, que fornece informações de como se dará a realização do ato. Apesar de o verbo principal *receber* ser classificado, no quadro das características semânticas verbais de Costa (1997, p. 14), como um ato de pouca duração, a combinação de *tá+recebendo* deveria indicar duratividade na realização do ato verbal. A perífrase *vai tá recebendo* pode indicar um ato de realização futura que se dará de forma progressiva, mas, no momento da fala, no caso 11, este enunciado foi usado para marcar um ato instantâneo, indicado pela construção *e na hora que chegar aqui*.

## Análises

Para efetuar o tratamento estatístico dos dados, utilizamos o GoldVarb X para ambiente *Windows*, a versão mais nova dos programas Varbrul, ferramenta tradicional de análise estatística de fenômenos variáveis, (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005). Esta ferramenta fornece as percentagens e os pesos relativos dos fatores das variáveis independentes nos três campos de investigação analisados separadamente, como três variáveis dependentes distintas. Fornece também a significância estatística das variáveis independentes analisadas (SANKOFF, 1988; NARO, 2003; SCHERRE; NARO, 2003, 2010; GUY; ZILLES, 2007).

Os percentuais de uso das perífrases *estar+gerúndio*, com os 717 dados em contextos variáveis, estão na Tabela 1.

**Tabela 1:** Uso geral das perífrases *estar+gerúndio* nos três campos de investigação

Os três campos de investigação	Frequência	Percentual
<b>Campo do <i>presente frequentativo</i></b>	30/145	20,7%
<b>Campo do <i>infinitivo</i></b>	94/420	22,4%
<b>Campo do <i>ir+infinitivo</i></b>	34/152	22,4%
<b>TOTAL</b>	158/717	22,0%

Fonte: Basílio (2011, p.111), com adaptações.

Independentemente da rejeição das estruturas de *estar+gerúndio* ter se dado no PB em contextos de *ir+infinitivo*, o percentual de uso da perífrase é praticamente o mesmo em cada um dos campos analisados: 20,7%, no campo do *presente frequentativo*, 22,4% no campo do *infinitivo* e 22,4% no campo de *ir+infinitivo*, o que evidencia a regularidade da ocorrência das perífrases *estar+gerúndio* em usos discursivos formais de fala natural.

Na busca de um entendimento mais global da heterogeneidade ordenada, vamos, nas seções subsequentes, descrever os efeitos das restrições ou variáveis independentes estatisticamente significativas segundo critérios de análise de regressão múltipla, em que pesos relativos são atribuídos aos fatores das variáveis independentes analisadas: quanto maior o peso relativo, maior seu efeito sobre a variante focalizada, no caso, a perífrase *estar+gerúndio*; quanto menor o peso, menor o efeito. As percentagens de uso devem ser interpretadas em termos de desvios em relação à média (SANKOFF, 1988; NARO, 2003, p.19-25; SCHERRE; NARO, 2010, p. 73-74; GUY e ZILLES, 2007, p. 211-212, 238-239).

### **Resultados para o campo do *presente frequentativo***

No campo do *presente frequentativo*, a modalidade *realis/irrealis* foi apontada como significativa do ponto de vista estatístico. Na modalidade dos eventos, controlamos a distinção da codificação semântico-pragmática na modalidade epistêmica *realis* ou *irrealis*, que, nos termos de Givón (1995, p.114), está associada ao fato de “a proposição ser fortemente declarada como verdadeira”, modalidade *realis* (exemplificada em 12), ou ao fato de “a proposição ser fracamente declarada como possível, provável ou incerta, ou necessária, desejada ou indesejada”, modalidade *irrealis* (exemplificada em 13):<sup>4</sup>

(12)...os produtos que caem no chão...eles ali...eles estão bons, caíram no chão mais estão bons pra ser consumidos...e as vezes eles deixam pra trás e vem outro carro depois e passa por cima, então as próprias instituições que *estão indo* lá buscar elas tem que se conscientizar disso...

(13)...então o mundo hoje é assim...a mídia coloca isso...eles vão lá...fazem campanha...fazem passeatas e a população vai crescendo achando que isso é normal...então a gente tem que prestar muita atenção por que às vezes sem querer nós *estamos participando* dessa concordância do mundo com relação a essas questões..

---

<sup>4</sup> No original: “**Realis assertion**: The preposition is **strongly asserted** to be true” [...] **Irrealis assertion**: The preposition is **weakly asserted** to be either possible, likely or uncertain (epistemic sub-modes), or necessary, desired or undesired (valuative-deontic sub-modes)”. (GIVÓN, 1995, p. 114)

No dado 12, temos uma situação no campo do presente frequentativo relatando um acontecimento habitual do fato de algumas instituições, no momento do manuseio das doações, deixarem alimentos caírem ao chão e serem desperdiçados. Aqui ressalta-se a necessidade de que as instituições que habitualmente *vão/estão indo* lá buscar os alimentos se conscientizem de que as doações de alimentos são uma campanha contra o desperdício.

No dado 13, a perífrase *estar+gerúndio* em “às vezes sem querer *estamos participando* dessa concordância com o mundo...” codifica uma situação *irrealis*, que pode vir ou não a acontecer. Com este evento verbal, ilustramos um fato costumeiro/habitual, expressamos uma verdade possível, na qual, em alguns casos, somos levados a partilhar os mesmos conceitos apresentados na mídia. No contexto dessa situação, nos termos do “caso não se tenha muita atenção”, observa-se a noção de possibilidade comum à modalidade dos eventos *irrealis*.

A modalidade, conforme Givón (1995, p. 114), codifica a atitude do falante em relação à proposição na interação comunicativa, com relação ao seu julgamento epistêmico, em termos de ‘proposição declarada como verdadeira’ ou ‘proposição declarada como possível’ de eventos verbais. Nessa perspectiva, evidenciamos a percepção e a atuação da modalidade de eventos na formação da perífrase *estar+gerúndio* no campo do presente frequentativo.

Os resultados na Tabela 2 revelam uma direção bastante consistente na atuação dos verbos que expressam a modalidade de eventos *irrealis*. Os fatos tidos *irrealis* foram apontados como favorecedores da formação de perífrases *estar+gerúndio* (0,809), embora no campo em que há predomínio de casos da modalidade *realis* (123/145=85%). Assim, o epistêmico de possibilidade, no campo de um tempo habitual, mais favorecedor da perífrase *estar+gerúndio*, pode assegurar a manutenção da expressão da habitualidade, possivelmente atenuada com a forma de presente simples na modalidade *irrealis*: pesquisas futuras, com mais dados, dirão se nossa pesquisa aponta a direção certa.

**Tabela 2:** Uso da perífrase *estar+gerúndio* no campo do *presente frequentativo* em função da modalidade de eventos

Modalidade de eventos	Frequência	Percentual	Peso relativo
<i>Irrealis</i>	11/22	50,0%	0,809
<i>Realis</i>	19/123	15,4%	0,436
TOTAL	30/145	20,7%	

Fonte: Basílio (2011, p.114), com adaptações.

O fato é que a codificação da modalidade dos eventos evidencia o contraste entre a modalidade *irrealis* e a modalidade *realis* neste processo de escolha, com, respectivo favorecimento (0,809) e desfavorecimento (0,436) da perífrase *estar+gerúndio* no campo do presente frequentativo.

O exemplo 14 ilustra mais um caso de *estar+gerúndio*, em que a modalidade *irrealis* pode expressar um evento costumeiro/habitual, que contém uma verdade possível, comum às situações que frequentemente podem ou não acontecer.

(14)...quais as dificuldades que nós temos aqui, às vezes a gente *tá doando* um produto que às vezes tem que ter consumo mais rápido...né? às vezes recebe um leite que vai ter que consumir em 3 dias...

### **Resultados para o campo do *infinitivo***

As perífrases *estar+gerúndio*, no contexto do *infinitivo*, apontam um aspecto sintático digno de nota (Tabela 3). Emergem com maior força em estruturas subordinadas substantivas, que tendem a favorecer a perífrase: subjetivas (0,659); completivas nominais (0,798) e adjetivas (0,769). A exceção do efeito fortemente favorecedor das subordinadas substantivas fica por conta das orações objetivas, com peso relativo relativamente mais baixo (0,464), que serão futuramente analisadas em função de traços semânticos do verbo da oração principal.

Os exemplos 15, 16 e 17 ilustram as ocorrências de *estar+gerúndio*, no contexto do *infinitivo*, em orações subjetivas, completivas nominais e adjetivas:

(15) ...é muito importante a gente também *tá adicionando* por exemplo no máximo duas colheres da linhaça...

(16)...a gente precisa deste compromisso...de ligar e dizer – olha! eu não vou poder ir buscar...não tenho como ir buscar...ai...a gente tem um tempo hábil de *tá mandando* estes produtos pra outra instituição...

(17)...eu deixei pro ano que vem...pro diretor que vier *tá ...pra ele tá olhando* isso com maior carinho...pra atender esses alunos, tudo bem?

Merece também destaque o efeito favorecedor das finais (0,596), no campo das subordinadas adverbiais, tendo em vista que há outras adverbiais que não apresentam casos com *estar+gerúndio*, a saber, as causais (11 dados) e as temporais (quatro dados), que não constam da Tabela 3, por indicarem contextos invariantes. Todos os casos de não

subordinadas desfavorecem a presença da perífrase: justapostas (0,142), absolutas (0,392), principais (0,364) e coordenadas (0,464).

**Tabela 3:** Uso da perífrase *estar+gerúndio* no campo *infinitivo* em função do tipo de configuração sintática

Configuração sintática	Frequência	Percentual	Peso relativo
<b>Justapostas</b>	1/20	5,0%	0,142
<b>Absolutas</b>	5/31	16,1%	0,392
<b>Principais</b>	7/56	12,5%	0,364
<b>Coordenadas</b>	20/114	17,5%	0,464
<b>Condicionais</b>	4/21	19,0%	0,467
<b>Finais</b>	20/73	27,4%	0,596
<b>Objetivas</b>	7/33	21,2%	0,464
<b>Subjetivas</b>	10/28	35,7%	0,659
<b>Completivas nominais</b>	15/30	50,0%	0,798
<b>Adjetivas</b>	5/14	35,7%	0,769
<b>TOTAL</b>	94/420	22,4%	

Fonte: Basílio (2011, p.117), com adaptações.

Assim, nesse mapeamento sintático, vimos que há uso das perífrases em configurações mais encaixadas e/ou mais complexas, aspecto a ser futuramente explorado e melhor entendido, na relação com a formalidade dos atos discursivos no interior de cada fala. Os fatos sintáticos são deveras contundentes e um refinamento do grau de subordinação entre as cláusulas merece lupa mais aguçada.

A configuração discursiva, por sua vez, detalhada em Basílio (2011, p. 120-123), aponta o relato de procedimento e o relato de opinião como gêneros que tomam dimensões estilísticas, sociais, e discursivos, funcionando como um selecionador do modelo comunicativo apropriado a cada situação (Tabela 4), embora com efeitos menos polarizados.

Os relatos de procedimento e de opinião foram apontados como situações relativamente favorecedoras à realização das perífrases *estar+gerúndio* (0,560 e 0,564). Nestas configurações discursivas, em geral, temos um discurso com estruturas com mais material fônico, comuns em situações interativas mais formais, que marcam iconicamente maior distanciamento, exemplificado pelo relato de opinião em 16 e de procedimento em 17.

(16)...Bom...eu posso *tá ajudando*...não posso assumir esse compromisso...eu posso *tá filmando* a atividade dos alunos, acompanhar fazendo fotos e filmagens...só preciso ser avisado com antecedência...pra eu poder trazer a minha máquina...



(17) está aqui ó..."para informações sobre o regulamento e premiação visite o site..."...ai você tem que entrar neste site para saber o regulamento do concurso para você *tá participando*, tá?

**TABELA 4:** Uso da perífrase *estar+gerúndio* no campo do *infinitivo* em função da configuração discursiva

<b>Configuração discursiva</b>	<b>Frequência</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso relativo</b>
<b>Relato de procedimento</b>	50/204	24,5%	0,560
<b>Relato de opinião</b>	29/105	27,6%	0,564
<b>Relato de acontecimento</b>	15/111	13,5%	0,335
<b>TOTAL</b>	94/420	22,4%	

Fonte: Basílio (2011, p.121), com adaptações.

No futuro será importante explorar a eventual relação entre as configurações discursivas e os modalizadores, em especial em construções com verbo modal *poder*, por ora sem relevância estatística nos dados por nós analisados.

### **Resultados para o campo de *ir+infinitivo***

Pelos resultados da configuração sintática no campo do *ir+infinitivo* (Tabela 5), embora menos regulares do que nos casos de *infinitivo* (Tabela 3), vislumbramos pistas das configurações do uso da perífrase *ir+estar+gerúndio*. As orações subordinadas adjetivas apresentaram peso relativo de 0,836, as mais favorecedoras da perífrase. Esses resultados apontam claramente a existência de uma configuração sintática em que a perífrase *ir+estar+gerúndio* é tida como estrutura potencial para expressar uma atividade futura (exemplos 18 e 19).

(18) na semana passada nós tivemos uma reunião aqui na escola...[...] com os diretores que *vão estar apresentando* no dia...

(19)...na última reunião do dia 13 quando a gente falou sobre jovens...é...um projeto...também né?...chama-se "primeiro passo"...são jovens empreendedores que *vão estar participando* nesse projeto...

O comportamento das orações coordenadas, fortemente favorecedor da perífrase (0,732), instiga, por sua vez, uma volta aos dados, a fim de que possamos verificar que fator está realmente em jogo, antes que levantemos alguma hipótese interpretativa, tendo em vista que as orações absolutas e justapostas evidenciam efeito desfavorecedor (0,242), bem como

as subordinadas objetivas, causais e condicionais (0,273), de forma semelhante ao uso da perífrase no campo do infinitivo (Tabela 3).

**Tabela 5:** Uso da perífrase *estar+gerúndio* no campo do *ir+infinitivo* em função do tipo de configuração sintática

Configuração sintática	Frequência	Percentual	Peso relativo
<b>Orações absolutas e justapostas</b>	03/44	6,8%	0,242
<b>Principais</b>	09/41	22,0%	0,514
<b>Coordenadas</b>	15/44	34,1 %	0,732
<b>Subordinadas objetivas, causais e condicionais</b>	01/13	7,7%	0,273
<b>Subordinadas adjetivas</b>	06/10	60,0%	0,836
<b>TOTAL</b>	34/152	22,4%	

Fonte: Basilio (2011, p.125), com adaptações.

O aspecto verbal foi outra variável estatisticamente significativa para o uso de *ir+estar+gerúndio*. Neste estudo, o aspecto foi considerado e analisado segundo as tipologias de Vendler (1967, apud MATEUS et al. 2003, p. 192) e Borba (1972). De acordo com a tipologia de Vendler, os verbos são classificados da seguinte forma: (a) Os verbos cessativos são os verbos de culminação; nesta classificação estão os verbos de movimentos únicos (unários) que indicam mudança de estado, desaparecimento ou aparecimento de cena como *chegar, sair, nascer, morrer, falecer, murchar, enegrecer, envelhecer, rejuvenescer, derreter*; (b) Os verbos de processo são os verbos que indicam eventos meteorológicos, de atividade física e os verbos de movimento como *chover, nevar, chorar, correr, nadar*; (c) Os verbos de processo culminado são os verbos causativos ou agentivos (resultativos), que indicam entidade criada ou uma entidade afetada pelo processo com *escrever, destruir, dar, comprar, arrumar, deslocar*; (d) Os verbos de estado englobam os existenciais (*haver, existir, ser*), os locativos (*morar, residir, ter, pertencer*), os epistêmicos (*saber, conhecer*), os perceptivos (*ver*) e os psicológicos (*gostar, detestar, odiar*).

O significado dos verbos, segundo a tipologia aspectual de Borba (1972), sintetiza os valores aspectuais em *pontuais* (os verbos sem duração), *durativos* (os verbos de movimento e causativos), *permansivos* (os verbos epistêmicos, existenciais e os perceptivos), *inceptivos* (os verbos de movimento único ou unário) e *cessativos* (os verbos que indicam mudança de estado). Conforme os resultados da Tabela 6, os verbos de aspecto durativo são os mais favorecedores de *ir+estar+gerúndio* (0,727), apesar de muitas vezes serem apontados como

justificativa ao estigma de inadequação na expansão da perífrase de futuro. O efeito dos verbos de aspecto durativo tem, todavia, efeito consistente com a noção que rege a distribuição das formas verbais mensurando seu grau de desenvolvimento da ação verbal. Há compatibilidade entre a semântica dos verbos durativo e semântica de continuidade do gerúndio, expressa na perífrase de gerúndio, como no exemplo 20:

(20) primeiro é sobre o seminário...né?...que a gente *vai estar falando*.

**Tabela 6.** Uso da perífrase no campo do *infinitivo futuro* em função a significação verbal

Significação verbal	Frequência	Peso relativo
<b>Durativo</b>	20/53= 37,7%	0,727
<b>Inceptivo</b>	3/14= 21,4%	0,602
<b>Permansivo</b>	3/48 = 6,2%	0,215
<b>Pontual</b>	8/37 = 21,6%	0,530
<b>TOTAL</b>	34/152=22,4%	

Fonte: Basílio (2011, p.129), com adaptações.

Os verbos inceptivos também favorecem a perífrase *ir+estar+gerúndio* (0,602), porque têm também caráter durativo, no início da ação, embora a duração seja menor. Com os verbos de aspecto permansivo, que expressam um estado permanente (exemplo 21), temos o menor efeito de uso da perífrase *ir+estar+gerúndio* (0,215), o que indica coerência semântica entre noção de menor duração aspectual e menor uso da perífrase *ir+estar+gerúndio*, embora isto não exclua a sua possibilidade de ocorrência:

(21) ...algumas instituições aqui, estão na nossa lista de espera, mas *vão estar sendo* cadastradas...

Nesta linha de raciocínio, seria esperado que os verbos pontuais desfavorecessem também e de forma forte a perífrase *ir+estar+gerúndio*, ou até nem a permitissem, porque estes verbos expressam um processo realizado de maneira súbita, praticamente sem duração (exemplos 22 e 23):

(22) ...terminou de preencher o relatório...a cada décimo dia do mês cês mandam pra gente...a gente *vai tá colocando* dentro da pastinha e vai tá controlando desta forma ok?

(23):::nem que seja uma vez você vai ter que visitar e é na visita que você vai saber quem *vai tá saindo*...você sabe a realidade dele.

Todavia, os verbos pontuais se colocam no meio da escala em termos de pesos relativos (0,530), indicando efeito relativamente maior, mais próximo ao dos verbos inceptivos (0,602) do que ao dos permansivos (0,215). Evidencia-se, assim, a expansão de usos da perífrase para um tipo semântico de verbo que se considera incompatível com a perífrase de *estar+gerúndio*. É exatamente neste campo, em especial quando os verbos da perífrase *ir+infinitivo* indicam pouca ou nenhuma duração, é que houve maior percepção das perífrases *ir+estar+gerúndio*, e maior rejeição explícita a elas, embora se observe sua contínua expansão, em um processo sem volta, porque já faz parte da configuração estrutural do PB e da fala de pessoas as mais diversas em situações interacionais propícias.

### Palavras finais

Iniciamos nossa investigação sobre os usos das perífrases de *estar+gerúndio* no campo do aspecto, mas é fato que seu uso atinge o campo da modalidade. Por ora, pode-se considerar que as escolhas pelos usos das perífrases *estar+gerúndio* são motivadas pela organização individual do contexto, que, de acordo com o grau de formalidade, determinam a seleção de tratamento relativamente mais formal com estruturas de maior extensão e mais modalizadoras. Levantamos a hipótese de que estamos diante de um processo de gramaticalização da modalização, em curso, em que se faz necessária a integração futura entre os estudos de variação e os dos processos de gramaticalização sob a perspectiva funcionalista nos termos de Görski e Tavares (2017).

As construções aqui analisadas já podem ser captadas na fala de pessoas de várias classes sociais, de diversas idades, de diferentes grupos profissionais, em diversas situações de usos linguísticos, como ilustramos nos casos de 24 a 34:

(24) Primeiro é sobre o seminário, né?...que a gente *vai estar falando*...é...na reunião do dia 26/04 eu tive uma reunião com o secretário da equipe de educação e falamos deste seminário...é...pra...*tá passando...tá falando* pra elas da necessidade de todo mundo...estar ciente deste projeto que tá acontecendo. (Diretora da rede Municipal da cidade Serra/Espírito Santo)

(25) Fazem campanha...fazem passeatas e a população vai crescendo achando que isso é normal...então a gente tem que prestar muita atenção por que às vezes sem querer nós *estamos participando* dessa concordância do mundo com relação a essas questões. (Motorista da prefeitura da capital Vitória/Espírito Santo)

(26) logo após a programação nós teremos o almoço.....nós *vamos estar nos concentrando* no salão aqui a minha esquerda...(Orador da igreja central da capital Vitória/Espírito Santo)

(27) Eu só...to esperando esses cara se organizar pra começar...pra não ficar insistindo com ninguém...você sabe que eu não gosto de *tá insintindo* nada com ninguém...(Pedreiro da capital Vitória/Espírito Santo)

(28) Boa tarde...nos queremos informar que...o secretario veio ai pra *poder tá assinando*...e...ainda fizemos uma...um diploma né...aquelas pessoas que saíram *vai ta recebendo*...né esse diploma...né e como todos sabem...a...participação no conselho é de relevância...ai a gente tem também que *tá diplomando* aquelas pessoas que saíram da...da...deste contexto. (Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa –CEDDIP Vitória/Espírito Santo)

(29) Bom dia pessoal...eu sei que é chato eu *tá perturbando*...assim logo cedo, mas eu peço a ajuda de vocês porque...chegando aqui na rodoviária, fui assaltado...perdi todos os meus documentos e o dinheiro...preciso da colaboração de vocês pra *tá comprando* a passagem e poder tá voltando para minha casa...Qualquer ajuda...*vai tá sendo* bem vinda. Deus abençoe. (Pedinte no Parque Botânico de Curitiba/Paraná)

(30) A senhora pode *tá comprando* esta rifa pra me ajudar? (Adolescente em Mutum, cidade do interior de Minas Gerais, vendendo rifa em praça pública)

(31) Eu posso *tá colocando* o selo de troca? (Vendedor jovem em loja de departamento em Brasília, capital do Brasil)

(32) Eu posso tá retirando os pratos? (Garçonete em festa de casamento na cidade de Coronel Fabriciano, Minas Gerais)

(34) A associação de preocupa não só em ensinar a produzir...tá incentivando a produção, mas também mostrar os vários pratos que podem tá sendo feito à base de tilápia...e...mostrando que ele é um peixe que ta rico no cardápio. (Jornalista do jornal “Bom Dia Espírito Santo”)

As nuances semânticas e aspectuais apontadas nas discussões e o estigma de inadequação presente na argumentação de estudiosos e não estudiosos da língua são frutos de uma compreensão tradicional que, em geral, toma-se por base apenas o Aspecto do auxiliar (*estar*) desconsiderando os demais verbos presentes na perífrase *estar+gerúndio* e desconsidera os processos naturais de mudança e de gramaticalização, constantes, pelos quais as línguas passam. A resistência a esta estruturas revela, portanto, um apego ao passado e indica a percepção da mudança nos termos previstos pelo *Gold Age Principle* de Labov (2001, p. 541), explicitado no item 2 deste texto. A sua expansão para o campo da modalidade e para a fala de pessoas diversificadas indica que a sua implementação é evidente e irreversível.

## Referências

BASÍLIO, J. O. S. *A expansão das perífrases de gerúndio no português brasileiro*. 2011. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

BASÍLIO, J. O. S.; SCHERRE, M. M. P. A expansão de perífrases de gerúndio no português brasileiro. *Gallaecia. Estudos de linguística portuguesa e galega*. Universidade de Santiago de Compostela, 2017, p.713-732.

- BORBA, F. S. *Introdução aos estudos linguísticos*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1972.
- COSTA, S. B. B. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1997.
- CUNHA, C.; CINTRA L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FREIRE, R. Gerundismo. *Novo Milênio*. São Paulo, abr. 2001. Seção Idioma. Disponível em: <[www.novomilenio.inf.br/idioma/20010405](http://www.novomilenio.inf.br/idioma/20010405)>. Acesso em: 13 jul. 2017.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. (Orgs.) *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2017, p.35-63.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward, Arnold Publishers, 1985.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006 [1966].
- \_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. (Orgs.) *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005.
- NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-25.
- OLIVEIRA, R. P. Uma história de delimitações teóricas: 30 anos de semântica no Brasil. *D.E.L.T.A.*, v.15, especial, p. 291-321, 1999.
- PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- POSSENTI, S. *Língua na mídia*. São Paulo: Parábola, 2009.

SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

\_\_\_\_\_. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005 [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref).

SANKOFF, D. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J. (eds.) *Sociolinguistics: An international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-997.

SANTOS, T. P. de A. S. *Só um instante, Senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: gerundismo, preconceito e a expansão da mudança*. 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2008.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 147-177.

\_\_\_\_\_. Efeitos as saliência fônica e do tempo/modo na concordância verbal. In: MOLLICA, M. C. de M. *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. p. 71-77.

SILVA, M. C. da. Gerundismo: vício de linguagem. *Brasil Escola*. Seção gramática. Disponível em <<http://brasilescuela.uol.com.br/gramatica/gerundismo-vicio-linguagem.htm>>. Acesso: 14 de julho de 2017.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, 1985.

TORRES, F. F. *O gerúndio na expressão de tempo futuro: um estudo sociofuncionalista*. 180 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

TORRES, F. F.; COAN, M. Artigo11 - Gerundismo – variação e preconceito linguístico. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/viewFile/9343/6697>. Acesso: 13 jul. 2017.

WEINREINCH, U.; LABOV, W. e HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ANEXO 1: Detalhamento da coleta de dados de Basílio (2011, p.145)

<b>GRAVAÇÃO</b>	<b>DATA</b>	<b>DURAÇÃO</b>
1. Ponto de vista	23/04/09	00h15min
2. Escola/Serra	03/05/09	00h25min
3. Atendimento/pai	04/05/09	00h30min
4. Propaganda Reduxam	14/05/09	00h10min
5. Propaganda política	28/04/09	00h10min
6. Divulgação evento	30/04/09	00h15min
7. Conversa/espontânea	15/04/09	00h12min
8. Anúncio/igreja	02/05/09	00h10min
9. Reunião/escola	13/05/09	00h40min
10. Gestão educacional	18/05/09	00h40min
11. Anúncio igreja	10/08/09	00h10min
12. Anúncio igreja	07/08/09	00h10min
13. Atendente FAPES	12/08/09	00h15min
14. Atendente FAPES2	12/08/09	00h12min
15. Conversa espontânea	24/07/09	01h00min
16. Universitária	25/08/09	01h40min
17. Noticiário	24/08/09	00h30min
18. Posse da CEDDIP/	12/11/09	02h15min
19. Rádio mais FM	13/08/09	01h40min
20. Anúncio igreja	14/11/09	00h15min
21. Reunião CEDDIPI	12/12/09	02h18min
22. Anúncio igreja	03/01/10	00h10min
23. Anúncio igreja	23/01/10	00h15min
24. Pedagoga escolar/reunião com pais	08/02/10	00h15min
25. Ação educativa Mesa Brasil	23/03/10	00h57min
26. Ação educativa Mesa Brasil	23/03/10	00h52min
		<b>Total: 16h53min</b>

Artigo recebido em: 13/04/2017.

Artigo aceito em: 16/07/2017.

Artigo publicado em: 20/07/2017.



## A PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA FALA DE GOIÁS

Shirley Eliany Rocha Mattos\*

**Resumo:** Apresentamos pesquisa variacionista (LABOV, 1972 [2008]; 1994; 2001), com o suporte do Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), acerca da: 1) alternância de uso entre *nós* e *a gente* e da 2) concordância verbal variável com *nós* na oralidade urbana de Goiás, Centro-Oeste brasileiro. Foram entrevistadas 55 pessoas, 28 mulheres e 27 homens, com 10 anos ou mais de escolarização, entre 16 e 86 anos. Os resultados estatísticos apontaram predomínio do *a gente* (78%), semelhantemente ao registrado em outras áreas urbanas brasileiras. Esse nível de uso de *a gente* coexiste com 21% de singular verbal com *nós*, diferentemente do registrado em outras áreas urbanas. Uma matriz cultural de base rural valorizada no Estado fundamenta a compreensão da variação verbal com *nós*, um uso identitário local; o desenvolvimento econômico urbano e a expansão da imigração no Estado fundamentam a compreensão do avanço do *a gente*, um uso identitário nacional. As variáveis sociais apontam que os jovens (0,70), as mulheres (0,60) e os falantes com até 10 anos de escolarização (0,69) favorecem o *a gente* na comunidade. Esses mesmos agentes, os jovens (0,82), as mulheres (0,70) e os falantes com até 10 anos de escolarização (0,80), favorecem o verbo no singular com *nós*.

**Palavras-chave:** Fala goiana. Primeira pessoa do plural. Alternância *nós/a gente*. Variação verbal com *nós*.

**Abstract:** We present a variationist research (LABOV, 2008 [1972]), with the support of Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), about: 1) the alternation between *nós* (we) and *a gente* (we) and 2) the variable verbal agreement with *nós* (we) in the urban speech of Goiás. We interviewed 55 people, 28 women and 27 men, with at least 10 years of schooling, and age between 16 and 86 years. The statistical results showed a predominance of *a gente* (we) (78%), similarly to results in other Brazilian urban areas. This level of *a gente* (we) coexists with 21% of singular verbal with *nós* (we), unlikely the results in other urban areas. A rural-based cultural matrix is a means to understand the verbal agreement (singular) with *nós* (we), a linguistic local identity value. The urban economic development and the expansion of the immigration in the State are bases to understand the advance of *a gente* (we), a linguistic national identity value. The social variables indicate that young people (0.70), women (0.60) and speakers with up to 10 years of schooling (0.69) favor *a gente* (we) in the community. These same agents, young people (0.82), women (0.70) and speakers with up to 10 years of schooling (0.80), likewise favor the singular verb with *nós* (we).

**Keywords:** The speech of Goiás. First person plural. Alternation between *nós/a gente* (we). Verbal agreement with *nós*.

---

\* Professora Doutora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, Goiás. E-mail: shirley.rmattos@gmail.com.

## Introdução

Em Goiás, casos de concordância verbal não padrão com a forma pronominal de primeira pessoa do plural *nós* do tipo "depois *nois conversa*" são correntes, ouvidos em diversos contextos sociais, saem da boca de goianos e goianas de diferentes níveis de escolarização e localmente não acarretam desprestígio. Em outras áreas urbanas do país, porém, esse é um uso linguístico estigmatizado, tido como próprio da fala de pessoas com pouca ou nenhuma escolarização.

Essa diferença de uso e de avaliação goiana de um fenômeno linguístico estigmatizado em grande parte das áreas urbanas do país nos instigou a pesquisar sobre primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na oralidade de Goiás. Para a amostra foram entrevistadas 55 pessoas, representando 20 municípios goianos, a fim de analisar os fenômenos da alternância de uso *nós* vs. *a gente* e da concordância verbal variável com *nós*.

A língua portuguesa em Goiás tem instigado pesquisadores e levado à publicação de um crescente número de estudos linguísticos, de que são alguns exemplos: Pádua (2002), Santos e Pádua (2004), Nascimento (2009), Rezende Santos (2008), Salles (2004), Borges e Salles (2005), Borges (2008), Rezende (2013), Nazário (2013).

Além disso, desde 2004, o Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília, na coordenação da Dra. Heloísa Moreira Lima Salles, tem desenvolvido o projeto "O Centro-Oeste na História do Português Brasileiro" (BORGES, LIMA-SALLES e PILATI, 2013, p. 219-237) vinculado por sua vez ao projeto "Para a História do Português Brasileiro" da USP. A hipótese de trabalho desses pesquisadores é de que, no Centro-Oeste, as peculiaridades sócio-históricas propiciaram o desenvolvimento de uma língua portuguesa com características próprias.

Queremos crer que nossa pesquisa, baseada na fala de Goiás, pode, em alguma medida, contribuir para ampliar a compreensão das peculiaridades do Português Brasileiro (PB) do Centro-Oeste, especialmente o falado em Goiás<sup>1</sup>. A investigação se baseou na perspectiva teórico-metodológica da Teoria da Variação e da Mudança Linguística de base laboviana (Labov, 2008[1972]; 1994; 2001; Sankoff, 1998a; 1998b; Weinreich, Labov & Herzog, 2006[1968], com utilização do programa Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005).

---

<sup>1</sup> As pesquisas sociolinguísticas referidas não abrangem o território do Distrito Federal.

Destacamos que nossa análise se alicerça na interpretação dos resultados estatísticos das variáveis sociais, as quais revelaram os aspectos mais estreitamente relacionados à comunidade de fala goiana.

### **Goiás: passado e presente**

Consta que o Estado de Goiás foi desbravado pelos fins do século XVI, mas efetivamente povoado a partir da descoberta do ouro no século XVIII (ESTEVAM, 2004, p. 21 - 24). Nasce como território pertencente à Capitania de São Paulo, centro difusor das expedições bandeirantes (ASSIS, 2005, p. 25). Acabado o curto ciclo de exploração mineratória, de menos de 3 décadas, a pecuária passa a ser a atividade econômica fundamental, na realidade mais responsável pela fixação do homem no território do que por alguma dinâmica econômica no cenário nacional.

Foi a chegada da estrada de ferro no início do século XX, originária do território paulista, que começou a alterar esse quadro. Por isso se diz que o desenvolvimento econômico inicial de Goiás no século XX é visto como um produto de sua articulação com o centro econômico paulista (ESTEVAM, 2004).

Até meados do século XX, a população goiana permaneceu praticamente rural. Em 1940, o censo do IBGE apontou 81,5% da população do Estado nessa condição. A fundação de Goiânia, em 1933, e sua inauguração oficial em 1942, acontecem nesse contexto predominantemente rural, como ilustrado na Figura 2, uma foto tirada por ocasião da construção do Palácio do Governo, em Goiânia, com as ferramentas de terraplanagem utilizadas na época: parrelhas de bois.

**Figura 2** - Construção do Palácio do Governo em Goiânia, a nova capital (1937)<sup>2</sup>



Goiânia, Palácio do Governo, 1937. Fonte: Arquivo O Popular

Fonte: CHAUL, 2002. p. 227.

Entre 1940 e 1960, o processo de urbanização do Estado se acelera. No entanto, as cidades goianas se expandiram mais à custa do êxodo rural em si do que à custa da criação de condições econômicas favoráveis à absorção do contingente populacional (ESTEVAM, 2004, p. 112), à semelhança do ocorrido no restante do país onde "teve lugar uma urbanização caótica provocada menos pela atratividade da cidade do que pela evasão da população rural" (RIBEIRO, 1995, p. 199).

A inauguração de Brasília, em 1960, e os incentivos governamentais para a ocupação do Centro-Oeste, nos anos 1970, promoveram movimentos migratórios expressivos e notáveis empreendimentos agropecuários na região. Em função desse progresso, entre os anos de 1980 e 2016 o território de Goiás teve um aumento populacional considerável, passando de pouco mais de 3 milhões de habitantes em 1980 para 6.695.855 milhões em 2016<sup>3</sup>. Tendo-se em vista que em 1988 o antigo território do Estado de Goiás foi dividido nos Estados do Tocantins e de Goiás<sup>4</sup>, o salto de desenvolvimento de Goiás torna-se ainda mais impressionante.

Tem-se ampliado na imprensa brasileira em geral as menções ao Estado de Goiás. Algumas delas dizem respeito ao desempenho de goianos e de goianas em telenovelas do SBT e da Rede Globo, à vitória de goianos em duas edições do BBB (Big Brother Brasil), à vitória de um goiano de 13 anos de idade no quadro Soletorando do Programa Caldeirão do Huck entre outros destaques. Ficou para trás a repercussão negativa do Estado causada

<sup>2</sup> Goiânia, Palácio do Governo (1937). O concreto armado e a arquitetura moderna da época contrastavam com o meio de transporte rudimentar. Fonte: CHAUL, 2002. p. 227.

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: < [ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2016/estimativa\\_2016\\_TCU.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2016/estimativa_2016_TCU.pdf)>. Acesso em 15 mar. 2016.

<sup>4</sup> O atual Estado do Tocantins foi criado em ato da *Constituição Federal* de 1988, ficando o Estado de Goiás com a porção centro-sul do antigo território.

principalmente pelo desastre com o Césio 127, o maior acidente radioativo do Brasil, ocorrido em Goiânia em setembro de 1987.

Fatores positivos na composição de um perfil atual do Estado são de três ordens: um acentuado crescimento econômico: 5,4% contra 2,7% da taxa de crescimento nacional<sup>5</sup>; um aumento constante do número de imigrantes, 30,2% da população em 2014 segundo o IBGE<sup>6</sup>; e uma constante valorização e divulgação das raízes culturais de base rural, de que são exemplos os muitos eventos anuais ligados à agropecuária e uma grande produtividade no setor da música sertaneja, com duplas como Zezé Di Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo, Bruno e Marrone, Felipe e Falcão, Cesar Menotti e Fabiano, Matogrosso e Mathias, Guilherme e Santiago, Chrystian e Ralf, Jorge e Mateus e tantas outras.

No tocante ao desenvolvimento econômico, Goiás, devido a sua localização favorável ao escoamento de produtos para as demais regiões brasileiras (ver destaque na Figura 1), tem atraído investimentos externos expressivos, os quais se beneficiam igualmente das melhorias contínuas na infraestrutura e na capacitação de mão de obra no Estado. Na mesma proporção tem crescido o fluxo migratório para Goiás, interessado na dinâmica econômica e na qualidade de vida em Goiás, particularmente em sua capital, Goiânia<sup>7</sup>.

**Figura 1 – O Estado de Goiás no Brasil<sup>8</sup>**



Fonte: <http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/Estados/>

<sup>5</sup> Os cálculos relativos a Goiás foram estimados pelo Instituto Mauro Borges de Estatística e Estudos Socioeconômicos, órgão vinculado à SEGPLAN (Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento) do governo de Goiás. Disponível em: < [http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id\\_cad=6000](http://www.seplan.go.gov.br/sepin/goias.asp?id_cad=6000)>. Acesso em 25 jul. 2013.

<sup>6</sup> Fonte: *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015* / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. p. 12.

<sup>7</sup> Goiás é o novo trevo econômico do Brasil. *Jornal Opção*, Ed. 2022. Goiânia, 06 a 12 abr. 2014. Disponível em: < <http://www.jornalopcao.com.br/posts/reportagens/goias-e-o-novo-trevo-economico-do-brasil>>. Acesso em 10 fev. 2016.

<sup>8</sup> Fonte: <http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/Estados/>

Essas transformações no perfil socioeconômico do Estado, agora urbano em 92,2%<sup>9</sup>, no entanto, não tem alterado a característica de valorizar a cultura do campo e sua simplicidade, rotina facilmente reconhecível no modo de ser e de viver goianos, indo muito além da fruição da música sertaneja e de suas muitas e bem sucedidas duplas profissionais, cujas origens históricas remontam aos cantares em falsete e em duos, usuais na colonização no século XVIII (BERTRAN, 1997, p. 30).

A avaliação positiva do rural faz evoluir economicamente também o ecoturismo de trilhas, da exploração de cavernas, das rotas de pesca, das fazendas coloniais, do balneário de águas termais; dos eventos ligados à agropecuária, como exposições de gado, rodeios, vaquejadas e festas do Peão de Boiadeiro; das romarias e festas religiosas, como por exemplo, a Festa do Divino Pai Eterno, em Trindade, e a Festa do Divino Espírito Santo, com as Cavalhadas de Pirenópolis.

Em muitas ocasiões, como na passagem da tocha olímpica pelo território goiano em maio de 2016, símbolo dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, a naturalidade do rural representou o povo goiano. Nos rituais de revezamento da tocha olímpica em duas cidades do interior goiano, Pirenópolis e Itaberaí, e na capital, Goiânia deu-se que, a condução da tocha na cidade histórica de Pirenópolis foi feita por Zezé de Camargo e Luciano, dupla sertaneja goiana famosa em todo o país; na cidade de Itaberaí, a exibição da tocha foi feita em carro de boi comandado pelo Sr. Domingos Galvão, um idoso que apresentou seus bois pelo nome à imprensa e afirmou que aquela cerimônia representava “a tradução do Estado e da cidade”<sup>10</sup>; na capital, Goiânia, a comemoração contou, entre outras atrações, com um grupo de *Catira*, uma dança muito antiga, a dança mais brasileira de todas as danças, segundo o folclorista Couto de Magalhães, considerada versão do Cateretê paulista (LACERDA, 1977, p. 31) e apreciada como manifestação cultural local. O escritor goiano José Mendonça Telles (2010) afirma que "O goiano da gema vive na cidade com um carro de boi cantando na memória"<sup>11</sup>.

Uma pesquisa sociológica foi encomendada pelo jornal local *O Popular* em 2013, denominada *Por que a gente é assim*. Um levantamento qualitativo com diferentes categorias de participantes: goianos, não goianos e pesquisadores da cultura e da formação sociopolítica de Goiás captou "conceitos e opiniões sobre mentalidades, patrimônios simbólicos e

---

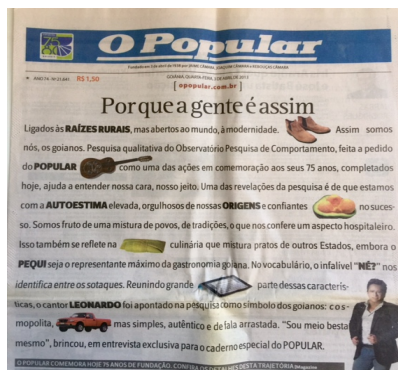
<sup>9</sup> Fonte: *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015* / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2015. p. 24.

<sup>10</sup> Informação disponível em: <http://globoesporte.globo.com/go/olimpiadas/tocha/noticia/2016/05/idoso-conduz-carro-de-boi-com-tocha-olimpica-em-goias-seguro-o-tranco.html>. Acesso em 05 mai. 2016.

<sup>11</sup> A crônica *Ser goiano* foi publicada no sítio da UBE (União Brasileira de Escritores) – Seção Goiás em 10/02/2010. Disponível em: < <http://www.ubebr.com.br/post/cronica/ser-goiano-jose-mendonca-telles>>. Acesso em abr. 2012.

expectativas" no que se refere ao povo goiano. E revelou que "o goiano se vê hoje como uma junção entre origens agrárias, de raízes fincadas no mundo rural, e a urbanização que trouxe a modernidade"<sup>12</sup> (Figura 3).

Figura 3 – Capa do jornal *O Popular* expondo as conclusões da pesquisa sociológica<sup>13</sup>



Fonte: *O Popular*. Ano 74, n. 21.641. Capa.

Essa capacidade de assimilação de aspectos da modernidade sem perda de identidade cultural é conceituada como *goianidade*, entre outros setores, pela historiografia local como o faz Chaul (2002. p. 30; 2011, p. 42), para quem a comunidade goiana se autopercebe como um "palco da mesclagem campo e cidade, urbano e rural".

### O Português Brasileiro em Goiás

Também se expressa no plano linguístico a vivência do rural em Goiás, com o uso da primeira pessoa do plural *nós* com verbo no singular. A consideração de que a concordância não padrão (sem a desinência *-mos*) é caracteristicamente vinculada ao meio rural se ancora na hipótese de que o dialeto caipira (AMARAL, 1982), trazido pelos Bandeirantes<sup>14</sup> no século XVII, foi a base da composição da língua goiana (AMARAL, 1982; MATTOS, 2013), mantida em estado de ruralização por longo tempo, devido a situação, pós mineração do ouro,

<sup>12</sup> *O Popular*. 03 de abril de 2013. Ano 74, n. 21.641. p. 7.

<sup>13</sup> Fonte: Goiânia, quarta-feira, 03 de abril de 2013. *O Popular*. Ano 74, n. 21.641. Capa.

<sup>14</sup> Bandeiras foram expedições, particulares ou oficiais, de penetração no território brasileiro no século XVI (ASSIS, 2005, p. 19).

de isolamento da população, quando então "o contato com o litoral praticamente desapareceu" (STEVAM, 2004, p. 67).

A heterogenia cultural constitutiva do povo goiano se revela na linguagem e faz de Goiás uma *comunidade de fala* no sentido laboviano, isto é, um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos comuns, nível quantitativo maior de comunicação endógena e normas e atitudes semelhantes frente aos usos de linguagem (LABOV, 1972, p. 158, 179).

Em nossa pesquisa, a integração rural-urbano se evidenciou, de um lado, pela concordância não padrão com *nós*, na proporção de 21% dos dados de uso desse pronome, representando a valorização da cultura rural; e, pela predominância, em primeira pessoa do plural, do uso de *a gente* num percentual de 78% (MATTOS, 2013. p. 108), representando a valorização da cultura urbana.

Nossa investigação se baseou em amostra da fala urbana de Goiás composta entre 2009 e 2011. Foram entrevistadas 55 pessoas, 28 mulheres e 27 homens, entre 16 e 86 anos, provenientes de 20 municípios do Estado, inclusive da capital, Goiânia, com um mínimo de 10 anos<sup>15</sup> de estudos regulares.

Alguns exemplos com primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na fala da comunidade goiana encontram-se nos dados de (1) a (6) a seguir.

(1) *mas nós fala errado porque nós qué, porque assim... nós é assim*

(2) *na época nós era pequeno...*

(3) *nós começamos assim, mais ou menos umas quatro horas da tarde, nós chegou lá na casa da minha tia, de noite já*

(4) *eu alcancei ela, porque nós somos um ano de diferença*

(5) *Hoje nós exportamos pra sessenta e cinco países*

(6) *Então foi coisa extraordinária o apoio que minha família dava pra essa parte musical e dois dias antes nós ensaiamos e pegamos a música pra tocar lá, foi incrível porque o pessoal conhecia assim, só sabia que a gente tocava, nunca tinha visto assim, tinha gente que até duvidava, dizia que a gente conversava fiado e quando nós tocamos lá, quando eu dei o clique na baqueta assim e puxei a primeira música*

O exemplo de fala em (1) é emblemático do contexto goiano. Aparentemente contém uma confissão, mas na realidade compreende a representação de dois olhares, um externo e um interno à comunidade. O externo julga errado, mas isso, segundo o olhar interno à comunidade, não interfere nem no desejo de falar assim nem no de ser assim, goiano/goiana.

---

<sup>15</sup> Devido a presença de pessoas com 8 anos de escolarização no ensino fundamental, em vez dos atuais 9 anos, fizemos o retrocesso para 10 anos corresponderem ao patamar mínimo estabelecido de estar cursando pelo menos o 2º ano do Ensino Médio atual.



## **A investigação variacionista: resultados e interpretações**

Na perspectiva laboviana, a linguagem é uma forma de comportamento social (LABOV, 1972, p. 183), intrinsecamente variável, cuja compreensão supõe presumir uma correlação entre os fenômenos linguísticos e seus contextos de prática (SANKOFF, 1988a, p. 157). Índícios dessa correlação são alcançados via um tratamento estatístico das configurações dos dados coletados, com extração de regularidades que governem a variação na comunidade analisada (LABOV, 1994, p. 25; SANKOFF, 1988a, p. 141). Nas próximas seções trataremos, por ordem, da concordância verbal variável com *nós* e da alternância de uso de *nós* vs. *a gente*.

### **A concordância verbal variável com *nós***

A menção ao uso generalizado de singular verbal com as pessoas do discurso na fala goiana, inclusive com o pronome *nós*, remonta ao dialeto caipira (AMARAL, 1982, p. 42), trazido pelos bandeirantes e nativizado em solo goiano. Outros estudiosos, como o dialetologista José A. Teixeira e o escritor Hugo de Carvalho Ramos, também citam essa característica de uso frequente de singular verbal em contextos de plural.

Segundo Amadeu Amaral (1982, p. 72) o singular no verbo acontece mais frequentemente em caso de esquiva da forma verbal proparoxítona: "Quando esdrúxula, a forma se identifica com a do sing.: *nois ia, fosse, andava, andasse, andaria, fazia, fizesse, fazeria*"<sup>16</sup>. Para José A. Teixeira (1944, p. 102) essa característica de uniformidade da flexão nas pessoas verbais invariavelmente no singular é notável na fala de Goiás e dá como um exemplo "Nois foi dá pastu u gadu" (TEIXEIRA, 1944, p. 115). Hugo de Carvalho Ramos (1950, p. 131) descreve o sertão goiano e a fala do roceiro, em matéria veiculada na imprensa em 1918<sup>17</sup>, como de um desconhecimento absoluto das concordâncias.

Em pesquisa etnográfica, com coleta de fala datada entre 1997 e 1999, Muniz (2010, p. 196) confirma essa tendência: na comunidade rural goiana de Jaraguá, localizada a 120 km de Goiânia e a 205 km de Brasília, vigora a tendência dos falantes de usar a forma não padrão na concordância verbal.

---

<sup>16</sup> Resultados de variável linguística de nossa pesquisa confirmam essa tendência apontada por Amaral (1982, p. 72).

<sup>17</sup> O título do artigo é "O interior goiano" (RAMOS, 1950, p. 131).

Esses apontamentos são relevantes porque indicam um uso duradouro e continuado, com consequências para a legitimação de que o uso de singular com *nós* na fala goiana tem valor simbólico positivo e identitário. É importante ressaltar que não se trata de reconhecer o fenômeno do uso de *nós* com verbo no singular como próprio unicamente da fala goiana. Esse uso acontece em outras localidades brasileiras, já evidenciado nas pesquisas de Naro, Gorsky e Fernandes (1999, p. 201), Rubio (2012), Zilles (2005), Fernandes (1996) entre outras. No contexto goiano, no entanto, ele remete à matriz linguística de base rural, valorizada mesmo em área urbana, atitude que contrasta com as frequentes atitudes de estigmatizar esse uso no restante do Brasil.

Em 579 dados de *nós* na amostra goiana foram encontrados 123 casos de concordância verbal não padrão, isto é, 21% de frequência de verbo no singular. Este percentual, na oralidade de pessoas com 10 anos ou mais de escolarização, em fala gravada com conhecimento da gravação, revela uma conduta no mínimo desafiadora às expectativas generalizantes de que a escola definitivamente modela um comportamento gramatical padrão na fala das pessoas que moram em meios urbanos brasileiros porque essa é a forma de prestígio na sociedade bem educada.

Numa visão externa à comunidade goiana, a porcentagem de 21% de uso de verbo no singular com *nós* se destaca justamente por apontar uma descontinuidade (o PB não padrão), um desempenho não presumido na fala de pessoas de meio urbano que estudaram até, no mínimo, o segundo ano do Ensino Médio. Numa visão interna à comunidade, porém, essa é uma prática linguística reconhecida como legítima, do tipo que o goiano ou a goiana poderiam defender como "sempre esteve por aqui e ainda nos representa".

É perfeitamente possível interromper, por um breve momento, as rotinas da pesquisa acadêmica e enxergar como autêntica a percepção de quem mora e trabalha no Estado há várias décadas (eu mesma) e prescinde, num primeiro momento de análise, de elaborados testes de atitude sociolinguística para concluir que o povo goiano tem esse uso como um patrimônio linguístico.

A tabela 1 a seguir apresenta os resultados das variáveis sociais selecionadas na análise da concordância verbal variável com *nós*.

**Tabela 1** - Efeito das variáveis sociais na análise da concordância verbal não padrão com *nós* na fala urbana de Goiás - Amostra MATTOS (2009 - 2011)  
Resultados em percentuais e em pesos relativos em relação à ausência da concordância verbal

VARIÁVEIS SOCIAIS	PERCENTUAL DE SINGULAR	PESOS RELATIVOS
<b>FAIXA ETÁRIA</b>		
16 a 24 anos	48/133 = 36%	0,82
25 a 40 anos	52/256 = 20%	0,54
41 a 86 anos	23/190 = 12%	0,22
<i>Range</i>		60
<b>SEXO/GÊNERO DO FALANTE</b>		
Feminino	62/254 = 24%	0,70
Masculino	61/325 = 19%	0,34
<i>Range</i>		36
<b>ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO</b>		
10 – 11 anos de estudos (Ensino Médio)	58/163 = 36%	0,80
Mais de 11 anos de estudos (Ensino Superior)	65/416 = 16%	0,36
<i>Range</i>		44
<b>TOTAL</b>	<b>123/579 = 21%</b>	

Elaboração própria.

Esses resultados foram alcançados com convergência<sup>18</sup> e a ordenação dos *ranges*<sup>19</sup> indica que as magnitudes dos efeitos das variáveis, por ordem decrescente, são faixa etária (60), anos de escolarização (44) e sexo/gênero do falante (36). Para as variáveis faixa etária e sexo/gênero do falante, as tendências apontadas nos fatores das variáveis sociais selecionadas são de que o singular verbal é favorecido na fala dos jovens (0,82) e das mulheres (0,70), enquanto desfavorecem esse uso os mais velhos (0,22) e os homens (0,34).

O protagonismo dos jovens, indicado pelo maior *range* (60), é mais um ponto desafiante pois numa perspectiva externa à comunidade na análise dos resultados, esse protagonismo vai contra a expectativa de que somente uma situação de conversa oral entre pares poderia apresentar as condições ideais para a emergência do sujeito de primeira pessoa do plural *nós* com o verbo no singular. As entrevistas que realizamos com as pessoas jovens, indivíduos entre 16 e 24 anos, foram feitas em situação de interação com uma pessoa adulta, desconhecida, portando um instrumento de gravação da fala.

Se considerarmos o que Labov (1972, p. 209) denomina o Paradoxo do Observador, isto é, uma situação na qual o pesquisador, que necessita captar a fala natural das pessoas,

<sup>18</sup> A convergência indica a parada do cálculo estatístico pelo programa em razão de se ter alcançado um resultado otimizado entre o modelo matemático e os dados observados (GUY e ZILLES, 2007, p. 238).

<sup>19</sup> O *range* é uma medida da magnitude dos efeitos das variáveis selecionadas na rodada (TAGLIAMONTE, 2006, p. 242). Range maior indica efeito maior.

pode não conseguir fazê-lo porque as pessoas tendem a monitorar sua própria fala quando estão sendo observadas, então teremos de reconhecer alguma peculiaridade na situação, uma vez que os jovens não se monitoraram para eliminar da conversa a prática linguística, desprestigiada segundo um olhar externo à comunidade de fala goiana.

Também poderíamos questionar se a educação formal estaria desempenhando seu papel de orientar o ensino de língua materna para o domínio da expressão culta brasileira (FARACO, 2015, p. 26). Não se trata de avaliar negativamente a instituição escolar. Os próprios resultados estatísticos apontam uma diferença de desempenho entre quem tem mais e quem tem menos anos de estudos. Goianos e goianas do primeiro tipo tendem a desfavorecer (0,36) o uso do singular verbal; aqueles com menor nível de escolarização tendem a favorecer (0,80) o singular verbal.

Numa análise variacionista em *tempo aparente* (LABOV, 1972, p. 163; 1994, p. 45) os jovens estariam indicando uma mudança em curso, pois tendencialmente eles são favorecedores do uso do *nós* com singular verbal, fortificando-o e ampliando suas possibilidades de continuação.

No entanto, a projeção desse aumento em Goiás não se define claramente como uma mudança linguística em curso. Antes sugere uma situação de estabilidade para esse uso, no sentido de que ele representa um uso longo na comunidade. Também não é o caso de optar pela interpretação de que os jovens estejam desafiando limites, criando identidade frente aos adultos e delimitando uma solidariedade de uso entre pares (TAGLIAMONTE, 2016, p. 53).

Não é estranho os jovens avaliarem positivamente a fala vernácula e prestigiem seu uso. Esse foi o exemplo de alguns jovens de Martha's Vineyard (LABOV, 2008 [1972]), uma ilha pertencente ao estado norte americano de Massachusetts muito procurada para veraneio. Nos anos 1960, uma pesquisa de Labov (2008 [1972]) na comunidade vineyardense às voltas com uma invasão de veranistas pouco sensíveis aos valores locais, reconheceu que estaria em curso uma mudança linguística nos ditongos [ay] e [aw], no sentido de seu aumento de uso, articulados com centralização na fala local. Analisando a fala dos jovens ilhotas concluiu que havia um contraste linguístico entre os jovens que não planejavam deixar a ilha e aqueles que pretendiam sair dela (LABOV, 1972, p. 32). Os jovens que pretendiam sair para estudar fora, mas voltar e se estabelecer na ilha, demonstravam altos índices de centralização vocálica; na fala daqueles jovens que não tinham o propósito de voltar e se estabelecer na ilha, no entanto, ocorria uma baixa centralização dos ditongos [ay] e [aw]. A identificação com a ilha era a razão para expressar com realce quantitativo uma característica local.

Interpretar a alternativa dos jovens goianos pelo uso do verbo no singular com *nós* como uma prática análoga àquela dos jovens vineyardenses identificados com a ilha pela centralização dos ditongos na fala é possível. Como motivação fundamental, ambos enfrentam a situação de um constante fluxo de imigrantes, com novos valores e/ novos costumes. Afirmar a identidade linguística local frente a essa ocupação é um ato de salvaguarda simbólica e solidariedade social.

Faz-se necessário, porém, uma aprofundamento na investigação dessa identidade na fala dos jovens goianos, com ampliação da amostra com faixas etárias mais jovens e a consideração de novas variáveis de análise como grau de exposição à mídia e às redes sociais, grau de mobilidade espacial e grau de independência do jovem na tomada de decisões em função do compromisso crescente dos pais com o mercado de trabalho.

No âmbito da escolarização, a fala goiana, em comparação a outras localidades brasileiras, apresenta índices mais altos de variação verbal com *nós*. Na pesquisa de cunho variacionista de Rubio (2012, p. 277), por exemplo, baseada no PB falado no interior de São Paulo, do Banco de Dados Iboruna, os índices de verbo no singular para diferentes níveis de escolarização como Ensino Médio (9 a 11 anos) e Ensino Superior (12 anos ou mais) ficaram bem abaixo dos índices encontrados em Goiás: para Ensino Médio, Rubio (2012, p. 277) encontrou 9,1% de CV não padrão com *nós*, contra 36% em Goiás; para Ensino Superior, Rubio (2012, p. 277) encontrou 4,2% de CV não padrão, contra 16% em Goiás. São diferenças a serem compreendidas segundo um horizonte sócio-histórico e cultural goiano.

A diferença de comportamento linguístico entre homens e mulheres, evidenciado pela seleção estatística, aponta que eles desfavorecem o uso de *nós* com verbo no singular (0,34), elas o favorecem (0,70). Segundo a perspectiva de Bortoni-Ricardo (2011, p. 237), essa diferença espelharia a diferença na transição rural-urbano. Os homens estariam em processo mais adiantado de ajuste à norma padrão exigida no mercado de trabalho e por isso estariam menos propensos à norma não padrão em uso na comunidade. Nessa perspectiva, a fala feminina em Goiás teria um perfil conservador, no sentido de ser mantenedora da forma identitária da comunidade. A continuidade da pesquisa alcançará essa perspectiva de diferenciação de comportamento linguístico entre homens e mulheres de Goiás, e também os efeitos da presença/ausência da desinência *-mos* na perspectiva de Naro, Gorsky e Fernandes (1999) e Scherre, Naro, Mattos, Foeger e Benfica (2014), isto é, considerando os efeitos nos níveis funcional (distinção entre tempos verbais) e fonológico (conservação do padrão predominante no Português Brasileiro).

O tema da sintaxe de concordância, verbal e nominal, na fala dos goianos, foi matéria veiculada no jornal goiano *O Popular*. A sondagem empreendida apresentou declarações do tipo:

O goiano é meio rompido com os plurais das palavras. Quando está em família, em conversas informais com amigos, se a situação não pedir uma linguagem formal, bonitinha, aí é que ele não usa o “s” mesmo. E de roldão extermina também as concordâncias verbais e nominais. (BORGES, 2013, p. 7).

Essas afirmações exprimem, em alguma medida, a autopercepção dos goianos, exposta para o mundo via imprensa. Segundo o texto de capa do jornal *O Popular* (Ver Figura 3), o povo goiano está com a autoestima elevada e tem orgulho de suas origens.

Vale enfatizar que o uso de singular verbal com *nós* em primeira pessoa do plural em Goiás não significa um vestígio da ruralidade a ser indiscutivelmente apagado com o aumento da escolarização, trata-se de uma característica linguística identitária renovada.

#### **A alternância *nós* vs. *a gente* em Goiás**

O uso de *a gente* no Brasil tem se revelado um comportamento característico de interações em áreas urbanas, evidenciado em pesquisas variacionistas desde a década de 1990: 79% em João Pessoa, no Estado da Paraíba (FERNANDES, 1996; 2004, p. 156); 75% no Rio de Janeiro (NARO, GÖRSKI E FERNANDES, 1999, p. 208); 71% em Vitória, Espírito Santo (MENDONÇA, 2012, p. 4); e 69% em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (ZILLES, 2007, p. 33).

O mesmo se dá em Goiás, onde o *a gente* predomina (78%) em áreas urbanas, as quais constituem atualmente mais de 90% do território<sup>20</sup>. Na tabela 2 a seguir estão expostas as variáveis sociais selecionadas para a alternância de uso *nós/a gente*, com os *ranges* e os pesos relativos correspondentes ao *a gente*.

---

<sup>20</sup> Informação disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=go&tema=sinopse\\_censodemog2010](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=go&tema=sinopse_censodemog2010)>. Acesso em 20 mar. 2017.

**Tabela 2** - Alternância *a gente* vs. *nós* com concordância na fala urbana de Goiás  
 - Amostra MATTOS (2009 - 2011)  
 Resultados em percentuais e em pesos relativos em relação à forma *a gente*

VARIÁVEIS SOCIAIS	FREQUENCIA DE A GENTE	PESOS RELATIVOS
<b>FAIXA ETÁRIA</b>		
16 a 24 anos	597/682=88%	0,70
25 a 40 anos	708/912=78%	0,50
41 a 86 anos	266/433=61%	0,22
<i>Range</i>		48
<b>SEXO/GÊNERO DO FALANTE</b>		
Feminino	776/ 968=80%	0,60
Masculino	795/1059=75%	0,41
<i>Range</i>		19
<b>ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO</b>		
10 – 11 anos de estudos (Ensino Médio)	697/802=87%	0,69
12 anos ou mais de estudos (E. Superior)	874/1225=71%	0,37
<i>Range</i>		32
<b>TOTAL</b>	<b>1571/2027=78%</b>	

Elaboração própria.

Esses resultados estatísticos, assim como aqueles relativos à concordância verbal variável com *nós*, foram alcançados com convergência. E evidenciam, de antemão, outra similaridade: a ordenação dos *ranges* e a ordenação dos fatores das variáveis para o *a gente* (alternância) são semelhantes àquelas ordenações reveladas no fenômeno da variação verbal com *nós*, expostas na Tabela 1.

A magnitude dos efeitos das variáveis para o *a gente* também apresenta a ordenação: faixa etária (48), anos de escolarização (32) e sexo/gênero do falante (19). E são os mesmos os agentes implicados: os jovens (0,70), as mulheres (0,60) e o segmento menos escolarizado da amostra (0,69). De forma que temos os jovens tanto favorecendo o uso do *a gente* (0,70) quanto o uso do verbo no singular com *nós* (0,82); as mulheres tanto favorecendo o uso do *a gente* (0,60) quanto o uso do verbo no singular com *nós* (0,70); e os falantes com até 11 anos de escolarização favorecendo tanto o *a gente* (0,69) quanto o uso do singular verbal com *nós* (0,80).

Esse arranjo revela uma simetria no comportamento linguístico dos agentes envolvidos. A conexão entre os fenômenos se dá no plano da *goianidade* (CHAUL, 2011)

como concepção e como atuação social. Falantes goianos escolarizados partilham atitude positiva em um cenário duplo: com o uso majoritário do *a gente* em paralelo ao uso vernáculo do *nós* com verbo no singular, aspecto linguístico do caipira, do homem do campo, nesse caso não negativizado.

Faz sentido a proposta de Omena (1986, p. 106), corroborada por Lopes (2003, p. 119) de que no Brasil uma substituição de *nós* por *a gente* na década de 1960 tenha se iniciado pelas mulheres. Em Goiás, o papel sociolinguístico delas tem sido duplo: como vanguarda ao optarem pelo *a gente*, uma forma nova de primeira pessoa do plural, e como retaguarda ao optarem pela manutenção do *nós* com uso vernáculo.

Em janeiro de 2014, a natureza integradora do goiano e seu exemplo como estímulo para "mudanças simbólicas intensas" (BORGES, 2013, p. 2) foi testado. Numa sociedade que harmoniza o rural e o urbano, deu-se o fato da cirurgia de mudança de sexo de um delegado da Polícia Civil de Goiás, atuante na região metropolitana de Goiânia. Na ocasião, o delegado-chefe de Comunicação da Polícia Civil destacou a competência da nova servidora, ponderou que o problema para a Polícia Civil é "policial corrupto, truculento, omissivo e que não atende bem"<sup>21</sup> e que haveria possibilidade de atender ao interesse dela para atuar na Delegacia da Mulher, assumindo o posto como a primeira funcionária transgênero de Goiânia. Em nenhum momento houve avaliações negativas ou reações adversas, condutas em geral associadas a sociedades rurais conservadoras. O que se deu na realidade foi uma reafirmação da capacidade goiana para a integração entre tendências conservadoras e tendências modernizadoras, ambas interagindo no espaço urbano.

### **Considerações Finais**

As evidências estatísticas alcançadas na análise dos fenômenos de alternância de uso das formas *nós* e *a gente* e de concordância verbal variável com *nós* na fala de pessoas nascidas em Goiás, na faixa etária entre 16 e 86 anos, moradoras em áreas urbanas e com no mínimo 10 anos de escolarização apontam fenômenos linguísticos distintos regidos pelos mesmos agentes e com iguais dinâmicas linguísticas. Na alternância de uso das formas de primeira pessoa do plural predomina o *a gente*, favorecido na fala dos jovens, das mulheres e daqueles com menos anos de escolarização; na variação verbal com *nós*, o singular é uso

---

<sup>21</sup> Informações disponíveis em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1402594-delegado-de-goias-faz-cirurgia-de-mudanca-de-sexo.shtml>>. Acesso em: 30 abr. 2016.



também favorecido na fala dos jovens, das mulheres e daqueles com menos anos de escolarização.

Razões de diversas ordens, ao longo do tempo, como o avanço da estrada de ferro, vinda de São Paulo, nos anos 1930-50, a inauguração de Brasília, a nova capital do país, nos anos 1960, o impulso de ocupação de terras no Centro-Oeste e o início do desenvolvimento da industrialização nos anos 1970, por exemplo, geraram uma conjuntura que levou ao fortalecimento do intercâmbio de Goiás com outros Estados da Federação e ao desenvolvimento econômico local em novas bases. São transformações que, juntamente com o crescente número de imigrantes, expandiram os usos linguísticos, certamente promovendo a introdução do *a gente* sem, contudo, excluir o uso do verbo no singular com *nós*.

Atualmente, a fala goiana de primeira pessoa do singular se assemelha ao que vigora no Brasil, no que se refere à predominância do *a gente*, mas se diferencia no que diz respeito ao uso do *nós* com singular verbal, em proporção (21%) acima da encontrada em pesquisas sociolinguísticas de áreas urbanas brasileiras.

Essa porcentagem foi captada entre pessoas com mais de 10 anos de escolarização nesta pesquisa, mas nossa expectativa é de que em uma amostra de fala goiana mais abrangente esse percentual seja maior. Moramos no Estado há muito tempo e não temos percebido, ainda que não tenhamos evidências estatísticas no momento, um arrefecimento desse uso, encontrável na fala de pessoas das mais diversas ocupações profissionais.

Tomamos a versatilidade do povo goiano, a reconhecida *goianidade*, uma característica cultural que se baseia na mescla de campo e cidade, urbano e rural (CHAUL, 2002, p. 30), uma interpretação confiável para a compreensão da coexistência de valores linguísticos que localmente se harmonizam, embora, de uma perspectiva exterior à comunidade, sejam valores linguísticos inconciliáveis. A comunidade de fala goiana integra um uso da herança rural (o *nós* com verbo no singular) com um uso que representa a urbanidade (o *a gente* com verbo no singular)<sup>22</sup>. Nesse sentido, reconhecemos, na realidade linguística goiana de primeira pessoa do plural, um duplo alinhamento: uma filiação identitária linguística nacional, pelo uso preponderante do *a gente*, e a preservação de uma identidade linguística local, pelo uso do *nós* com verbo no singular (MATTOS e SCHERRE, 2015).

A continuação deste estudo, dependente da ampliação da amostra, continuamente na perspectiva teórico-metodológica do variacionismo laboviano (LABOV, 2008 [1972]),

---

<sup>22</sup> A fala de Goiás apresentou baixíssimo nível de plural no verbo com sujeito *a gente*.

tratará: 1) da frequência de uso do *nós* com verbo no singular em outras faixas etárias e outros níveis de escolarização na comunidade de fala goiana; 2) de discutir a perspectiva de Naro e Scherre (2016), para quem a instituição do *a gente* no PB, um sujeito no singular representando semanticamente a primeira pessoa do plural, promoveu uma maneira de impedir o conflito sociolinguístico de uso do *nós* com verbo no singular, um uso estigmatizado em áreas urbanas brasileiras; e 3) aprofundará a investigação nas perspectivas de variação estável ou de mudança em curso (WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. 1968, p. 103; LABOV, 1972, p. 160-163).

### Referências

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4.ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, 1982.
- ASSIS, Wilson R. *Estudos de história de Goiás*. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.
- BERTRAN, P. (org.). *Notícia geral da capitania de Goiás em 1783*. Tomo I. Goiânia/Brasília: Ed. Da PUC Goiás, Ed. Da UFG, Solo editores, 1997.
- BORGES, R. Mundo novo sem porteiras. *O Popular*, 3 abr. 2013. p. 2. Porque a gente é assim. Caderno Especial.
- \_\_\_\_\_. Puxa o “r” de cá, engole o “s” de lá. *O Popular*, 3 abr. 2013. p. 7. Porque a gente é assim. Caderno Especial.
- BORGES, Dalmo Vinicius C. *Construções causativas no português do Centro-Oeste nos séculos XVIII-XIX e no português atual*. Brasília, 2008. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.
- BORGES, D. V. C. e SALLES, H. M. M. L. Complementação sentencial no português da província de Goiás no século XVIII. Fortaleza, SBPC, jul. 2005. Disponível em: [http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/senior/RESUMOS/resumo\\_2881.html](http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/senior/RESUMOS/resumo_2881.html)
- BORGES, Dalmo; LIMA-SALLES, Heloisa M. M. ; PILATI, Eloisa. O Projeto "O Centro-Oeste na história do português brasileiro: subsídios da sócio-história ao estudo da mudança linguística e hipóteses de trabalho. In: CARDOSO, Caroline R.; SCHERRE, Maria M. P. ; LIMA-SALLES, Heloisa M. M.; PACHECO, Cintia. *Variação linguística, contato de línguas e educação: contribuições do III Encontro do Grupo de Estudos Avançados de Sociolinguística da Universidade de Brasília*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 219 – 237.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BRASIL. Presidência da República. *Constituição da Republica Federativa do Brasil*, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/>.

CHAUL, Nasr F. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora da UFG, 2002.

\_\_\_\_\_. A identidade cultural do Goiano. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 63, n. 3, July 2011. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252011000300016&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252011000300016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 Set. 2011.

CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 18. ed. São Paulo: Global, 1985.

ESTEVAM, Luís. *O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás*. 2.ed. Goiânia, GO: Ed. Da UCG, 2004.

FARACO, C. A. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (orgs.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

FERNANDES, Eliene. Fenômeno variável: nós e a gente. In: HORA, D. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria (RS): Pallotti, 2004.

FERNANDES, Eliene. *Nós e a gente: variação na cidade de João Pessoa*. 1996. 117f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1996.

FREITAS, Lena C. B. F. de; SILVA, Nancy H. R. de A. e. Fazendas goianas. *Ateliê geográfico*. Goiânia – GO, v. 7, n. 3, p. 257 – 267, dez. 2013.

GUY, G. R. e ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *População jovem no Brasil: a dimensão demográfica*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/Popula>

\_\_\_\_\_. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015* / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [*Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, M. Marta P. Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008].

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford, Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change: social factors*. Massachusetts: Blackwell publishers, 2001.

LACERDA, Regina. *Folclore brasileiro: Goiás*. Rio de Janeiro: MEC – FUNARTE, 1977.

LOPES, Célia R. dos Santos. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2003. Col. Linguística Iberoamericana, vol. 18.

MATTOS, S. E. R. *Goiás na primeira pessoa do plural*. Brasília. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, 2013.

MATTOS, S. E. R. e SCHERRE, M. M. P. Local and National Identity in Central Brazil. NWAV 44. Toronto, Canadá. Pôster. 2015.

MENDONÇA, Alexandre K. de. *Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba*. Rev. Percursos linguísticos. v. 2, n. 4 (2012). Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/3173/2639>>. Acesso em 1 mai. 2016.

MUNIZ, L. M. C. Falas jaraguenses: uma etnografia de uma comunidade rural goiana. In: BORTONI-RICARDO, S. M.; VELASCO, A. M. de M. Sarmiento; FREITAS, V. A. de L. (orgs.). *O falar candango: análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais*. Brasília: Editora UnB, 2010.

NASCIMENTO, André M. Variação e mudança na expressão do dativo em comunidades rurais goianas e suas relações com o português brasileiro. *Domínios de lingu@gem*. Ano 3, n. 2, 2/2009. p. 36-74.

NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, Philadelphia, v. 11, n. 2, p. 197-211, 1999.

NARO, A. J. e SCHERRE, M. M. P. General principles governing variation in Brazilian Portuguese. NWAV 45, Plenaries. 3 – 6 nov. 2016. Simon Fraser University. Canada, 2016. Disponível em: <<http://linguistics.arts.sfu.ca/nwav45/program/>>. Acesso em 20 mar. 2017.

NAZARIO, M. de L. O uso variável do artigo definido diante de possessivo na variedade linguística dos Almeidas –GO. In: CARDOSO, Caroline R.; SCHERRE, Maria M. P. ; LIMA-SALLES, Heloisa M. M.; PACHECO, Cintia. *Variação linguística, contato de línguas e educação: contribuições do III Encontro do Grupo de Estudos Avançados de Sociolinguística da Universidade de Brasília*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

NOGUEIRA, M. F. M. *et alii*. A idealização da natureza, do imaginário ao comemorado: os processos de simbolização em narrativas da identidade rural goiana. *Comunicação & informação*, v. 16, n. 1, p. 36 – 49. Jan./ jun. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/ci/article/view/24437/15329>>. Acesso em 04 mai. 2016.

OMENA, N. P. “A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural”. In: NARO, A. J. et alii: *Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986, 2:286 – 319.

PÁDUA, Hosamis R. de. *Linguística e história em Acaba Vida*. Goiânia: Ministério da Integração Nacional/UFG, 2002. Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Obras completas*. São Paulo: Panorama, 1950.

REZENDE SANTOS, Tânia Ferreira. A mudança *Adjetivo/Nome > Nome/Adjetivo* e o conservadorismo da fala rural goiana. Belo Horizonte, 2008. 573 f. Tese (Doutoramento em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

REZENDE, Tânia F. Tendências à padronização da realização fonética do /R/ em Goiás. In: CARDOSO, Caroline R.; SCHERRE, Maria M. P.; LIMA-SALLES, Heloisa M. M.; PACHECO, Cintia. *Variação linguística, contato de línguas e educação: contribuições do III Encontro do Grupo de Estudos Avançados de Sociolinguística da Universidade de Brasília*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, 1995.

RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. 2012. 392f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SALLES, O *Centro-Oeste na história do português brasileiro*. Projeto de pesquisa. PIBIC/CNPQ – UnB, 2004.

SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, Sali & SMITH, Eric. *Goldvarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <[http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref)>.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. *Linguistics: the Cambridge Survey*. IV Language: the socio-cultural context (F. Newmeyer, ed.), Cambridge: Cambridge University Press, 1988a. p. 140-161.

\_\_\_\_\_. Variable rules. In Ammon, U., Dittmar, N. & Mathheier, K.J. (Eds.), *Berlin Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society Vol. 2*. Walter de Gruyter, 1988b. p. 984-998.

SANTOS, Tânia F. R. e PÁDUA, H. R. de. “*r caipira*” e identidade lingüística em Goiás. Resumos do III Encontro da ABECS - Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, 2004. Disponível em: [http://www.abecs.net/site/images/stories/arquivos/PDF/3\\_resumos.pdf](http://www.abecs.net/site/images/stories/arquivos/PDF/3_resumos.pdf).

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. ; MATTOS, S.; FOEGER, C. e BENFICA, S. Concord without concord: 1st plural pronoun nós ‘we’ in Brazilian Portuguese. Disponível em: <[http://www.nwav43.illinois.edu/program/documents/Scherre-Longabstract\\_2014\\_09\\_13\\_23\\_16\\_18\\_965.pdf](http://www.nwav43.illinois.edu/program/documents/Scherre-Longabstract_2014_09_13_23_16_18_965.pdf)>. Acesso em 13 mar. 2017.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing sociolinguistic variation*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *Teen talk*. The language of adolescents. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

TEIXEIRA, José D'Aparecida. *Estudos de dialetologia portuguesa: linguagem de Goiás*. São Paulo: Anchieta, 1944.

TELLES, José Mendonça. Ser goiano. UBE-GO, 2010. Disponível em: <http://www.ubebr.com.br/post/cronica/ser-goiano-jose-mendonca-telles>. Acesso em mai. 2011.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.]

ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of a gente as a cluster of changes: evidence from apparent and real time studies . *Fórum Lingüístico*. v. 4, n. 1 (2007).

ZILLES, Ana M. S. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. *Language variation and change*, 17, 19-53. Cambridge U. Press, 2005.

Artigo recebido em: 04/04/2017.

Artigo aceito em: 05/07/2017

Artigo publicado em: 20/07/2017.

## REVISTA (CON)TEXTOS LINGUÍSTICOS

### POLÍTICA EDITORIAL

- A Revista (*Con*)*Textos Linguísticos* publica artigos inéditos sobre fenômenos linguísticos de pesquisadores doutores brasileiros e estrangeiros.
- Os trabalhos são apreciados por dois membros do Conselho Editorial. Havendo divergência entre eles na indicação para publicação, o trabalho é submetido à avaliação de um terceiro parecerista, na qual a Comissão se baseará para decisão final sobre a publicação.
- A Comissão Editorial cientificará os autores sobre o conteúdo total ou parcial dos pareceres emitidos sobre o trabalho, garantindo o anonimato dos pareceristas, uma vez que os pareceres são de uso interno da Comissão. Os autores serão notificados da aceitação ou recusa dos seus artigos.
- Os artigos podem ser escritos em português, inglês, espanhol ou francês.
- Os dados e conceitos contidos nos artigos, bem como a exatidão das referências, serão de inteira responsabilidade do(s) autor(es).
- Os originais apresentados não devem ter sido submetidos a outro periódico simultaneamente.
- Os direitos autorais referentes aos artigos aprovados serão concedidos, sem ônus, automaticamente à revista (*Con*)*Textos Linguísticos*, a qual poderá então publicá-los com base nos incisos VI e I do artigo 5º da Lei 9610/98.

### NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

1. O artigo deve ser digitado em *Word for Windows*, versão 6.0 ou superior, em papel A4 (21 cm X 29,7 cm), com margens superior e esquerda de 3 cm e direita e inferior de 2 cm, sem numeração de páginas. A fonte deverá ser *Times New Roman*, tamanho 12, em espaçamento 1,5 entre linhas e parágrafos, com alinhamento justificado. Entre texto e exemplo, citações, tabelas, ilustrações, etc., utilizar espaço duplo.
2. Os artigos devem ter extensão mínima de 10 e máxima de 20 páginas, incluindo todos os dados, como tabelas, ilustrações e referências bibliográficas.
3. O trabalho deve obedecer à seguinte estrutura:
  - *Título*: centralizado, em maiúsculas com negrito, no alto da primeira página.
  - *Nome do(s) autor(es)*: por extenso, com letras maiúsculas somente para as iniciais, duas linhas abaixo do título, alinhado à direita, com um asterisco que remeterá ao pé da página para identificação da instituição a que pertence(m) o(s) autor(es).
  - *Filiação institucional*: em nota de rodapé, puxada do sobrenome do autor, na qual constem o departamento, a faculdade (ou o instituto, ou o centro), a sigla da universidade, a cidade, o estado, o país e o endereço eletrônico do(s) autor(es).

- *Resumo*: em português e inglês (abstract) para os textos escritos em português; na língua do artigo e em português para artigos escritos em língua estrangeira. Precedido desse subtítulo e de dois-pontos, em parágrafo único, de no máximo 200 palavras, justificado, sem adentramento, em espaçamento simples, duas linhas abaixo do nome do autor.
- *Palavras-chave e keywords*: no mínimo três e no máximo cinco; precedidas desse subtítulo e de dois-pontos, com iniciais maiúsculas, separadas por ponto, fonte normal, em alinhamento justificado, espaçamento simples, sem adentramento, logo abaixo do resumo.
- *Texto do artigo*: iniciado duas linhas abaixo das palavras-chave e *keywords*, em espaçamento 1,5 cm. Os parágrafos deverão ser justificados, com adentramento de 1,25 cm na primeira linha. Os subtítulos correspondentes às seções do trabalho deverão figurar à esquerda, em negrito, sem numeração e sem adentramento, com a inicial da primeira palavra em maiúscula. Os subtítulos obrigatoriamente utilizados (**Resumo, Palavras-chave, Abstract, Keywords, Referências**) também se submetem a essa formatação. Deverá haver espaço duplo de uma linha entre o último parágrafo da seção anterior e o subtítulo. Todo destaque realizado no corpo do texto será feito em itálico. Exemplos aos quais se faça remissão ao longo do texto deverão ser destacados dos parágrafos que os anunciam e/ou comentam e numerados, sequencialmente, com algarismos arábicos entre parênteses, com adentramento de parágrafo.
- *Referências*: precedidas desse subtítulo, alinhadas à esquerda, justificadas, sem adentramento, em ordem alfabética de sobrenomes e, no caso de um mesmo autor, na sequência cronológica de publicação dos trabalhos citados, duas linhas após o texto.
  - ✓ Para referências em geral (de livro, de autor-entidade, de dicionário, de capítulo de livro organizado, de artigo de revista, de tese/dissertação, de artigo/notícia em jornal, de trabalhos em eventos, de anais de evento, de verbete, de página pessoal), seguir a NBR 6023 da ABNT. Os *documentos eletrônicos* seguem as mesmas especificações requeridas para cada gênero de texto, dispostos em conformidade com as normas NBR 6023 da ABNT; no entanto, essas referências devem ser acrescidas, quando for o caso, da indicação dos endereços completos das páginas virtuais consultadas e da data de acesso a arquivos *on line* apenas temporariamente disponíveis.
  - ✓ Para citações, seguir NBR 10520 da ABNT. Ressalte-se que as referências no texto devem ser indexadas pelo sistema autor-data da ABNT: (SILVA, 2005, p. 36-37). Quando o sobrenome vier fora dos parênteses, deve-se utilizar apenas a primeira letra em maiúscula.
  - ✓ No caso de haver transcrição fonética e uso de fontes do IPA, é necessário usar somente um tipo de fonte: silDoulosIPA, tamanho 12. A fonte pode ser obtida gratuitamente por meio do *site*: [http://scripts.sil.org/DoulosSIL\\_download](http://scripts.sil.org/DoulosSIL_download)



- *Anexos*, caso existam, devem ser colocados após as referências bibliográficas, precedidos da palavra **Anexo**, em negrito, sem adentramento e sem numeração.
- Os artigos que não se enquadrarem nas normas aqui expostas serão recusados.

O artigo (um e somente um por grupo ou por autor) deverá ser enviado online em dois arquivos digitais, em formato Word for Windows (versão 6.0 ou superior), conforme as normas aqui divulgadas. No texto do primeiro arquivo deverá ser omitida qualquer identificação de seu(s) autor(es). No texto do segundo arquivo com identificação, anexado em "Documentos suplementares", deverá constar ainda, em uma folha que anteceda o artigo, os seguintes dados: nome e endereço completo do(s) autor(es), com telefone, fax e e-mail; formação acadêmica; instituição em que trabalha; especificação da área em que se insere o artigo.

Serão devolvidos aos autores artigos que não obedecerem tanto às normas aqui estipuladas quanto às normas de formatação.

#### REVISTA (CON)TEXTOS LINGUÍSTICOS

##### COMISSÃO EDITORIAL

A/C Alexandro Rodrigues Meireles (Editor-gerente), Janayna Bertollo Cozer Casotti (Editora de Seção), Lúcia Helena Peyroton da Rocha (Editora de Seção), Micheline Mattedi Tomazi (Editora de Seção).

CCHN/ PPGEL – Pós-Graduação em Linguística  
Universidade Federal do Espírito Santo

Av. Fernando Ferrari, nº 514

Campus Universitário – Goiabeiras

CEP 29075-910

Vitória – ES

Tel: 0 (XX) 27 4009-2801

email: [contextoslinguisticos@hotmail.com](mailto:contextoslinguisticos@hotmail.com)